

Diário de Lisboa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES
DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

TELEF.: 20271, 20272, 20273, 21154 e 21155
ENDEREÇO TELEGRÁFICO: D I B O A

REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA

PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º

EDITOR — J. CHRISÓSTOMO DE SA
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

LUTO NO «DIÁRIO DE LISBOA»

Morreu Artur Portela que foi um grande jornalista e que há 38 anos era redactor do «Diário de Lisboa»

A morte, que há pouco tempo ainda nos roubara um camarada querido, voltou a desferir-nos um golpe brutal. Ontem, foi Tavares da Silva; hoje, foi Artur Portela. Quando a notícia nos caiu há poucos minutos, de chofre, na redacção, apoderou-se de todos nós uma comoção violenta e não foi possível reprimir as lágrimas que nos inundaram os olhos e deixaram no rosto um sulco profundo de dor. Falta-nos a serenidade indispensável para traçar estas linhas, que representam uma bem pobre homenagem ao seu nobre carácter e ao seu alto valor profissional.

Artur Portela fora acometido de uma grave doença, mas tudo indicava que o perigo estava afastado e uma prolongada cura de repouso, acompanhada do tratamento adequado, o traria de novo ao nosso convívio fraternal. Infelizmente, o seu coração cansado cedeu aos estragos do enfarte de miocárdio que há três semanas o atacara e esta manhã o nosso querido camarada não resistiu a um segundo ataque que o prostrou para sempre.

Com a sua morte, o «Diário de Lisboa» perde o mais brilhante, o mais completo e o mais antigo dos seus redactores. E o jornalismo português perde um dos mais notáveis profissionais de todos os tempos. Artur Portela fazia parte da redacção do «Diário de Lisboa» desde a primeira hora. Consagrou-lhe a sua vida inteira. Este jornal viu nascer a sua vocação e assistiu às melhores horas de triunfo da sua carreira profissional. Chegou aqui menino e moço, no alvorecer dos seus vinte anos, com o coração cheio de ilusões e a cabeça povoada de sonhos. E aqui ganhou as suas esporas de ouro. Era um temperamento notável de jornalista. Um repórter na mais largo e no mais nobre sentido da palavra, dotado de um talento literário invulgar. A reportagem constituiu durante muitos anos a sua paixão. Percorreu o Mundo em todas as direcções. Viveu, dentro e fora do País, alguns dos maiores acontecimentos do seu tempo. A guerra civil de Espanha proporcionou-lhe páginas modelares. Não recuava diante do perigo. Nunca desertou da primeira linha de combate. Possuidor de um estilo fluente e efervescente, cheio de belas imagens e retocado de grandes pinceladas de cor, a sua prosa era espontânea, fulgurante e nervosa. Cultivou todos os géneros de jornalismo. Tocou todas as teclas da profissão. Dedidou-se primeiro à crítica teatral, depois à crítica literária, que ultimamente o absorvia. Era um profissional completo, com todas as virtudes e com todos os defeitos que a profissão requer. Nos últimos anos,

nou-lhe páginas modelares. Não recuava diante do perigo. Nunca desertou da primeira linha de combate. Possuidor de um estilo fluente e efervescente, cheio de belas imagens e retocado de grandes pinceladas de cor, a sua prosa era espontânea, fulgurante e nervosa. Cultivou todos os géneros de jornalismo. Tocou todas as teclas da profissão. Dedidou-se primeiro à crítica teatral, depois à crítica literária, que ultimamente o absorvia. Era um profissional completo, com todas as virtudes e com todos os defeitos que a profissão requer. Nos últimos anos,

Uma notável carreira de jornalista

Com aquele olhar sempre jovem e irónico, o perfil imperioso e sensível, a boca quase sarcástica, o que Artur Portela era, mais ainda do que o grande, o extraordinário jornalista, de alta vibração, e um escritor sempre latente, demiurgo e estilista que malbaratou o seu coruscante talento, o que ele era, acima de tudo, diz-se numa palavra: Artur Portela era um Homem, com maiúscula, pelo coração, pela coragem, pelo pensamento. Quem o conheceu profundamente jamais poderá deixar de lembrar com a mais comovida veneração os tesouros de ternura, de generosidade, de acesa valentia que o seu aspecto plácido, a sua veia motejadora, tinham o pudor de esconder. Vibrátil, apaixonado, enamorado desde sempre da beleza e da bondade, dos rasgos cavaleirescos, das proezas difíceis, Artur Portela bem pode dizer-se um dos últimos românticos do nosso meio século, romântico não no sentido diminutivo de literato serôdio, que o não era, mas no de paladino exaltado da emoção, do perigo, da aventura e da nobreza de alma. Isso foi-o Artur Portela desde a sua acidentada e impetuosa mocidade aos dias singularmente puros e ardentes desta quadra derradeira da sua vida.

O jornalista de vocação e de paixão

Vocação e paixão: eis as duas palavras que melhor definem a carreira jornalística de Artur Portela, que tão alto soube colocar, com a sua hombridade, com a sua pena fulgurante, com o arrojo e a pron-



ARTUR PORTELA

a sua capacidade de trabalho ficara um tanto diminuída, em virtude de uma depressão nervosa que, de quando em quando, o aligia. Mas não

(Continua na 15.ª página)

O Presidente Eisenhower embora disposto a negociar mostra-se intransigente na defesa dos direitos do Ocidente em Berlim

WASHINGTON, 12. — A União Soviética está já avisada: qualquer conflito armado entre Leste e Oeste que seja uma consequência do caso de Berlim, não poderá ser circunscrito. Os Estados Unidos não tencionam, se forem levados a bater-se em defesa dos seus direitos, lançar-se na Europa numa guerra convencional. Quanto a uma guerra nuclear, ela não deixaria senão vencidos, e se bem que não seja impossível, o Ocidente não assumiria a responsabilidade disso. Tal é o sentido que se dá nos meios oficiais americanos às palavras do Presidente Eisenhower na sua conferência de imprensa. Acrescenta-se ter conseguido dar duas respostas, falando uma só vez: a) — ao indicar, tão claramente quanto possível e sem «encorajar» a «histeria guerreira», que, se os direitos do

Ocidente em Berlim forem lesados por Moscovo, os riscos de um conflito geral serão extremamente grandes; b) — ao responder às críticas dos democráticos do Congresso que se opõem aos limites ou reduções das forças convencionais americanas propostas pelo Governo, afirmando estarem essas forças ultrapassadas e que, no caso de um embate armado, com Moscovo, o arsenal ultra-moderno deverá ser utilizado.

A extraordinária série de declarações feitas por Kruchchev, tanto em Leipzig como em Berlim-Leste, não indicaram, na opinião do Governo americano, ter havido qualquer modificação na atitude fundamental do Kremlin. Mas o Presidente e os seus conselheiros

(Continua na 16.ª página)

Nota do dia

Interrogações

«Nos países em que os regulamentos de higiene alimentar não são tão rigorosos como na Grã-Bretanha...» Este remoque, até certo ponto injurioso, lançado na Câmara dos Comuns a propósito da morte do casal inglês em Vale de Gatos, não pode passar em julgado. É preciso demonstrar aos nossos amigos ingleses que não é menor entre nós o cuidado que se põe na defesa da saúde pública,

para que a afirmação não possa abalar o prestígio do nosso País no estrangeiro. Seja-nos permitido, no entanto, fazer algumas interrogações: Como se exerce entre nós a fiscalização dos produtos alimentares? Que entidades a exercem? Em Lisboa, há uma inspecção sanitária aos géneros que se vendem nos mercados, a cargo de funcionários da Câmara Municipal. Essa fiscalização considera-se eficaz? Por sua vez, os serviços científicos e técnicos procedem a análises laboratoriais, a fim de assegurar a salubridade dos produtos. Existe uma coordenação eficiente entre os diversos organismos fiscalizadores, ou verifica-se, pelo contrário, uma acção dispersiva que não é a mais indicada para preservar o consumidor dos perigos que o ameaçam? Sabido como a retenção de mariscos nos restaurantes ou nas casas da especialidade pode contribuir para a sua deterioração, como se exerce a fiscalização nessas casas, de modo a impedir que sobre a cabeça do consumidor continue a pesar, como uma espada de Damocles, a ameaça da intoxicação alimentar? Estas perguntas carecem de uma resposta que não deixe lugar a dúvidas. Urge defender a saúde pública contra os abusos de pessoas sem escrúpulos — e até para conceder aqueles que procedem honestamente o prémio da sua honestidade, contribuindo deste modo para tranquilizar a opinião e para restabelecer a normalidade do comércio de mariscos, cujos prejuízos afectam tanto a economia privada como a economia nacional.

A Central Leiteira foi inaugurada pelo Chefe do Estado na presença de cinco membros do Governo e do presidente do Município

Foi hoje, finalmente, inaugurada, pelo Chefe do Estado, a Central Pasteurizadora de Leite de Lisboa, importante melhoramento que muito poderá contribuir, para a solução definitiva de um problema antigo e grave para a saúde da população da capital.

O local encontrava-se ornamentado com vasos com plantas; e, em frente do edifício da administração, viam-se, par a par, uma bandeira nacional e outra da Câmara. Na Rua da Cruz Vermelha, foi esta-

(Continua na 11.ª página)



O Chefe do Estado, ao chegar à Central Leiteira, cumprimenta o presidente da Câmara, que se encontra acompanhado pelos dois vice-presidentes

Diário de Lisboa

PUBLICA HOJE
24 PAGINAS

oitos das quais incluem o
«Suplemento Literário» e
a secção desportiva.

Visado pela Comissão
de Censura

O EMBAIXADOR

dr. António de Faria
entregou as credenciais
ao general de Gaulle

PARIS, 12 — O general de Gaulle recebeu hoje em audiência o diplomata António de Faria que, na presença de Couve de Murville, ministro dos Negócios Estrangeiros, lhe apresentou as cartas que o acreditavam como embaixador extraordinário e plenipotenciário de Portugal. — (F. P.)

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

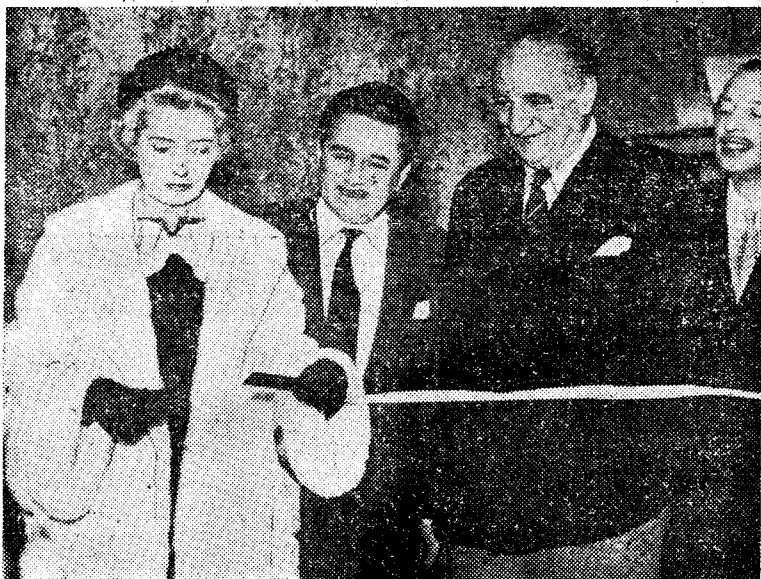
O ministro do Exército em Santarém

SANTAREM, 12 (Pelo telefone).— O ministro do Exército, sr. coronel Almeida Fernandes, veio hoje a esta cidade, em visita oficial à Escola Prática de Cavalaria, acompanhado pelo seu chefe de gabinete, coronel Araujo Silva, pelo director da Arma, sr. brigadeiro Chaby, e pelo governador-militar de Lisboa, sr. general Valente de Carvalho.

Recebido á porta da Escola pelo comandante e pelos restantes oficiais, prestou-lhe guarda de honra um esquadrão, sob o comando do capitão Ferrand, com banda, clarins e fanfarra, que desfilou em continência.

Na sala de honra da Escola recebeu o ministro cumprimentos do comandante e oficiais e depois dos sargentos. Seguiu-se, uma visita a todo o aquartelamento e, na messe dos oficiais, houve um almoço em honra do sr. coronel Almeida Fernandes, a que assistiram todos os membros da sua comitiva, excepto o general Valente de Carvalho, que seguiu para as Caldas da Rainha para se despedir do contingente que dali vai seguir para a Índia.

O «Diário de Lisboa» e o «Sempre Fixe» são vendidos em ALENQUER por Cécilia da Conceição Granada.



O roubo das jóias de lady Docker

Lady Norah Docker, a aristocrática dama inglesa de vida acidentada, que foi uma das celebridades presentes no Carnaval do Estoril, inaugurou, há dias, na companhia de seu marido, o poderoso industrial sir Bernard Docker, que se vê na gravura, á direita, um luxuoso e elegante salão de cabeleireiro em Southampton. Pouco depois, naquela cidade, os gatunos roubavam jóias avaliadas em 150 mil libras (correspondendo a cerca de 12 mil contos), que deixara no seu automóvel, estacionado a uns 150 metros de uma esquadra de Polícia...

É «rei» de 20 países mas não foi «coroado» em Lisboa

Intitula-se «The King of the World» o «bishop» Homer A. Tomlinson, que tem a sede da chamada «The church of God», na «Queens Village», em Nova York, e esta madrugada passou por Lisboa, em viagem da Suíça para os Estados Unidos, num avião da Swissair.

Esta figura curiosa, de robe, coroa, bandeira e trono, passou pelo aeroporto e fez sensação. Percorreu já 18 países e chama-se a ele próprio «King of the World... for Good». Deveria ficar em Portugal, para ser também coroado «King of Portugal... of Good», mas adiou a visita, por razões particulares, seguindo para Nova York. Deveria também visitar alguns países de África, visita que adiou por razões de segurança...

Trazendo consigo completos «News Release», o «bishop» Tomlinson foi coroado em 20 nações, chama-se a ele próprio «Um explorador da Paz» e, nesta sua viagem pelo Mundo, procura arregimentar boas vontades para a «sua igreja»...

Acidente mortal na Beira

BEIRA, 12 — Vítima de um acidente de bicicleta na estrada entre Bajona e Zambézia, faleceu Joaquim Antão da Fonseca, de 50 anos, natural da Guarda, casado com Arminda Silva Fonseca. O extinto residia na Sociedade Agrícola Madal. — (L.).

Nasce um novo «Mundo»



MANUEL ATAYDE

Todos nós sabemos com que dificuldade se luta, infelizmente, no nosso País, para a manutenção de uma revista semanal de actualidades, que interessa o publico pelo seu aspecto gráfico, literário e informativo. Muitas têm sido as tentativas e poucas as que têm sido, mais ou menos, coroadas de êxito por períodos não muito longos. O caso da revista «Mundo» pode considerar-se «fora de série» já que, pelas suas características, maiores se tornam todos os pequenos e grandes problemas que a uma revista semanal ilustrada se deparam.

Natural, portanto, a curiosidade em obter do seu director, sr. Manuel Ataíde, a confirmação de alguns boatos que, no meio, começaram a circular, acerca da possível remodelação da mesma.

No seu gabinete de trabalho, na redacção do «Mundo», o nosso entrevistado começa por nos dizer:

— Na realidade, uma nova revista «Mundo» nascerá com a remodelação que em breve faremos.

E depois de nos mostrar alguns dos ultimos exemplares, acrescenta:

— Como vê, não é sem sacrificios de toda a ordem que se consegue manter, durante quase dois anos consecutivos, uma revista como a que tem á sua frente. Apesar de tudo, nós não ficaremos por aqui. De facto, dentro de dias a revista «Mundo» aparecerá melhorada, tanto no aspecto gráfico como no conteúdo literário. Assim, sairá não só com a capa a quatro cores, como até aqui, mas também com mais duas páginas centrais de igual forma coloridas. Além destas, aumentaremos mais quatro páginas a duas cores, o que equivale a dizer que a revista pode, doravante, equiparar-se ao melhor que se faz noutros países europeus e terá um total de quarenta páginas por numero.

O nosso interlocutor faz uma pequena pausa que aproveitamos para lhe perguntar se o preço de 3\$50 aumentaria.

— E' este um assunto que está em estudo e que, apesar dos melhoramentos introduzidos, esperamos resolver satisfatoriamente, remodelando todos os serviços de publicidade, administração e expansão no campo da publicidade, que é, sem duvida, o primeiro ponto a tratar com cuidado; tudo se encaminha bem.

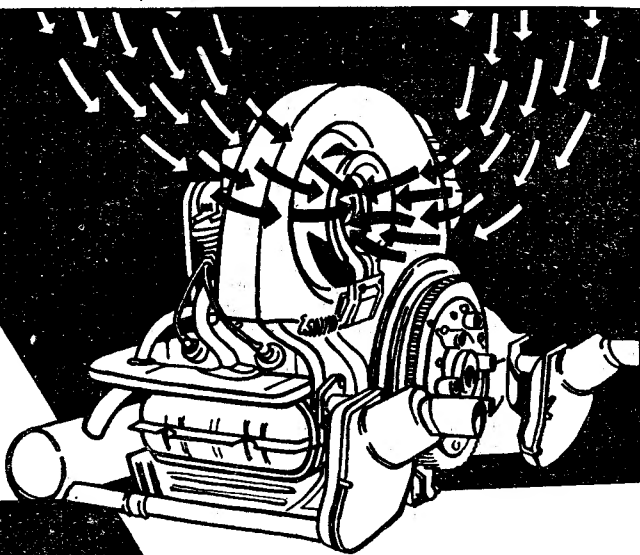
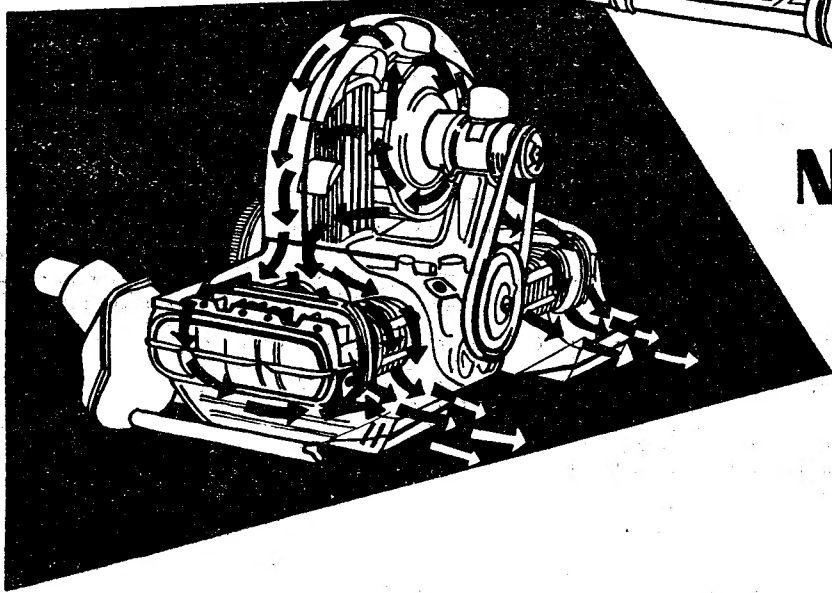
Tiragem como é natural, aumenta para trinta mil exemplares e a sua venda está prevista não só para Portugal Continental como também para as Ilhas Adjacentes, Ultramar e nucleos populacionais portugueses espalhados pelo Mundo.

E assim nos despedimos do nosso entrevistado.

D. Fernando Cento recebeu hoje o chapéu cardinalício

CIDADE DO VATICANO, 12. — Os cardeais Giuseppe Pietta, antigo nuncio em Itália, Fernando Cento, antigo nuncio em Portugal, e José Bueno y Monreal, arcebispo de Sevilha, receberam hoje o chapéu cardinalício das mãos do Papa, num Consistório publico. — (F. P.).

O AR NÃO CONGELA



NEM FERVE

O QUE GARANTE AO MOTOR VOLKSWAGEN,
QUE É REFRIGERADO POR AR, CONDIÇÕES
SEMPRE ÓPTIMAS DE FUNCIONAMENTO, QUER
ESTEJA O FRIO MAIS INTENSO OU CALOR TROPICAL.
UMA EXTRAORDINÁRIA VANTAGEM DO



VOLKSWAGEN

SOCIEDADE COMERCIAL GUÉRIN S. A. R. L.
PRAÇA DOS RESTAURADORES, 74 • TELEFONE 36 67 51 (7 linhas)

De ontem para hoje

A BALANÇA DE THEMIS

AO conferir a posse ao novo presidente do tribunal da Relação do Porto, o sr. ministro da Justiça, como é seu hábito, fez algumas afirmações cuja oportunidade não se pode negar. Insistiu nos graves inconvenientes de uma justiça morosa, incluindo entre os factores que para ela contribuem «o próprio espírito de chicana de muitos litigantes que hábilmente aproveitam, em reclamações ou recursos destituídos de qualquer fundamento, todas as frestas que a lei deixa abertas, muitas das quais, sob pena de graves inconvenientes, dificilmente poderá fechar; os constantes e abusivos adiamentos de audiências, por falta de testemunhas, das próprias partes ou dos seus mandatários; os numerosos despachos desnecessários e que obrigam a perdas consideráveis de tempo; as frequentes alegações de diligências para transacção entre os interessados e as abusivas junções de documentos em audiência, que tantas vezes retardam sem utilidade a decisão final dos processos».

Referiu-se depois à honorabilidade dos funcionários de justiça, afirmando «que constituem excepção as irregularidades apuradas entre um funcionalismo numeroso, e são exemplarmente punidas todas as faltas averiguadas». «Mas há necessidade, acrescentou, de se estar muito atento sobretudo nos grandes centros, para não deixar criar nem manter práticas abusivas contrárias à lei, como as notificações que se adiam ao sabor das necessidades dos interessados, os emolumentos que se cobram fora das tabelas, as gratificações que se forçam e outras irregularidades do mesmo estilo que as inspecções geralmente não conseguem pôr a descoberto e que o espírito de fácil generalização da nossa gente exageradamente avoluma muitas vezes, com algum desprestígio para os serviços».

O sr. prof. Antunes Varela disse esperar que a revisão do Código do Processo Civil consiga aplanar alguns dos males a que se referiu, para honra da Justiça e para comodidade do publico que recorre aos tribunais ou que nas suas malhas se vê envolvido.

FEIXE DE NOTÍCIAS

AO receber ontem os cumprimentos dos delegados da Imprensa regional do Norte, o Chefe do Estado afirmou «que tinha de considerar sempre como nobre a missão da Imprensa, apelando para quantos a servem no sentido de manterem sempre vivos os verdadeiros sentimentos de solidariedade humana».

* No banquete que á noite se realizou para fecho da reunião, foram lidas as conclusões, entre as quais se incluí a necessidade da «revisão da Lei da Imprensa e a uniformização, tanto quanto possível, de critérios por parte dos delegados da Censura, enquanto esta for considerada necessária».

* O maestro Mário Sampaio Ribeiro foi alvo de uma homenagem a que se associou o sr. ministro da Educação Nacional, que lhe impôs as insígnias de oficial da Ordem de Sant'Iago da Espada com que foi recentemente condecorado.

* Em resultado da explosão de uma oficina de pirotecnia, no lugar do Monte (Várzea do Douro), do concelho de Marco de Canaveses, perderam a vida três homens: o proprietário da oficina, António Laurindo Pinto Nogueira, os operários Manuel Joaquim Teixeira da Cunha e Serafim Espinha. Há dois feridos em perigo de vida.

* O Chefe do Estado ofereceu ontem, no Palácio de Belém, um almoço a altos funcionários de Justiça.

* Os veradores da Camara Municipal de Lisboa reuniram-se ontem num almoço de despedida aos srs. tenente-coronel Salvação Barreto e Luis Pastor de Macedo, que abandonam os cargos que desempenhavam, respectivamente, de presidente e vice-presidente daquele corpo administrativo.

JORNAL PEQUENO

O sr. Presidente da Republica recebeu ontem, em audiência, no Palácio Nacional de Belém, os srs. embaixador do Paquistão, acompanhado do sr. ministro dos Negócios Estrangeiros; eng. Paulo Serpa Pinto Marques, Delfim Ferreira, prof. dr. Rodrigo Sarmiento de Beires e dr. José Leite Pereira de Seabra, da Hidroelétrica do Douro; a sr. D. Adriana de Vecchi e o sr. Pedro Cruz. Estiveram ali a inscrever-se no livro de cumprimentos ao Chefe do Estado os srs. conselheiro dr. António Candido da Cruz Alvura, presidente do Supremo Tribunal de Justiça; dr. António Carlos Proença de Figueiredo, secretário-geral do Ministério da Educação Nacional; dr. Joaquim José Gomes Belo, director-geral do Ensino Primário; dr. Artur de Almeida Carneiro, inspector superior do Ensino Particular; e pintor João Reis.

* Com o sr. Presidente do Conselho trabalharam ontem os srs. ministros da Defesa Nacional e dos Negócios Estrangeiros. * Ao Governo Civil de Evora foi concedido um subsidio de 6.600 contos para reparação de estradas. * Em Abrantes, foi colhida por uma camioneta a sr. D. Julia da Piedade Roseira, que sucumbiu aos ferimentos recebidos. * Vítima de um desastre de viação, faleceu no hospital de S. José Manuel Duarte Lourenço Alves, que ali estava internado há dias. * Próximo de Agueda, Abel de Oliveira Rocha caiu da bicicleta que montava, falecendo pouco depois.

UMA PARADA DE ALTA COSTURA

Carmen Garcia apresentou os seus novos modelos para Outono e Inverno

Num ambiente de rara distinção, com as esplêndidas salas da casa de alta costura «Carmen Garcia, na Avenida Ressauro Garcia, 19, 2.º, repletas de senhoras do Corpo Diplomático e da nossa primeira sociedade, efectuou-se ali uma autêntica parada de alta costura.

Antes de principiar a passagem dos lindos manequins, tivemos ocasião de falar, por alguns momentos, com D. Carmen Garcia e com as suas sócias, sr.ª D. Elisabeth e D. Maria José, que sabiamos terem regressado de Paris e Roma, de visita aos mais famosos costureiros, e fizemos-lhes algumas perguntas. Em resposta á primeira, sobre a moda actual, foi-nos dito que a nova linha deste ano, muito mais feminina, tem uma total diferença da anterior, favorecendo em muito as senhoras, pois além da cintura ser agora bem vincada, também é mais graciosa e fresca.

Quanto ás cores da moda, para este ano, predominam os tons azuis, especialmente o turquesa, amarelo-limão e laranja e os «imprimés», são de cores bem vivas.

Nada mais pudemos perguntar em virtude dos elegantes manequins começarem nesta altura a

passar os modelos de Primavera e Verão, constituindo um conjunto de maravilhosos vestidos de tarde, «cocktail», noite, passeio, «sport», casacos e praia.

As ilustres senhoras que estavam presentes acolhiam com viva admiração os lindos modelos apresentados e no final foram unânimes em felicitar D. Carmen Garcia e suas sócias não só pelo primor das confecções como ainda pela bem escolhida variedade que acabavam de apresentar, dignificando assim, mais uma vez, a alta costura em Portugal.



Um dos lindos modelos apresentados

A instalação de um observatório na Lua é estudada na América

SEATTLE (Washington), 12. — Segundo anunciou ontem o jornal «Seattle Times», a companhia aeronáutica «Boeing Airplane» teria assinado um contrato com o Governo americano para estudar a possibilidade de instalar um observatório na Lua.

O jornal diz poder afirmar que esse estudo está em curso, em virtude de uma declaração feita por George Stoner, director-geral dos programas daquela companhia, durante uma conferência de Imprensa na Universidade de Seattle.

Como o representante do jornal lhe perguntasse qual dos programas da companhia poderia vir a ter consequências económicas para esta cidade, respondeu, citando, como exemplo, o estudo para a instalação de um observatório lunar, não esclarecendo, porém, se a empresa tinha já assinado um contrato com o Governo dos Estados Unidos. — (F. P.).



A LINHA DE MAIOR EXPERIÊNCIA
EM VOOS AFRICANOS

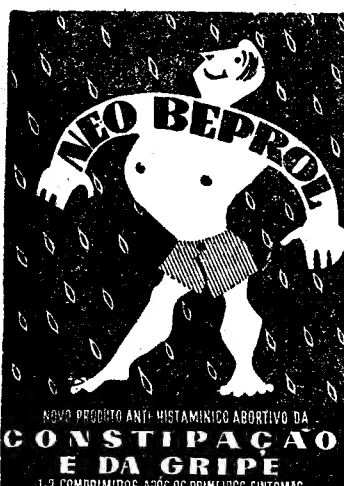


LISBOA LEOPOLDVILLE JOANESBURGO

Peça informações à sua Agência de Viagens ou à



LINHAS AÉREAS BELGAS



NEO BEPROL

NOVO PREPARADO ANTI-MISTAMINICO ABORTIVO DA
**CONSTIPAÇÃO
E DA GRIPE**

1/2 COMPRIMIDOS APÓS OS PRIMEIROS SINTOMAS

LORY

JOIAS INTERESSANTES — LINDO
SORTIDO DE OBJECTOS DE PRATA — PEQUENAS LEMBRANÇAS —
TRANSFORMAÇÕES — PREÇOS MODICOS. Calçada do Carmo, 3, 2.º, Dt.º

FEIRA DE SEVILHA

(17 a 25 de Abril de 1959)

Excursão em autopullman, visitando-se CORDOVA (Itálica e S. Juan de Aznalfarache) e ARACENA (grutas). Preço Esc. 2.000\$. Peça programa á SOC. DE TURISMO SANTA MARIA RUA AUREA, 292 Telef. 21905 e 28686 LISBOA

— Também reservamos —
só alojamentos

Vendas a prestações de tecidos de novidade para Senhora e para Homem.

TECIDOS ALVINIZ

16, Largo do Carmo

Teatros e Cinemas

Atrás do reposteiro

Em espectáculo integrado no Ciclo de Teatro promovido pelo Círculo de Iniciação Teatral da Academia de Coimbra e subsidiado pela Fundação Gulbenkian, é amanhã representado no Teatro Avenida, de Coimbra, o original de Luís Francisco Rebelo, «O dia seguinte», desempenhado pelo grupo cénico da Sociedade Guilherme Cossul.

—A companhia Laura Alves, que anda a realizar espectáculos em localidades perto de Lisboa, representará no sábado e no domingo no Teatro Joaquim de Almeida, do Montijo, a comédia «A rainha do ferro-velho».

—Encontra-se já instalado, nas Caldas da Rainha, o Teatro desmontável, da companhia Rafael de Oliveira. O primeiro espectáculo, em que subirá à cena o original de Ramada Curto «A cadeira da verdade», está apazado para 18 do corrente.

—A fim de ingressar na companhia do Circo Busch, seguiu ontem para Nuremberg, o artista Adolfo Marton, que faz parte do conjunto de artistas portugueses «Família Muñoz».

—Na ausência da sua companhia, o Teatro ABC, ficará fechado, a fim de se proceder a algumas obras de beneficiação do palco. Por este motivo, não poderá fazer a sua actual-

ção o grupo de artistas portugueses e brasileiros, que a isso se propunha.

—Com curta demora, seguiu para Madrid o empresário Giuseppe Bastos.

—São só dois os espectáculos que a companhia do Teatro D. Maria II vai realizar em Cascais, na inauguração do Teatro S. José.

—Do repertório da companhia espanhola, que no dia 28 do corrente se estreia no Coliseu, além de operetas, fazem parte as mais populares zarzuelas de consagrados autores, do país vizinho.

—O elenco profissional do Teatro Experimental do Porto ainda no corrente mês realizará espectáculos na Póvoa de Varzim e Viana do Castelo.

—A direcção de «A Voz do Operário» pôs o salão de festas daquela colectividade à disposição do Sindicato dos Artistas Teatrais e dos seus associados, para quaisquer espectáculos, apenas mediante o pagamento dos encargos inerentes à sua realização.

Em S. Carlos

canta-se hoje «Turandot»

Esta noite canta-se em S. Carlos uma das mais apreciadas óperas do

(Continua na 6.ª página)

Amanhã no AVIS

JERUSALÉM LIBERTADA

SUPERCINESCOPE
FERRANICOLOR
(MAIORES DE 12 ANOS)

SILVA KOSCINA

RIK BATAGLIA

FRANCISCO RABAL

GIANNA MARIA CANALI

Uma superprodução histórica com milhares de figurantes, que evoca realisticamente uma das façanhas mais heróicas da cristandade: as Cruzadas

ENTRE O FRAGOR DOS COMBATES NASCE UM AMOR IMPOSSÍVEL E TRÁGICO ENTRE UMA LINDA MUÇULMANA E UM GUERREIRO CRISTÃO



TALMA
FILMES



APRESENTA AMANHÃ EM SENSACIONAL ESTREIA UM FILME DE GRANDE EMOÇÃO QUE

PAUL MEURISSE
FRANÇOISE FABIAN
e FERNAND LEDOUX

INTERPRETAM MAGISTRALMENTE!

OS VIOLENTOS

— LES VIOLENTS —

O CORREIO TROUXE-LHES UM PEQUENO CAIXÃO DE MADEIRA! QUE TREMENDA AMEAÇA CONTINHA ESSA ENCOMENDA SINISTRA?

UM FILME EMPOLGANTE
em DYALISCOPE

Realização de
HENRY CALEF

Um Excl. Filmes Castello Lopes — Adultos-M/ 17 anos

VIELA

R. Taipas—Tel. 27256

CELESTE RODRIGUES

comemora hoje o seu aniversário

(ADULTOS)

Cartaz dos Cinemas

ESTREIAS — OS NUS E OS MORTOS — SÃO JORGE
DE HOJE: — LAZZARELLA — ROMA

SÃO LUIZ
TEL. 27173

15.15 - 18.15 (p. r.)
e 21.30 (M/17 anos)
Em Metrocolor
Uma história de amor de apaixonante interesse

GATA EM TELHADO
DE ZINCO QUENTE

com Elizabeth Taylor, Paul Newman
e Burt Ives
Rigorous exclusivo de temporada

EDEN
TEL. 20768

15.30 - 18.30 e 21.30
2.ª SEMANA

do filme português colorido em Scope
A COSTUREIRINHA DA SÉ
com Maria de Fátima Bravo, Alma Flora, Baptista Fernandes, Luisa Durão
e Costinha — (M/12 anos)

CONDES
TEL. 22523

15.15 - 18.15 (p. r.)
e 21.30 (M/17 anos)
5.ª SEMANA

O filme de Clouzot de que todos falam!

AS DIABÓLICAS

com Simone Signoret — Paul Maurisse
e Vera Louzot

Concurso «As diabólicas» — 1 viagem a Paris. Peça nas bilheteiras folheto explicativo.

Amanhã, às 18.15—Adultos—O homem do impermeável — com Fernandel.

ODEON
Telefone 26282

15.15 - 18.15 (p. r.)
e 21.30 (M/17 anos)
Uma e m p o l g a n t e história de amor e violência

FURIA DE AMBICÕES
(LA SFIDA)

Grande prémio da Bienal de Veneza.
com Rosanna Schiaffino e José Suarez.

CINEMA IDEAL

A's 21 (M/17 anos)
Cinemascope
O FILHO PRÓDIGO
O melhor é casar

TERRAS
TEL. 20912

A's 21 (M/12 anos)
LEGIAO
DE ATIRADORES
Veneno de cobra

412
TEL. 48560

21 h. (M/17 anos)
Technicolor
OS MISERÁVEIS
com Jean Gabin e Danielle Delorme

IVOL
TEL. 50595

A's 3 e 6.15 da tarde (p. r.) e 9.30 da noite (M/17 anos)
A história de um homem que tinha 17 filhos!

O ASSOMBROSO
SR. PENNYPACKER

com Clifton Webb e Dorothy McGuire

POLITEAMA
TEL. 26303

HOJE, às 21.30
2.ª Semana triunfal
Uma das maiores audácias na arte do «suspense» em Cinemascope com Al Hedison e Patricia Owens

Porque não é condenada uma mulher que assassina o marido a pedido dele? (Adultos — Maiores 17 anos)

Hoje, às 18.15: Sessão da série «Os grandes romances de amor» — com Marilyn Monroy e Tom Ewell em O PECADO MORA AO LADO Cinemascope — (Adultos-M. 17 anos)

ALVALADE
Telefone 63086

15.15 (p. r.) e 21.45 (M/17 anos)
Um filme ardente baseado na célebre peça de Tennessee Williams

GATA EM TELHADO
DE ZINCO QUENTE
com Elizabeth Taylor, Paulo Newman
e Burt Ives
Rigorous exclusivo de temporada

CAPITOL
TEL. 27493

A's 21 (M/17 anos)
A NOIVA RAPTADA

Original comédia com Jane Russell
Colorido
S A L O M É
com Yvonne de Carlo

RISTELO
Telefone 51975

21.15 (M/17 anos)
UM VALENTE

ROYAL
TEL. 44804

A's 21 (M/12 anos)
ESTRADAS DO INFERNO
com John Wayne
UMA MULHER PARA JOE

CASINO HISTÓRIA
21.30 (M/17 anos)
com Andy Griffith

OS RECRUTAS
TAMBÉM
MANDAM

IMPERIO
Tel. 55134/5

15.15 e 21.30 (M/17 anos)
2.ª SEMANA
TYRONE POWER
Marlene Dietrich
Charles Laughton

no filme de maior «suspense» dos últimos 20 anos
TESTEMUNHA
DE ACUSAÇÃO
de Billy Wilder

A's 18.30, Ses. promovida pela Catequese de Arroios «Congresso que dança» — (M/12 anos).

SÃO JORGE
BALCÃO 54154
PLATEIA 54153

21.30 (M/17 anos)
ESTREIA
Uma obra de choque!

Aldo Ray — Cliff Robertson — Raymond Massey
OS NUS E OS MORTOS

A's 15.15 - 18.15—Últimas—(M/17 anos)
A SOMBRA DA GUILHOTINA

ROMA
Telef. 727778

21.45 (M/12 anos)
ESTREIA
Uma alegre canção transformou-se numa deliciosa comédia romântica

LAZZARELLA
com Mário Giroli e Tina Pica
Um poema de mocidade e frescura.

MONUMENTAL
TEL. 55131

15.15 e 21.30 (M/17 anos)
2.ª SEMANA
Cinemascope

O mais estrondoso e triunfante êxito da comédia musical
GIGI

com Leslie Caron, Maurice Chevalier e Louis Jourdan
Rigorous exclusivo de época

AVIS

15.30 (p. r.)
e 21.45 (M/12 anos)
Últimos espectáculos

(M/17 anos)
O romance de uma modesta costureira que foi famosa na corte

O ARQUIDUQUE E A COSTUREIRA

em Agticolor
com Sonia Ziemann e Rudolf Prack
Amanhã às 21.45, Estreia «Jerusalém libertada» — (M/12 anos).

Leiam o «SEMPRE FIXE»

SÃO JORGE

HOJE

UM EXCLUSIVO
JAROFILMEESTREIA DE SENSACÃO!
UMA OBRA DE CHOQUE
DO MODERNO CINEMA AMERICANO!OS
NUSFILMADO EM
RKO - SCOPE

(ADULTOS Maiores de 17 anos)

e
OS

MORTOS

(THE NAKED AND THE DEAD)

ALDO RAY - CLIFF ROBERTSON - RAYMOND MASSEY - LILI ST. CYR - BARBARA NICHOLS
ARGUMENTO DE "DENIS" - TERRY SANDERS - ROLANDO DE NORMAN MAILER - PROD. PAUL GREGORY - REALIZ. RAOUIL WALSH
UM FILME RKO

Já leu o «SEMPRE FIXE»? Então leia!

TEATRO

Telef. 55133

MONUMENTAL

Esp. Vasco Morgado, Ld.
AS 21.45 H.
(ADULTOS M/17 ANOS)
PICANTE, MALICIOSA
E DIFERENTE...
POR ISSO
O PÚBLICO RI
com a peça de ROUSSINCOM
IRENE - BENAMOR
PAULA - SANTANA - DULCESABADO às 16 h.
Atendendo inumeros pedidos
TARDE POPULAR
PREÇOS BAIXOS
3.º BALÇÃO 5\$00
FRENTE
2.º BALÇÃO * PLATEIA
a 10\$00 a 15\$00VA AU TEATRO VER OS EXITOS DO MOMENTO!
A V E N I D A HOJE em ALCÁCER DO SAL

Telef. 27273

HOJE AS 21.45 HORAS
P. MAIORES DE 12 ANOS
A Companhia do Teatro de Sempre
apresenta a comédia
DE HENRIQUE SANTOSUM MARIDO
EM RODAGEMcom Samuel Dinis -
Carmen Dolores -
Rogério Paulo - Ma-
dalena Sotto - Adeli-
na Campos - Con-
stança Navarro e Fer-
nanda Alves

Samuel Dinis

LAURA ALVES

EM

A RAINHA
DO FERRO-
VELHO

com Assis Pacheco

Amanhã: ALCÁCER DO SAL

SABADO e DOMINGO
MONTIJO2.ª-feira no BARREIRO
ADULTOS M/17 ANOS

TEATRO NACIONAL DE DONA MARIA II

4.º
MÊSTODAS AS NOITES, AS 21 e 45 (12 ANOS)
ÚLTIMAS REPRESENTAÇÕES

O PROCESSO DE JESUS

AOS SABADOS, AS 16 HORAS, TARDES POPULARES
A PREÇOS REDUZIDOSO MAIS SELECTO
PONTO DE REUNIÃOSABADOS e DOMINGOS
«Matinées» das 18 às 20 horas
com todo o elenco de atracções

Casapoga

TELEF. 23584

Empresa MANUEL ZEFERINO
(ADULTOS M/ DE 17 ANOS)

EM SENSACIONAL EXÍLIO DE APLAUSOS!

O ESCULTURAL "Ballet"
ALECOS ALVAREZ

Uma audaciosa «novidade» sobre o folclore grego

MARIO DE LA VEGA
y su «Ballet» ESPAÑOLA famosa vedeta ESPERANZA ROY em admiráveis
ballados

Musica constante por SERGIO E SUA ORQUESTRA

TRINDADE HOJE às 21,45 UMA GRANDE CRIAÇÃO DE
EUNICE MUÑOZ

Os pássaros de asas cortadas

EM ÚLTIMA SEMANA

(M/17 ANOS)

O PÚBLICO CONFIRMOU COM
ENTUSIASMOO GRANDE ÊXITO EMPOLGANTE
DO MAIS EMPOLGANTE
FILME FANTÁSTICO QUE
ULTRAPASSA TUDO O QUE
SE FEZ ATÉ HOJE NO GÉNERO!2.ª
SEMANA
DE
LOTAÇÕES
ESGOTADAS

NO POLITEAMA

AL HEDISON - PATRICIA OWENS - VINCENT PRICE - HERBERT MARSHALL



A

MOSCA

(THE FLY)

UM FILME
CINEMASCOPE
COR DE LUXEADULTOS
(Maiores de 17 anos)PRODUTOR E REALIZADOR ARGUMENTO DE
KURT NEUMANN - JAMES CLAVELL

MARIA VITÓRIA

Emp. «E. SALVADOR e R. MARTINS, LDA.»
As 20.30 e 22.45 (Adultos-M/17 anos)

EM LISBOA SÓ SE FALA

DO NOVO ESPECTÁCULO DE

SALVADOR

A REVISTA POPULAR

ENCOSTA-CABECINHA

E CHORA...



TEATROS e CINEMAS

1.ª e 4.ª páginas

As estreias de hoje

No São Jorge

Título—«Os nus e os mortos».
Produção—Americana.
Realização—Raoul Walsh.
Interpretes—Aldo Ray, Raymond Massey, Cliff Robertson, Lili St. Cyr.

Argumento—Um romance notável de Norman Mailer focando um conflito humano vivido durante a

última guerra.
Processo—RKO scope e technicolor
Classificação—Maiores 17 anos.

No Roma

Título—«Lazarella».
Produção—Italiana.
Interpretes—Alessandra Panaro, Mario Girotti, Tina Pica.
Argumento—Uma história de amores juvenis.
Processo—Normal.
Classificação—Maiores 12 anos.

reportório italiano: a espectacular e admirável «Turandot», do grande compositor G. Puccini. Para interpretar esta tão apreciada obra vieram ao nosso País alguns dos mais laureados cantores da actualidade: a famosa cantora Inge Borkh; o admirável tenor Franco Corelli; os aplaudidos artistas Nicoletta Panni, Alessandro Maddalena, Carlo Melicani, Mazini Sperti, Loretta di Lelio, e Franco Ricciardi; e os distintos cantores portugueses Fernanda Machado, Armando Guerreiro, e Luís França.

A frente da Orquestra Sinfónica Nacional estará o grande maestro Mário Pellegrini, com a colaboração do maestro Carlo Pasquale.

No Teatro ABC

despede-se a revista «Vinho Novo»

Vai sair do cartaz do ABC, depois de quatro meses de grande êxito, a moderna revista «Vinho Novo», que tem feito rir milhares de espectadores mercê das suas piadas oportunas e de crítica graciosa e amável aos usos e costumes da nossa gente.

Embora em pleno êxito e com lotações esgotadas «Vinho Novo» despede-se do público para dar lugar a ensaios e montagem de uma nova revista, para a qual foram contratados em Itália atracções e um grupo de «girls». Antes, porém, «Vinho Novo» será apresentada num teatro do Porto.

Primeiras exhibições

«Fúria de ambições», no Odeon

Não é sem razão que o filme estreado ontem, no Odeon, co-produção italo-espanhola, ganhou o grande prémio da Bienal de Veneza de 1958: que a sua principal intérprete, a jovem e voluptuosa Rossana Schiaffino, obteve a medalha de ouro; que outro intérprete Nino Vingelli conquistou o prémio do melhor papel secundário; e que o Sindicato dos Jornalistas Cinematográficos Italianos lhe atribuiu a distinção de melhor argumento.

A película tem, efectivamente, valor e interesse. Apresenta-nos o ambiente pitoresco de Nápoles, um clima vibrante e apaixonado em que se defrontam dois grupos de vendedores de mercado, cuja actividade á margem da lei lhes proporciona enormes lucros. O drama recrudescer de harmonia com o desenrolar do tema. As situações emocionantes surgem com frequência e todos os intérpretes conseguem, de facto, transmitir-nos um singular cunho de verdade, encarando com consciência e raro poder de adaptação as características personagens napolitanas.

Ao lado da exuberante Rossana Schiaffino, nova «estrela» que desponta, o espanhol José Suárez actua muito bem, com personalidade.

Complementos razoáveis. — **Visor 14.**

CASINO



HOJE

mais um magnífico programa de «Music-Hall»
COM
a vedeta da canção francesa

LISSETTE JAMBEL

LUCE com DANIEL RÉMY

o famoso ventríloquo do filme «Lili»
considerado o melhor do Mundo

(Adultos-maiores de 17 anos)

ESTORIL

STUDIO 4

Vive nas terras de Gaza

há 67 anos enraizado em Moçambique um velho colono que assistiu ao feito glorioso de Mouzinho

VILA JOÃO BELO (Fevereiro). — Há quase 67 anos, chegou a Moçambique um jovem de 20, que vinha da Metrópole, trazido pelo sonho, atraído pelo fascínio da África enigmática e fantasmagórica, estimulo da aventura, e também na miragem de novos e dilatados horizontes às suas aspirações nas terras portentosas, pujantes, inexploradas, ainda por desbravar em grandes extensões onde começava a fazer-se a penetração que havia de impor a soberania portuguesa, incontestada, mas dificultada pelas veleidades e arrogancias de poderosos régulos, acicatados nas suas cubucas por influências estrangeiras.

Esse homem jovem, que, com o vigor dos seus músculos, as suas energias e capacidade de trabalho, veio aqui construir a sua vida, contribuindo, também, para o desenvolvimento e o progresso deste pedaço de terra portuguesa, é hoje um dos mais velhos Europeus que se enraizaram nas terras de Gaza, ao Sul do Save, onde assistiu aos sucessos históricos, os quais culminaram com o feito de Chaimite e o gesto heroico de Mouzinho.

Natural da freguesia de Santa

Margarida do Arrabal, no distrito de Leiria, onde nasceu em 25 de Dezembro de 1872, o sr. Manuel Pereira da Costa Brites chegou a Lourenço Marques em 27 de Março de 1892, com vinte anos incompletos. Serrador de profissão, entrou ao serviço dos Caminhos de Ferro, passando depois ao movimento.

Naquela época, atingia o auge a campanha que havia de esmagar a resistência do Gungunhana e seus apaniguados. Três anos depois, em Lourenço Marques, o barco de guerra «Neves Ferreira» apresentava-se para ir bombardear o Chai-Chai, visto que o potente negro se recusava a entregar às autoridades portuguesas o régulo de Marracuene, Zixaxa, o qual foi preso, mais tarde, no Langerene, depois da batalha de Marracuene, pelas forças desembarcadas no Chai-Chai.

Manuel Brites seguiu a bordo da canhoneira, onde o comandante lhe oferecera um lugar; e foi testemunha desses acontecimentos históricos, assistindo, já em Chibuto, à batalha que começou em Macaloane e terminou com o rasgo audacioso de Mouzinho, que foi aprisionar o Gungunhana no seu reduto em Chaimite.

Viu o poderoso régulo e a sua gente, submissos, após o feito glorioso do heroico capitão, secundado por meia dúzia de bravos que o acompanharam no notável cometimento.

De Mouzinho de Albuquerque, que conheceu, fala com reverente admiração, com a devoção por um herói de lendária bravura, pela sua alta inteligência, pelos seus méritos, pelo seu grande carácter. Foi ele, como Manuel Brites, ainda há pouco declarou ao «Notícias de Lourenço Marques», que «deu paz e sossego a Moçambique, especialmente ao Sul do Save».

Essa era de paz e progresso permitiu ao sr. Manuel Brites e a outros colonos instalarem-se nesta região, aqui se enraizaram, com os sentimentos patrióticos, criando um mundo de afeições e contribuindo para o desenvolvimento e prosperidade destas terras portuguesas.

O velho colono, com 86 anos, dos quais 67 passaram em Moçambique, vive há cinquenta em Chibuto, que ele viu crescer e progredir até se transformar na importante e florescente vila actual, tendo feito parte da sua primeira Municipalidade, presidida pelo então governador tenente-coronel Alberto Graça.

Fala, também, dos estímulos do comandante João Belo, que foi seu amigo e se admirava de ele se ter aventurado a vir cultivar terras tão longínquas.

Partilha do passado glorioso do Chibuto, «orgulhoso do maior feito da História de Moçambique»; e tem a grande ambição de ver a vila onde já viveu meio século elevada a cidade e até a capital do distrito de Gaza — pois não lhe faltam tradições históricas, além do seu valor, pela posição geográfica e pelo seu valor económico e agrícola.

Dos seus 21 filhos, sobrevivem 13 e tem 40 netos e 12 bisnetos; e, apesar da propecta idade, o pioneiro alimenta ainda outro sonho — o desejo de voltar, ainda mais uma vez, à Metrópole, aonde não tornou desde que lá esteve, depois de se estabelecer em Moçambique, há quarenta e cinco anos.

«TAVERNA SEVILHANA»

BOITE DE NUIT

Apresenta o seu novo conjunto e Helena Maria em canções de grande sucesso.

ADULTOS (M/17 ANOS)

ABC ULTIMAS

E. T. ABC, LDA.

A's 20 e 30 e 22 e 45

DA REVISTA DE GRANDE EXITO

VINHO NOVO

2 HORAS DE GARGALHADA Para M/de 17 anos — T. 366745

HOJE no

ROMA

ESTREIA DE UMA DAS MAIS BELAS COMÉDIAS ITALIANAS, COM CANÇÕES DE DOMENICO MODUGNO

ALESSANDRA PANARO

com MARIO GIROTTI — ROSSELLA COMO TINA PICA e DOMENICO MODUGNO

UMA ENCANTADORA HISTÓRIA DE AMOR
O ROMANCE DE UMA RAPARIGA QUE PERSONIFICA A JUVENTUDE DE HOJE



LAZZARELLA

Um exclusivo
TALMA FILME
Para maiores de 12 anos

Drogaria e Perfumaria CEZAL

CASA FUNDADA EM 1910
Grande sortido em perfumarias nacionais e estrangeiras. Produtos de beleza de reputação mundial, bijuterias, brinquedos e artigos para brindes.

RUA DO COMERCIO, 12 e 14
TELEFONE 26498 LISBOA

Leiam o jornal humorístico

fixo

Um marco do correio que se tornou num estorvo e outros obstáculos que se erguem a dificultar o trânsito nos passeios

Vai já para trinta anos que no largo passeio, fronteiro á porta com o n.º 2 da Rua Rodrigo da Fonseca, no cruzamento desta com as de Barata Salgueiro, do Salitre e Nova de São Mamede, instalaram os C. T. T. para serviço público, entre um candeeiro de iluminação pública e uma árvore, um marco de correio, que, mais tarde, recebeu a faixa branca e naquele amplo local ficava bem, pois não causava qualquer estorvo, nem o espaço por ele ocupado dificultava o trânsito local de peões.

Esse receptáculo não estava ali por acaso, evidentemente; a recolha diária de correspondência era sempre bastante volumosa e o local, onde fora implantado, pelo que fica dito, era, de facto, o melhor pela sua localização sem provocar incómodos ou impedimentos ao movimento de transeuntes.

Há dias, porém, e com espanto geral, o utilíssimo marco do correio foi arrancado e removido para outro local — precisamente para um passeio, dos mais estreitos, da zona, onde era menos aconselhável a sua colocação, por o acesso não corresponder ao movimento da correspondência, tornando-se,

ao mesmo tempo, um empecilho a estorvar o trânsito.

Não se atina com o motivo desta transferência. Ainda se fosse provisória ou eventual vá que não vá, ainda seria de aceitar, mas, sendo definitiva, custa a crer que tal se faça. O local escolhido é o menos indicado: precisamente onde os peões se aglomeram para atravessar a via pública, havendo ainda, quase defronte, uma entrada para a Associação dos Diabéticos Pobres, muito concorrida. Não parece que esteja certa esta transferência, e custa a crer que tenha sido da iniciativa dos C. T. T.

Trouxe alguns benefícios a remoção do marco do correio ou haverá para ela alguma justificação?

Curioso, também, é que nas zonas dos passeios que tinham sido levantadas e assim estiveram durante uns dias, o empedrado foi repostado, precisamente, na véspera de ser de novo levantado pelas C. R. G. E., que, no local, procedem á substituição da energia eléctrica.

* * *

A propósito dos obstáculos que se levantam nos passeios, feitos para o trânsito de peões e defesa das propriedades, assinala-se a lamentável indiferença perante a segurança daqueles que os têm de utilizar para facilitar o trânsito de viaturas e não serem por elas esmagados.

Foi Duarte Pacheco, que, ao entrar na Camara Municipal, enfrentou este problema, começando, criteriosamente, por acabar com as «rateiras» formadas pelas antigas calhas de águas pluviais, em ferro, as quais, gastas, levantadas e deterioradas, muitas quedas originaram. E, como eram propriedade dos donos dos imóveis, embora estragadas pelo público, determinou que fossem substituídas por outras em cimento armado, cuja colocação e conservação passasse a ser de conta do Município. Devesse-lhe ainda o facto de a «Carris» eliminar, tanto quanto possível, os seus postes, pelo que os fios condutores da corrente eléctrica passaram — e muito bem — a ser fixados directamente aos prédios e as calhas de reforço de corrente, colocadas em locais onde não prejudicassem o trânsito.

Contudo, a impermanência das coisas suscita a mudança de critérios que nem sempre se ajustam melhor aos interesses do público. Por exemplo: postes de fios telefónicos privativos de entidades oficiais ainda ocupam passeios, pois apenas os da Companhia dos Telefones passaram ao subsolo; as caixas relacionadas com os sinais luminosos do trânsito, as bombas de gasolina e até os marcos a indicar a proibição do trânsito, tudo recaiu sobre os passeios, sem se tomar em consideração a largura dos mesmos e o movimento dos peões. As caixas de correios, outrora, eram colocadas no interior das paredes dos prédios e as colunas de candeeiros de iluminação pública, na sua maioria, deixaram de ser ligadas, também, ás fachadas dos edifícios, assim como as canalizações saíram do subsolo da via pública, para poder ser acelerado o trânsito dos peões e deslocaram-se para os baixos dos passeios dos quais os transeuntes têm de sair, constantemente, com receio de quedas nas trincheiras abertas para as sucessivas substituições de fios, arranjos de avarias, etc.

Quando deixarão, também, os disticos das paragens dos eléctricos e dos autocarros de estar colocados em sítios que não dificultem o movimento nos passeios? Estes são domínio exclusivo dos peões; e assim — pergunta-se: quando se fará respeitar esse espaço, a única defesa que nos resta contra os riscos que nos espreitam por todas as ruas onde cresce a perigosa enxurrada do trânsito?

Em ALHOS VEDROS o «Diário de Lisboa» é vendido por Manuel de Sousa Melro.

Os expedicionários de Infantaria 11 tiveram hoje a sua festa de despedida

SETUBAL, 12 — (Pelo telefone) — Integrada no contingente expedicionário que parte brevemente para a Índia portuguesa segue uma força do Regimento de Infantaria 11, desta cidade. Por tal motivo, realizou-se hoje uma expressiva festa de despedida aos expedicionários. De manhã houve missa campal, no Largo de Jesus, fronteiro á vetusta igreja do mesmo nome. Junto ao respectivo pórtico foi armado um altar, onde oficiou o rev. padre Fernando Martins, vigário da vara, ajudado por um alferes e um cabo.

Antes de iniciar a missa, o referido sacerdote procedeu á benção de medalhas com a effigie de Nossa Senhora de Fátima, as quais, por iniciativa do chefe do distrito, foram oferecidas a todos os expedicionários. Também foi benção o guião que foi oferecido pelas senhoras do distrito de Setubal.

O guião foi colocado na haste pelo coronel Pompeu de Sousa que se deslocou propositadamente á esta cidade em representação do general Governador Militar de Lisboa.

Seguidamente o comandante de Infantaria 11, sr. coronel Orlando de Oliveira, proferiu uma alocução, em que evocou a figura do tenente Jean Raimond, natural desta cidade, que foi morto pelas balas inimigas em Aconem, no Estado da Índia.

Os soldados de Infantaria 11 desfilarão, em continência, perante o monumento aos mortos da Grande Guerra.

A noite, no Ginásio da nova Escola Técnica local, realiza-se um sarau de variedades promovido pela Emissora Nacional e dedicado aos soldados expedicionários.

* *

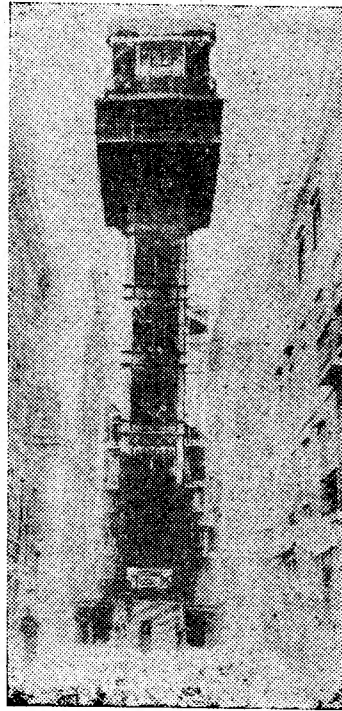
ÉVORA, 12 — Em missão de rotina, vai seguir para o Ultramar uma força do Regimento de Artilharia n.º 3, desta cidade, que esta noite, no ginásio do liceu, é homenageada com um serão recreativo organizado pela F. N. A. T.

* *

É esperado no domingo, a bordo do paquete «Lima», um grupo de oficiais, sargentos e praças de Ponta Delgada, que vai ser incluído no contingente de tropas que, em serviço de rotina vai partir para o Estado da Índia.

Novas freguesias de Lisboa

Pelo decreto-lei n.º 42 142, de 7 de Fevereiro ultimo, foi estabelecida a nova divisão administrativa do concelho de Lisboa, que criou mais dez freguesias, reajustando a divisão de outras. Assim, foi necessário adaptar os antigos e novos organismos ás necessidades resultantes dessa reorganização, estabelecendo-se as áreas e limites de todas as freguesias e sua instalação. A nova área do primeiro bairro consta do edital que á respectiva administração mandou afixar, nela se incluindo as suas vinte e quatro freguesias, com os respectivos perfis, que daremos sucessivamente, para conhecimento do publico, e em especial dos respectivos paroquianos.



Freguesia de Santa Justa
(Sede da Junta — Poço do Borratém, 25-2.º)

Partindo do angulo sudoeste da Praça de D. Pedro IV (Rossio), junto ao termo da Rua do Carmo, segue, para Norte, pelo eixo da Rua 1.ª de Dezembro, até ao seu cruzamento com a Calçada do Carmo; inflecte para oeste, continuando pelo eixo desta calçada em direcção

ás Escadinhas do Duque e passando a Sul do Largo do Duque de Cadaval; prossegue pelo eixo da Calçada do Duque, contornando, pelo Sul, as instalações da estação do Rossio e dos escritórios da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, ao atingir o edificio da Misericórdia de Lisboa toma a direcção Noroeste, seguindo pela linha que separa a Misericórdia das instalações da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses (escritórios e estação do Rossio), até á Calçada da Glória; desce pelo eixo desta calçada; continua pelo limite norte da Praça dos Restauradores (e Sul da Avenida da Liberdade) e pelo eixo da Rua dos Condes; segue, para Sueste, pelo eixo da Rua das Portas de Santo Antão, até ao largo em frente da igreja de São Luís dos Franceses; inflectindo para Nordeste, prossegue alguns metros pelo eixo das Escadinhas de São Luís da Pena; ao atingir o edificio do Convento da Encarnação desvia-se para Sueste, contornando, pelo lado ocidental, esse convento (excluindo-o) até ao Pátio do Salama; continua, pelo eixo do referido pátio e pelo eixo do primeiro troço das Escadas da Barroca, em direcção ao Largo de S. Domingos, contornando, pelo lado oriental, o Palácio da Restauração (incluindo-o); segue para Leste, pelo eixo da Calçada do Garcia, e depois para Nordeste, pelo da Rua do Arco da Graça e pelo da Rua de José António Serrano; inflecte para Noroeste, subindo, pelo eixo da Rua de S. Lázaro, até ao cruzamento desta com a Rua do Desterro; desvia-se para Norte, seguindo, pelo eixo desta rua, até ao seu cruzamento com a Rua Nova do Desterro; continua para Leste, pelo eixo desta rua, passa pelo limite norte da Rua da Palma (e Sul da Avenida do Almirante Reis); prossegue, pelo eixo da Travessa do Benfornoso, até á Rua do Benfornoso; inflecte para Sul, seguindo pelo eixo desta rua; continua, na mesma direcção, pelo eixo da Rua da Mouraria e do Poço do Borratém; desvia-se para Oeste, seguindo, sucessivamente, pelo eixo da Rua dos Condes de Monsanto, arruamento sul da Praça da Figueira, Rua da Betesga e arruamento sul do Rossio, até ao ponto de partida.

Disposições aprovadas pelo Ministério da Saude

O Ministério da Saude, aprovou os regulamentos municipais dos mercados e feiras em Amarante e da venda de leite para consumo publico em Almeida; e as posturas sobre vistorias e habitações, da Camara Municipal de Gois; sobre limpeza e higiene das ruas de Vila Nova de Cerveira; sobre higiene e limpeza de ruas e largos de Figueira de Castelo Rodrigo; sobre alojamento de animais e remoção de detritos, em Vila do Conde; e sobre vistorias de habitações, elaborada pela Camara Municipal da Praia da Vitória (Açores).

Navio norueguês em perigo

AMSTERDÃO, 12. — O barco norueguês «Espevaer» lançou de madrugada um S. O. S. anunciando que estava a afundar-se a cerca de setenta milhas a Oeste do navio-farol holandês «Utsira», em consequência de estar a meter água em grande quantidade. A mensagem pedia socorro urgente e acrescentava que a tripulação estava a preparar-se para abandonar o navio. Em socorro dos tripulantes do «Espevaer» navegam a toda a velocidade várias embarcações. — (A. N. I.).

AS TEMPERATURAS DE HOJE

Temperaturas extremas registadas hoje em Lisboa, até ás 15 horas: máxima, 15,6; mínima, 9,3. No mesmo dia do ano passado: máxima, 14,9; mínima, 5,8.

— Temperaturas observadas ás 9 horas na Costa do Sol: na atmosfera, 13,6; na água do mar, 14,4.

Exercícios navais em conjunto com navios portugueses

A formação naval da Marinha de Guerra, que sob o comando do sr. comodoro Paulo Viana, comandante da Força Naval do Continente se manteve durante cerca de 30 dias em exercícios ao longo da costa, com base em trabalhos anti-submarinos e ainda exercícios de roegas regressou hoje ao Tejo, fundeando na base Naval do Alfeite, as unidades que participaram nos referidos exercícios. Apesar do mau tempo que ultimamente se fez sentir, os navios mantiveram-se sempre no mar, embora determinados exercícios não se tenham podido realizar, devido ás condições atmosféricas.

Exercícios sob o comando do almirante Davis

Terminados estes exercícios, uma outra formação naval, constituída por quatro unidades — as fragatas «Corte Real», navio-chefe, no qual embarcará o sr. comodoro Paulo Viana, e «Pero Escobar» e os contra-torpedeiros «Dão» e «Lima» — seguirá para o mar, no domingo, ao fim da tarde, para se encontrar com forças das Marinhas de Inglaterra (a esquadra que recentemente esteve em Lisboa), da França e da Dinamarca, para exercícios que se prouongarão por cerca de 12 dias e decorrerão numa zona que vai desde o Atlantico Central até á Biscaia — conforme o «Diário de Lisboa» largamente se referiu.

As referidas manobras decorrerão sob o comando superior do almirante sir William Davis, comandante-chefe da «Homme Fleet», embarcado no navio-almirante «Tyne».



Partiu para Nova Delhi um grupo de alpinistas franceses, chefiado por Jean Franco, que se dispõe a alcançar o cume do Monte Jaanu, um dos de mais difícil acesso da cadeia do Himalaia

Mais subsídios do Ministério da Saude para obras de assistência

Pelo Ministério da Saude e Assistência, foram concedidos mais os seguintes subsídios: á Santa Casa da Misericórdia de Riba d'Ave, 100 contos; á Santa Casa de Vimioso, 100 contos; ao Hospital de D. Amélia, em Moncorvo, 75 contos; á «Albergaria do Major Ratos», em Alcains, 100 contos; ao Albergue Distrital de Faro, 150 contos; ao Asilo de Cegos de Nossa Senhora da Esperança, em Castelo de Vide, 150 contos; á Santa Casa da Misericórdia da Chamusca, 200 contos; ao Centro Materno-Infantil de S. Pedro do Sul, 64.500\$00; á Casa de Prevenção mantida pelas Religiosas Adoradoras, em Braga, 100 contos; á Misericórdia da Guarda, 80.120\$00; á Misericórdia da Madalena, 150 contos; á obra missionária de Barcelos, 30 contos; ao Centro de Assistência de Macedo de Cavaleiros, 25 contos; e ao Centro de Assistência de Moita do Ribatejo, 30 contos. Todos estes subsídios se destinam a obras de aquisição de equipamento daquelas instituições. Foram ainda concedidos os seguintes subsídios: á Misericórdia da Vidigueira, para instalação de uma enfermaria-abrigo, 50 contos; ao Grupo de Beneficência «A Caridade» (Lisboa), para auxílio da sua manutenção, 90 contos; aos Bombeiros Voluntários de Algués, para auxílio na manutenção do posto médico, 20 contos; ao Governo Civil de Faro, para socorro ás vítimas dos temporais, 30 contos; e ao Instituto de Assistência Nacional aos Tuberculosos, para os centros de cirurgia torácica de Lisboa e Porto, 99 contos.

Dizem os leitores...

Atitude injustificada

Um dedicado leitor do nosso jornal telefonou-nos a dar conta do seguinte:

Uma «troupe» de funambulos, os «Aranis», que tem actuado em Portugal, deu ontem, á noite, um espectáculo em Algués, com entrada livre no respectivo recinto. No final, como de costume, recolheram a contribuição monetária, facultativa, dos espectadores.

Sucedeu, porém, que os acrobatas pelo facto de não receberem as quantias que desejavam, dirigiram-se em atitudes ofensivas a muitas pessoas presentes. O mais estranho é que entre os «Aranis» figura um Português que se destacou pelas suas atitudes indignas. O facto provocou enorme burburinho naquele local, como é natural.

Não será possível ás autoridades acompanharem estes espectáculos, intervindo em tais situações?

Senhora morta

por uma automotora

PORTO, 12. (Pelo telefone). — Uma automotora que partiu desta cidade para Guimarães colheu, próximo da linha de cintura, no lugar de Custóias, a sr.ª D. Engrácia Pinto de Jesus, de 76 anos, viúva, ali residente. Transportada ao hospital daquela vila, pelos Bombeiros de Matosinhos-Leça, ali faleceu ao principio da tarde.

Rosa dos Ventos

Na Pérsia existe uma equipa de futebol que gozava de grande popularidade pelo facto de todos os seus componentes usarem barba. Pois lavra grande consternação entre os jogadores porque o director mandou-lhes rapar os queixos e daqui para o futuro deixarão de exibir o precioso ornamento capilar. Motivo: num dos últimos desafios, a barba de um dos jogadores prendeu-se no fecho «éclair» da camisola de um adversário — e o incidente custou ao clube a perda do jogo.

*

A R. T. F. adquiriu recentemente um carro enorme, de linhas aerodinâmicas e vastas janelas de vidro, que será o mais eficiente estúdio ambulante de todas as televisões do Mundo. Equipado com três câmaras e quatro receptores, o carro tem um teleteléfono e parece que vai constituir elemento decisivo nas transmissões directas. A R. T. F. também podia utilizar, de quando em vez, com uma maior insistência, os seus estúdios ambulantes. O programa directo, nas transmissões de 1958, foi 1/22 da programação total.

*

Em consequência de um acidente de viação, Miss Darkhill, de Filadélfia, ficou com os lábios defeituosos e sofre horrivelmente cada vez que tem de dar um beijo. O causador do desastre foi condenado a pagar-lhe cerca de 50 contos de indemnização.

*

Margaret Brunner, de Pretória (África do Sul), divorciou-se do seu primeiro marido porque comia muita cebola e ela não podia suportar o hálito. Uma vez divorciada, voltou a contrair matrimónio, e em certa altura começa a manifestar uma paixão subita pela cebola. E agora é a vez do segundo marido pedir o divórcio, com o fundamento de que não pode aproximar-se da mulher quando ela come cebola, o que equivale a dizer que é todos os dias.

*

Miss Anita Warren, uma americana de Albuquerque, quando conduzia o seu automóvel, reconheceu ao passar numa rua da cidade um cão-lobo alsaciano que dois dias antes a mordera, causando-lhe um ferimento extenso. E deu uma guinada brusca ao volante para tentar apanhá-lo. Com tão pouca sorte que faliu o cão, saltou para cima do passeio, colheu três transeuntes e destruiu a montanha de uma mercearia.

*

Podem não acreditar, mas é verdade: todos os prémios da corrida ciclista de Monterá (Colômbia) foram oferecidos por comerciantes de agências funerárias.

*

Dois jovens entregam-se ao prazer da dança. Ela está encantada com a arte coreográfica do seu parceiro:

— Não sabia que dançava tão bem a rumba. Dê-me ter tido um bom professor.

— Não. Tive durante muito tempo uma bicicleta que tinha o selim desconjuntado.

Como se salta e se cai em pára-quedas

Diálogo no B. C. P., em Tancos: — Isto agora está sempre com melhoramentos e coisas novas...

— É verdade. Começamos por cambalhotas à espanhola. E em continuação temos: ginástica à brasileira, descansar à americana e fatos à francesa...

— Enfim, somos pára-quedistas internacionais.

— Só falta termos... satélites à pára-quedista!

Há muito de verdade no humorismo destas frases. Compreende-se: o pára-quedismo em Portugal é ainda uma actividade neófitia, muito recente. Não fica, aliás, mal copiar as coisas estrangeiras, desde que sejam boas. E o facto é que os métodos de aprendizagem e de treino dos pára-quedistas portugueses são dos mais modernos e eficientes que hoje se praticam em qualquer parte do Mundo. Quase todos os instrutores — oficiais, sargentos, furiéis ou cabos — se formaram nos grandes centros internacionais.

O sr. capitão Seixas, por exemplo, tirou o seu curso no Brasil. E' ele que superintende na ultima fase da instrução em terra, no que diz respeito á preparação dos saltos com pára-quedas. Bastante solícito e profundamente minucioso, o capitão Seixas teve a gentileza de, expressamente para o jornalista, apresentar uma demonstração progressiva por alguns dos seus subordinados, executantes correctos e destemidos.

A ESTREIA DE «OS NUS E OS MORTOS» Hoje, no São Jorge



Está a despertar notável e justificada expectativa a estreia anunciada para hoje no São Jorge do filme de Raoul Walsh extraído da obra consagrada de Norman Mailer «Os Nus e os Mortos».

Obra de choque, desenrolada na atmosfera febricitante da guerra do Pacífico durante a ultima conflagração mundial, vale por uma mensagem dirigida á consciência dos homens, posta a descoberto neste filme de excepção com uma crueza tão brutal como a da metralha que ceifa vidas e encharca o solo de generoso sangue. Em «Os Nus e os Mortos» é o drama psíquico que prevalece, mesmo quando o estrondoso de canhão e o matraquear das metralhadoras só deixam tempo para morrer num duelo demolidor em que se debatem as almas e as consciências e a natureza humana sobra ante a fera que vive no íntimo de cada ser.

Colorido por Technicolor e filmado em RKO-Scope, «Os Nus e os Mortos» é um filme impressionante, dramático e espectacular, valorizado ainda por uma interpretação verdadeiramente á altura da profundidade do tema, na qual sobressaem os nomes de Aldo Ray, Cliff Robertson, Raymond Massey, Lili St. Cyr e Bárbara Nichols.

Pasta Medicinal Couto
TRATA—Gengivas descarnadas ou sangrentas
EVITA—Estomatites mercuriais ou bismuticas
MATA—Os micróbios da boca

Os pára-quedistas portugueses utilizam os mais modernos métodos de aprendizagem

Um pára-quedista português, do B. C. P., de Tancos, posa expressamente para o nosso jornal com o seu equipamento de combate: fato camuflado, capacete de campanha em aço, botas de salto, pára-quedas principal, pára-quedas de reserva, boral, cantil, pistola-metralhadora, punhal-baioneta e dois carregadores. O peso total deste conjunto é de 30 quilos

O futuro pára-quedista começa por aprender a cair. A queda tem segredos fundamentais. Como acontece com os aviões, a aterragem é o mais importante. E' mais delicado o simples contacto com o solo que todas as fases do salto e do voo, a partir do aparelho, navegando a centenas de metros de altitude. O treino das quedas dos «soldados do céu» assemelha-se ao treino dos lutadores de judo.

Disse-nos aquele oficial: — O maior numero dos accidentes verifica-se na queda. Quando tudo anteriormente corria a preceito — saída do avião, abertura do pára-quedas, domínio do corpo e descida — muitas vezes o pára-quedista vem lesionar-se com gravidade ao contactar com o chão. Uma perna partida ou pior... Qualquer desatenção resulta bem cara... O perigo do percurso no espaço tem sido muito atenuado com a constante melhoria de fabrico dos pára-quedas. Mas, nas quedas, o risco subsiste.

A pé firme, no mesmo plano, o aluno começa por fazer os movimentos de defesa considerados clássicos, atirando-se ao solo: rolamientos frente-esquerdo, frente-direito, lateral-esquerdo, lateral-direito, rectangular-esquerdo e rectangular-direito. A primeira parte do corpo a contactar com o solo deve ser, em todas as circunstancias, os dois pés, unidos como se constituíssem uma unica peça. A segunda, uma das nádegas. E a terceira, a espádua do lado contrário. Este é o a-b-c da arte de cair em pára-quedas.

A torre—o grande martírio...

De um plinto de metro e meio, os alunos saltam, para a frente, para o lado ou para trás, e repetem o sistema. E a altitude vai subindo, progressivamente, até ao momento da torre entrar em acção. Na torre fica eliminado o maior numero de candidatos, em cada curso, mesmo que tudo tenha decorrido com a mais absoluta perfeição até essa altura. Estruturada em ferro, embora na sua relatividade semelhante á de Eiffel, a torre está a 26 metros de distancia do chão e tem três tabuleiros. Da segunda plataforma, a 15 metros de altitude, idêntica á de um 3.º andar, o pretendente lança-se no espaço, suspenso por um cabo de aço cujo fim é diminuir a velocidade nos derradeiros metros; de forma a que o «voador» consiga enrolar de acordo com o método anteriormente aprendido. E' um grande treino de decisão e coragem!

A fase da saída do avião, do salto para o espaço, requer também cuidados muito especiais. Não bas-

ta atirar-se. E' preciso fazê-lo com consciência, com absoluto domínio do corpo, com conhecimento do que terá de executar para atingir o objectivo ordenado. Para isso, foram construídas, em madeira, «maquettes» com o formato das portas

das aeronaves geralmente utilizadas no transporte de pára-quedistas: «Junkers» e «Skymasters». Em operação de combate, salta-se para a frente, pernas e pés unidos,

(Continua na 13.ª página)

A acção fiscalizadora sobre a salubridade e higiene dos géneros alimentícios

Recebemos do Secretariado Nacional da Informação a seguinte nota:

«No intuito de esclarecer perguntas feitas sobre as providências normalmente tomadas pelas instancias oficiais acerca da defesa do publico, no que se refere á boa qualidade e higiene dos géneros alimentícios, o S. N. I., ouvido os departamentos responsáveis, traz a publico a seguinte comunicação:

«Um trágico acidente, recentemente ocorrido, revela a vantagem de alguns esclarecimentos acerca da actividade dos Serviços que têm a cargo a defesa e higiene dos alimentos. Os já trazidos a publico justificam a confiança existente nesses Serviços; mas importa dar a conhecer alguns elementos sobre a sua eficiência e o trabalho realizado durante o ano findo, embora se reconheça que da recente criação, tanto do Ministério da Saude como das Secreta-

rias de Estado da Agricultura e da Industria, virão a resultar sensíveis benefícios, além do mais, pelo natural reforço de colaboração.

«A defesa da qualidade dos produtos de consumo é da competência da Direcção-Geral de Saude que pelo seu Serviço Técnico de Higiene da Alimentação e Bromatologia, cuida em especial da higiene dos estabelecimentos de géneros alimentícios e da sanidade do seu pessoal; da Inspecção-Geral dos Pro-

(Continua na 11.ª página)

Assembleia Nacional Será hoje aprovada a proposta sobre fomento piscícola

Na ordem do dia da sessão de hoje, da Assembleia Nacional, a que preside o conselheiro Albino dos Reis, termina o debate acerca da proposta de lei reguladora do fomento piscícola nas águas interiores do País, no qual devem intervir os deputados drs. Carlos Coelho, Julio Evangelista e Simeão Pinto de Mesquita.

Depois de aprovado aquele diploma, será a sessão encerrada, só começando os trabalhos da Assembleia na próxima terça-feira.

Antes da ordem do dia, falarão os deputados coronel José Monteiro Rocha Peixoto — que apontará as dificuldades financeiras com que lutam os Municípios e a necessidade de resolver tal problema — e, possivelmente, o conselheiro Armando Candido de Medeiros, que tenciona fazer algumas considerações sobre a politica geral do País, acentuando que hoje, mais do que nunca é necessária a unidade nacional.

BRILHANTES

De qualquer tamanho e preços, compramos. Pagamos muito bem.

GRANDE OURIVESARIA DA MODA

Rua da Prata, 257

HIPOTECAS

SOBRE PROPRIÉDADES. EMPRESTAMOS AO JURO DA LEI, EM TODO O PAÍS. PRAZO ILIMITADO. AMORTIZAÇÕES FACULTATIVAS. NADA COBRAMOS A TÍTULO DE AVALIAÇÕES. MÁXIMO SIGILO

A CONFIDENTE

(A maior organização do País)

LISBOA—Rossio, 3-2.º PORTO—R. Passos Manuel, 14

APARTAMENTOS PARA ESCRITÓRIOS,

comércio ou habitação; vestibulo, 2 salas, Banho e recanto cozinha adaptável a arquivo, aquec.º central, etc.

R. António Maria Cardoso, 15

O tempo que faz

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:
SITUAÇÃO GERAL AS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental o vento era moderado de Noroeste e o Céu estava pouco nublado por acção de uma massa de ar marítimo transportada na circulação de um antigo ciclone centrado entre os Açores e a Madeira.

Temperaturas às 9 horas: Portalegre, 5°; Porto e Coimbra, 9°; Lisboa, 11°; Faro, 12° e Funchal, 15°.

PREVISÃO ATÉ AS 24 HORAS DE AMANHÃ — Céu geralmente pouco nublado, vento Noroeste moderado.



Um transatlântico

esteve parado no mar para que um Português

pudesse ser operado

RIO DE JANEIRO, 12. — Desembarcou no Rio de Janeiro, seguindo para a Beneficência Portuguesa, o português José Rodrigues de Araújo, de 29 anos, que vinha ao Rio visitar pessoas de família. Durante a viagem, José de Araújo foi submetido a uma delicada operação cirúrgica: apendicite supurada com ameaça de peritonite aguda. O transatlântico «Frederico E» esteve parado no mar durante duas horas e meia, pouco depois de ter partido de Cabo Verde para que a operação pudesse fazer-se. A operação, que teve pleno êxito, foi realizada pelos médicos de bordo com a colaboração de dois médicos que seguiam no transatlântico como passageiros. — (F. P.).

O brigadeiro França Borges vai ser nomeado presidente da Câmara Municipal de Lisboa

A bordo do «Uige», como noticiámos, chega amanhã a Lisboa o sr. brigadeiro António Vitorino França Borges, que exercia as funções de governador militar da Madeira e vai ser nomeado presidente da Câmara Municipal de Lisboa, na vaga deixada pelo sr. tenente-coronel Salvação Barreto, que se encontra demissionário.

O futuro presidente do Município da capital terminou o curso de Infantaria da Escola do Exército em 1919 e foi promovido a brigadeiro trinta e nove anos depois. Exerceu várias funções de comando, entre as quais se destaca o comando do Batalhão de Caçadores «Vasco da Gama», em expedição no Estado Português da Índia. Foram-lhe cometidas algumas comissões de serviço, no Continente e Ilhas Adjacentes, tais como de adjunto do general Paul Ely durante a reunião da N. A. T. O. em Lisboa; comissão de estudo de regulamentos na D. A. I.; e adjunto da Inspeção às unidades dos Açores em 1957. Foi, também, instrutor da Escola Prática de Infantaria em Mafra e exerceu o cargo de presidente da Câmara Municipal de Torres Vedras.

Da sua folha de serviço constam 31 louvores, todos salientando altas qualidades militares e a sua grande competência técnica, e atestando serviços relevantes prestados ao Exército. Possui várias condecorações, entre as quais as medalhas de grande oficial de Avis, Mérito Militar, oficial da Ordem Militar de Cristo e medalhas de prata de bons serviços, de prata de exemplar comportamento, de prata de dedicação da Legião Portuguesa e comemorativa da expedição à Índia.



BRIGADEIRO FRANÇA BORGES

Sobre assuntos militares é autor de várias publicações, como sejam «Infantaria e combate de povoações», «Táctica de Infantaria em regiões arborizadas» e «Pontos fracos e pontos fortes».

As despedidas ao antigo presidente

No restaurante Montes Claros, efectuou-se hoje um almoço, oferecido pelos directores dos Serviços Municipais ao presidente e ao vice-presidente cessantes, a quem amanhã, às 12 horas, nos paços do concelho, o comércio de Lisboa, por iniciativa da União de Grémios de Lojistas de Lisboa e dos organismos nela representados, apresenta cumprimentos de despedida àquelas entidades.

Os funcionários da Câmara Municipal de Lisboa apresentam hoje, às 17 horas, nos Paços do Concelho, cumprimentos de despedida ao presidente e ao vice-presidente cessantes do Município, srs. tenente-coronel Alvaro Salvação Barreto e Luís Pastor de Macedo.

A viagem a Moscovo (4)

Quando o primeiro-ministro partiu para Moscovo, não tinha dúvidas sobre a recepção que lhe seria feita nem as respostas que lhe seriam dadas. Mas entendeu que não podia deixar de o fazer, por duas razões. Uma de natureza nacional, outra que se deduzia do agravamento da situação internacional e das condições em que esta se deteriorava à vista de todos. A viagem impunha-se desde o Outono de 1956, quando a Grã-Bretanha recebeu o ultimato de 4 de Novembro que deteve a expedição do Suez. A segurança da ilha estava à mercê dos projectos da União Soviética, facto sem precedentes na sua História.

Os ensinamentos da crise, que então teve o Mundo à beira da guerra, não se perderam. O ensaio de estratégia nuclear, que teve por protagonista o ministro da Defesa, Duncan Sandys, malogrou-se. A inscrição no clube atómico não era uma garantia suficiente para os riscos que o seu país corre. O preço da protecção americana sem contrapartida diplomática, revelou-se bastante elevado para ser pago sem o perigo de uma dependência que repugna ao carácter e nega a tradição do povo britânico. Este dificilmente se adapta ao papel de «brilhante segundo», cujas contingências e perigos conhece.

Durante mais de um século a luta do urso e da baleia foi um capítulo movimentado de história no qual alternaram a rivalidade e a identidade de interesses. A Grã-Bretanha e a Rússia foram inimigas e aliadas. A rivalidade justificava-se pela presença e influência britânicas no continente asiático e no Extremo Oriente. A sua diplomacia criou a aliança japonesa para deter a expansão russa. Na Europa a Welapolitik de Bulow e do Estado-Maior alemão gerou, por duas vezes, a aliança anglo-russa. Em ambos os casos essa aliança não existia quando começaram as hostilidades no nosso continente.

Perante a ameaça de Guilherme II e de Hitler, como perante a ameaça de Napoleão, no começo do século XIX, os dois países reconheceram que as divergências que os separavam tinham menos peso do que as razões que os aproximavam. Sem a retirada da Rússia, não haveria Waterloo, sem Tannenberg não haveria a vitória de 1918, sem Estalinegrado os soldados britânicos não ocupariam, em 1945, a planície da Alemanha setentrional. O sacrifício dos combatentes russos, com o império ou os comunistas, contribuiu decisivamente para a consolidação e sobrevivência do poderio britânico e da sua influência no Mundo. O traço de união que, mais uma vez, aproximou agora Russos e Ingleses foi o renascimento da Alemanha armada.

Ao desembarcar em Londres, no regresso da União Soviética, o primeiro-ministro disse que chegara o momento em que a Grã-Bretanha se sentia obrigada a procurar um caminho para sair do atoleiro em que o Ocidente caiu. O imobilismo da diplomacia americana, entrecortado por manifestações intermitentes de energia sob a forma do arrastar do sabre atómico, não é, aos seus olhos, uma política. As nações ocidentais vão à deriva, de incidente em incidente, sabendo que a guerra por acidente é não só uma possibilidade, mas uma probabilidade a curto prazo.

Desde 27 de Novembro que a batalha diplomática, iniciada com a nota soviética sobre o estatuto de Berlim, prossegue sem que, entretanto, a iniciativa saísse das mãos dos dirigentes soviéticos. No Ocidente, as dúvidas alternam com as veleidades, e as hesitações com as ameaças inoperantes. Mas são os mesmos «slogans» que alimentam a sua acção, as mesmas fórmulas que a enformam, as mesmas divisões que a caracterizam. Decorreram mais de três meses — metade do prazo marcado — sem que as nações ocidentais anunciassem que a sua diplomacia tem contrapropostas para opor às propostas que o Governo soviético elaborou para o estatuto de Berlim e o tratado de paz com a Alemanha. A Grã-Bretanha julga que essa situação comporta tais riscos, que tomou a iniciativa de procurar conjurá-la enviando a Moscovo o primeiro-ministro. Dos pontos de vista nacional e internacional foram essas as razões que justificaram a sua visita e lhe deram uma importância relevante.

TAPETE
QUINTÃO
DECORATIVO
RESISTENTE
ECONÓMICO

QUINTÃO

CASA ESPECIALIZADA
30, Rua Ivens, 34

JOIAS

Antigas e modernas. Compra cobrindo todas as ofertas. OURIVARIA PIMENTA. Rua Augusta, 253.

Em CHAVES o «Diário de Lisboa» vende-se na Casa Plástica, Rua Direita, 71.

1 9 3 3

16 MARÇO

1 9 5 9

XXVI - ANIVERSÁRIO - DA
LOJA DAS MALHAS

RUA DO CARMO, 97 - 99

TODOS OS DIAS

E A QUALQUER HORA



Para preparação rápida na chavena



Os apreciadores de um bom café puro, em 50 Países do Mundo, dão a sua preferência ao CAFÉ HAG solúvel. E têm razão!
— Eles gozam assim o prazer duma excelente mistura de cafés 100% puros.
— Podem tomar todos os dias e a qualquer hora quantas chavenas de café lhes apeteecer.
— Poupam o coração e os nervos e evitam a insónia.

Por isso se diz com propriedade:

CAFÉ HAG

EXTRACTO DE CAFÉ PURO EM PÓ

Sem cafeína

É O MELHOR AMIGO DO SEU CORAÇÃO

Troque hoje mesmo

20 carteirinhas vazias de CAFÉ HAG por uma chavena de porcelana «Vista Alegre»

Informe-se no seu fornecedor

CADERNO DE UM REPORTER

Bandarilhas, capas e outras coisas igualmente espanholas

por CONSIGLIERI SÁ PEREIRA

A arte dos Marialvas, a equitação. Mesmo depois da trágica corrida de Salvaterra de Magos, que fez abo-lir os toiros de morte em Portugal, ficou vinculada a essa nobre casa. No entanto, apesar da morte de alguns dos seus principais membros, conforme a clássica história de Rebelo da Silva, os Marialvas sempre que podem e conforme o uso estabelecido, surgem nos redondéis e fazem figura galharda, ainda hoje, montados nos seus melhores cavalos.

Havia, nesse tempo, um arsenal completo de coisas e coisinhas complicadas, todas com seus rótulos espanhóis, rara sendo a peça do arsenal tauromáquico que não estivesse devidamente rotulada. Nisso, honra lhes seja, são os nossos hermanos, muito meticolosos, nada cedendo do que seja seu, nativamente ou por direito de adopção. E bem fazem. Pátria, grande ou pequena, há uma só, vistas as coisas, e ninguém se desfaz dela apenas por gosto. Corrida de touros, vistas as coisas com suficiente esmero sem querer enodoar esta crónica com os salpicos duvidosos de alheias tradições, uma também. Sempre assim foi, sempre assim será. Fora disto, só cabe a jactanciosa bravata. Basta-nos, já agora, a nossa serena consciência, este nosso nimitável repouso de alma, repouso de uns, glória de outros, mas inútil como estipêndio de glória, fugidia, impossível de comprar, para nos merecer a benevolência de Gregos e de Troianos, neste azedo batalhar que vem de antigos tempos. Ainda assistimos a várias pegadas, após breve exame para espectador, a que eram sujeitos todos os candidatos a tal exame, em Alge e recordamos o eco alegre desses ólãs, sinceros e bem parecidos, emitidos por senhores metidos nas suas guarnecidas e limpas jaquetas, sem nada dos ecos e demoras a denunciarem prolongados estágios nas gavetas de casas pouco ajuizadas. É preciso ver que o touro ocupava nesse tempo o lugar de capitão de *team*, e era tido com verdadeira unção...

O castigo e o não-castigo

Ainda hoje, apesar de muito desfigurada, a arte de tourear é novidade para o estrangeiro e coisa grata, coisa nova, para seus olhos verem. Se amanhã as corridas se restabelecerem, como outrora, em toda a sua plenitude, eles não-de ser os primeiros a ir ver e talvez a apreciar, os ferros destinados à morte em pleno redondel. Veremos se há cavaleiros em quantidade para manter o espectáculo em todo o fulgor da sua tradição ou se eles, no decorrer destes 150 anos (sempre e, em numeros redondos, a soma respeitável de século e meio!) em que não houve quebras na aplicação da lei. Podemos dizer: *dura lex, sed lex!* e ninguém deixará de notar a semelhança dos nossos com a dos graves lictores que tenham intervindo no processo.

Basta, pois, que se respeitem os desejos da opinião publica e, ante os ditames da sua vontade, orientar o espectáculo nacional dos Espanhóis e também nosso, de forma congruente e harmónica.

Melhor que ninguém, mais respeitador, ante a suprema lei das conveniências publicas, há os magistrados que devam superintender na aplicação e regulamento do que, estando proibido, no entanto não foi postergado do convívio com o publico e susiste, íntegro, na imaginação e na sensibilidade dos entendedores.

Sementes de tradição

Nisto, a tradição deve ser, sempre, tomada como modelo de ética. Ainda é a melhor conselheira do

Feiras internacionais

A C. P. e os Caminhos de Ferro estrangeiros concedem reduções em todas as classes aos visitantes das feiras internacionais a seguir indicadas:

SUIÇA — Geneve (de 12 a 22 de Março de 1959).

AUSTRIA — Viena (Feira da Primavera) (de 3 a 15 de Março de 1959).

Pedir esclarecimentos:

— na Secção de Informações na estação de Lisboa (Rossio).

— nas estações de Caminhos de Ferro habilitadas a vender bilhetes de serviço internacional.

gênero. Se as mulheres e as crianças estiverem com os magistrados, estes terão recebido o melhor dos apoios e poderão, intemeratos, prosseguir no caminho traçado, sem medo a desvios e perdas de velocidade.

Muito se perdeu durante este século e meio e, se fôssemos a fazer a conta do que se poderia ter ganhado e, de facto, se perdeu, durante estes cento e cinquenta anos de inibição, encontraríamos uma cifra hipotética e, demasiado grande, talvez, mas igualmente fascinante e atraente. Nada de melhor e mais capaz de chamar a nossa atenção do que aquilo que já existiu e talvez não se possa recuperar. Há, ainda, outro factor importante — o de as mulheres considerarem os touros coisa sua, privativa da sua formação, parte da sua graça, e não há nenhuma que não se veja, de leque empunhado, a gritar *ólãs* como se fosse autêntica andaluza. E quantas, ainda que lá ao longe, não terão a sua costela atravessada de espanhóis ou de parentes próximos que o foram? Havia verdadeiro entusiasmo, nessa espécie de comunhão com o sol e a sombra! Nesse tempo, reinava verdadeira compreensão entre publico e ídolos da arena, e pode dizer-se que muita literatura nascia nos redondéis. Só muito depois, ante a consternação da morte do jovem Marialva, pôde o marquês de Pombal, já preocupado com a reconstrução de Lisboa, preocupar-se, também, com a obra importante de abolir os touros de morte! Não temos opinião sobre o caso, é uma de tantas actualidades que vemos e registamos, procurando entregá-la ao publico fielmente resumida nestas crónicas.

Necrologia

Francisco, Gomes Sousa

Faleceu o sr. Francisco Gomes Sousa, de 44 anos de idade, natural de Torres Novas, agente de fiscalização da F. N. I. M., casado com a sr. D. Hermengarda do Patrocínio Ferreira Sousa.

O funeral, a cargo da Casa A. G. Magno, Lda., da Av. Almirante Reis, realiza-se, amanhã, às 15 horas, do Largo Cristóvão Aires, n.º 3-1.º, dt., para o cemitério do Alto de S. João.

D. Maria Luiza de Sousa Delgado Manjolinha

Faleceu a sr. D. Maria Luiza de Sousa Delgado Manjolinha de 72 anos de idade, natural de Lisboa casada com o sr. Manuel Tiago Pereira Manjolinha, oficial do Exército na reserva, e mãe das sr. D. Maria Manuela Delgado Manjolinha e D. Maria Margarida Delgado Manjolinha Osório, casada com o sr. eng. Joaquim Osório de Albuquerque.

O funeral, a cargo da Agência Magno, realiza-se amanhã, pelas 11 horas, da igreja de Nossa Senhora da Pena, para o cemitério do Lumiar. As 10 e 30 horas, será celebrada missa de corpo presente.

D. Beatriz da Conceição Carreta Cota

EVORA, 12 — Faleceu nesta cidade a sr. D. Beatriz da Conceição Carreta Costa, de 82 anos, viúva, mãe dos srs. drs. António dos Santos Carreta Cota, professor do Liceu de Evora, e Artur dos Santos Carreta Cota, médico odontologista também em Evora.

ACHAS — LA CANIZA

Manuel Blanco Lorenzo

MISSA DO 4.º ANIVERSÁRIO

Sua família participa que será reza da missa por seu eterno descanso, amanhã, dia 13 pelas 9 horas, na Igreja da Madalena. Agradecendo desde já a todas as pessoas que se dignarem assistir a este piedoso acto.

OS INGLESES lançaram hoje um foguetão

ADELAIDE (Sul da Austrália), 12. — Um foguetão britânico «Black Knight» foi disparado hoje do polígono de Woomera.

Foi lançado quase verticalmente para atingir a altitude de mais de 500 quilómetros.

Foi o segundo «Black Knight» experimentado neste polígono. O primeiro foi lançado em 7 de Setembro passado. — (R.).

Leiam o jornal humorístico «SEMPRE FIXE»

23 pessoas perdidas numa floresta do Pacífico

BOGOTA, 12. — Vinte e três pessoas perderam-se há três semanas nas densas florestas de Buenaventura, no Pacífico — anunciam hoje as autoridades bolivianas.

Por ordem do Governo, foram iniciadas hoje buscas aéreas e terrestres para encontrar os desaparecidos, que fazem parte de um grupo de colonos que procuravam novas terras de cultivo. — (A. N. I.).

Na DAMALA o «Diário de Lisboa» e o «Sempre Fixe» são vendidos por Alvaro da Silva.

QUATRO MORTOS

num acidente de automóvel devido a derrapagem

VILLAFRANCA DEL PANADES (Barcelona), 12. — O editor José Janes Oliver, de Barcelona, proprietário da «Editorial Janes», morreu num desastre de automóvel na estrada de Barcelona, perto de Villafranca del Panades. Morreram também um irmão do editor, Angel Janes Oliver, e mais duas pessoas. O quinto passageiro do carro, o escritor inglês John Lodwick, ficou gravemente ferido. O desastre resultou de uma derrapagem na estrada molhada. — (F. P.).

X GRANDE VOLTA A PORTUGAL EM AUTOMÓVEL CLASSIFICAÇÕES

I GRUPO

2.ª Classe

1.º DOMINGOS RIBEIRO DA SILVA

em Auto-Union

2.º RUY MONTARGIL

em D.K.W.

4.ª Classe

1.º FERNANDO GUERRA CARDOSO

em Riley

II GRUPO

3.ª Classe

3.º DR. MANUEL PEREIRA MACHADO

em Riley

III GRUPO

1.º JOSÉ BERNARDINO LAMPREIA

em M.G.A. (modificado)

EM TODAS AS PROVAS MOTORÍSTICAS QUE SE REALIZAM, EM PORTUGAL E EM QUALQUER PARTE DO MUNDO, O OLEO «CASTROL» É SEMPRE PREFERIDO PELA GARANTIA QUE OFERECE DE EFICAZ PROTECCÃO DOS MOTORES, ASSEGUANDO O ÊXITO DOS GRANDES CAMPEÕES!



DESDE HÁ 50 ANOS O LUBRIFICANTE MAIS PERFEITO



Francisco Gomes Sousa

Confortado com todos os Sacramentos da Santa Madre Igreja

FALECEU

Hermengarda do Patrocínio Ferreira Sousa e mais família cumprem o doloroso dever de participar que foi Deus Servido Chamar à Sua Divina Presença o seu muito querido marido e parente e que o seu funeral se realiza amanhã, pelas 15 horas do Largo Cristóvão Aires, N.º 3-1.º, dt., para o Cemitério do Alto de S. João.

A. G. MAGNO, LDA.

Avenida Almirante Reis, 129-A Telf.: 51586



Maria da Conceição Pinto Osório Portela

(Confortada com todos os Sacramentos da Santa Madre Igreja)

FALECEU

Alfredo Farinha Portela, Guilhermino Farinha Portela e sua mulher, Nazaré Farinha Portela Dias e seu marido, Zulmira Farinha Portela, Maria de Nazaré d'Oliveira Portela, Amélia Monteiro Osório, Idalina d'Oliveira Portela Fouto, seu marido e filho, António Farinha Portela, sua mulher e filho (ausentes em Lobito, Angola), Maria Rosa d'Oliveira Portela Vonga, seu marido e filhos, Guilhermino Farinha Portela (sobrinho) e mais família, cumprem o doloroso dever de participar que foi Deus servido chamar à Sua Divina presença, a sua querida e extremosa esposa, cunhada e tia, rezando-se missa de Corpo Presente, amanhã, às 9 horas na Igreja Paroquial de S. João de Deus, de onde sairá o seu préstito fúnebre no próximo sábado às 4 horas da manhã para jazigo de família em S. João do Peso (Vila de Rei).

A acção fiscalizadora

(Continuação da página central)

quitos Agrícolas e Industriais que têm a seu cargo a repressão de fraudes dos géneros alimentícios; e da Direcção-Geral dos Serviços Pecuários que fiscaliza a sanidade dos produtos de origem animal através das Intendências e dos Médicos-Veterinários Municipais.

«Todos estes Serviços estão apoiados por laboratórios de investigação, privativos e especializados que, em cada caso, se pronunciam sobre a legitimidade da acção dos agentes de fiscalização.

«1 — A Direcção-Geral de Saúde dispõe de um vasto serviço para exame médico anual, em todo o País, dos trabalhadores de géneros alimentícios, que conduz á passagem do «boletim de sanidade». Pelo que respeita á inspecção e fiscalização laboratorial dos géneros alimentícios, procura, sobretudo, definir as linhas gerais da orientação a seguir por todos os serviços. O numero de análises bromatológicas, efectuadas nos laboratórios do Instituto Superior de Higiene, eleva-se anualmente a cerca de 2.000.

«2 — No que se refere á repressão de fraudes, verifica-se que, pela Inspeção-Geral dos Produtos Agrícolas e Industriais, foram visitados 68.699 estabelecimentos, colhidas 3.817 amostras, organizados 2.593 processos, e enviados aos tribunais 2.143 processos. As análises bromatológicas para a repressão de fraudes tanto para a determinação das características químicas como bacteriológicas, são feitas no Laboratório Central de Normalização e Fiscalização de Produtos, em Lisboa, e no Laboratório anexo á primeira Delegação da Inspeção-Geral, no Porto; o numero de análises feitas em cada Laboratório foi, respectivamente, de 3.832 e de 1.862.

«3 — Na parte, que, legalmente, pertence á Direcção-Geral dos Serviços Pecuários, verifica-se que foram inspecionados 219.479 estabelecimentos de preparação, fabrico e venda de produtos de origem animal, cabendo aos talhos e salchicharias 114.701 inspecções e ás peixarias, 48.387.

«No Laboratório de Medicina Veterinária realizaram-se 223.663 análises das quais 201.459 recaíram sobre o leite.

«Os produtos de origem animal reprovados para consumo foram de 7.633.861 kgs. de peixe e marisco e 3.566 kgs. de bacalhau. O apuramento de 1958 quanto a carne ainda não está concluído, mas em 1957 atingiu, 887.253 kgs.»

Informa-nos, também, o S. N. I.:

«A vigilância da qualidade dos produtos dos mercados abastecedores de Lisboa cabe á Camara Municipal. A sua Direcção dos Serviços de Abastecimento visitou 13.961 estabelecimentos: inspecionou 74.284.740 kgs. de peixe e mariscos, 14.151.102 kgs. de produtos alimentares de origem animal e 126.614 cabeças de criação morta e caça; e rejeitou para consumo 2.313 kgs. de produtos alimentares diversos, 12.896 kgs. de produtos alimentares de origem animal e 241 cabeças de criação morta e caça.»

As despedidas do governador militar de Lisboa

Prosseguindo nas suas visitas de despedida aos comandos e aos oficiais das unidades e dos estabelecimentos dependentes do Governo Militar de Lisboa, o general Valente de Carvalho, que há anos se encontra á sua frente, esteve hoje na Escola Prática de Infantaria, em Mafra, no Centro Militar de Educação Física, Equitação e Desporto, também naquela vila, nos Regimentos de Infantaria 5, nas Caldas da Rainha, e de Artilharia 6, em Santarém, e na Escola Prática de Cavalaria, naquela cidade.

O governador militar de Lisboa, acompanhado do seu oficial ás ordens, capitão Gil Judice, termina amanhã as suas despedidas, indo ao Regimento de Infantaria 11, em Setúbal, ao Destacamento do Forte de Almada e á Casa de Reclusão do Governo Militar de Lisboa, na Trafaria.

Abundancia de peixe

Na lota de Santos, foram vendidas esta manhã 168 toneladas de peixe. Da nossa costa chegou o arrastão «Bárbara Barata» com 98 toneladas, incluindo 37 de pargo. O «Alvalade» vendeu 2.684 caixas com 132 toneladas, que renderam 898.596 escudos. Para a pesca largaram hoje os barcos «Ilha do Faial» e «Pargo».

A inauguração da Central Leiteira

O Presidente da República agraciou

o tenente-coronel Salvação Barreto 'grã-cruz de Cristo' e o sr. Luís Pastor de Macedo 'comenda de Santiago'



A condecoração do sr. tenente-coronel Salvação Barreto

(Continuação da 1.ª página)

belecido um parque para automóveis.

A guarda de honra foi feita pelo Batalhão de Sapadores Bombeiros, com bandeira e banda.

O sr. almirante Américo Tomás, acompanhado pelo brigadeiro Teixeira Pinto, chefe da sua casa militar, e pelos seus ajudantes, chegou ao meio-dia, sendo aguardado, junto ao edifício, pelos srs. tenente-coronel Alvaro Salvação Barreto, Luís Pastor de Macedo e engenheiro Guimarães Lobato e á porta da sala de expedição, adaptada para a sessão solene e ornamentada com flores naturais, pelos ministros da Economia, das Obras Publicas e da Saúde, pelos secretários de Estado do Comércio, e da Agricultura, pelos actuais e por antigos vereadores, por funcionários superiores do Município, por numerosas entidades oficiais, como odr. Osório Vaz, chefe do distrito, por muitas senhoras, pelos membros da missão veterinária espanhola e pelos srs. drs. Sales Gomes, Bernardino Pinho e Emílio da Costa e engenheiro-agrônomo Troni, respectivamente presidente e vogais da Comissão Orientadora do Abastecimento de Leite, os três últimos em representação das Direcções-Gerais de Saúde, dos Serviços Pecuários e dos Serviços Agrícolas; dr. Almeida d'Eça, director dos Serviços de Abastecimento; dr. Inácio Santos, chefe dos serviços da Central; dr. Lucio Nunes, delegado da U. C. A. L.; tenente-coronel Luís

Ribeiro Viana e major Rogério Cansado, primeiro e segundo comandantes do Batalhão de Sapadores Bombeiros, etc.

O sr. Presidente da Republica, depois de a banda ter executado os primeiros acordes do hino nacional, passou revista á guarda de honra e assistiu ao seu desfile.

Na mesa de honra, sentaram-se, á direita do Chefe do Estado os srs. engenheiro Arantes e Oliveira, e dr. Henrique Martins de Carvalho, ministros das Obras Publicas e da Saúde e Assistência, e engenheiro-agrônomo Luís Quartim Graça, secretário de Estado da Agricultura, e á esquerda os srs. professor Ferreira Dias, ministro da Economia; dr. Gonzalo Correia de Oliveira, secretário de Estado do Comércio, e o presidente do Município que, em nome do sr. almirante Américo Tomás abriu a sessão proferindo um discurso.

O discurso do presidente do Município

O tenente-coronel Alvaro Salvação Barreto começou por agradecer á honra concedida pelo sr. almirante Américo Tomás, representativa do reconhecimento da importância desta instalação na alimentação do povo da capital, lembrando os nomes e a acção: do dr. Rafael Duque; do falecido coronel Linhares de Lima, que foi o iniciador dos trabalhos preparatórios para a construção duma Central; o engenheiro Daniel Barbosa «que acrescentou á obrigação da Camara de Lisboa, de construir a Central, a concessão de condições indispensáveis a assegurar o êxito»; e o dr. Ulisses Cortês, que criou a Comissão de Orientação do Abastecimento de Leite á Cidade de Lisboa, definindo «mais precisamente os termos em que deveria realizar-se a integração da Central no sistema geral do abastecimento, preparando, assim, o assalto ao reduto final, considerado inexpugnável durante trinta anos».

Afirmou que «a união dos serviços competentes do Estado com a Camara Municipal de Lisboa se ficou devendo a solução de tão complexo problema»; e acentuou que «a Central vai funcionar em regime experimental para a adaptação gradual ás necessidades de produção e de consumo» e que «o publico se aperceberá devidamente das vantagens que lhe são oferecidas pela nova instalação e não deixará, certamente, de apreciar os benefícios que ela comporta».

— Tudo se vai passar — afirmou — em perfeito entendimento entre os departamentos do Estado interessados na matéria, dependentes dos Ministérios da Economia e da Saúde e a Camara, todos com representação na Comissão de Orientação do Abastecimento de Leite, na qual também têm audição assegurada as Cooperativas Abastecedoras, por intermédio da União das Cooperativas Abastecedoras de Leite de Lisboa.

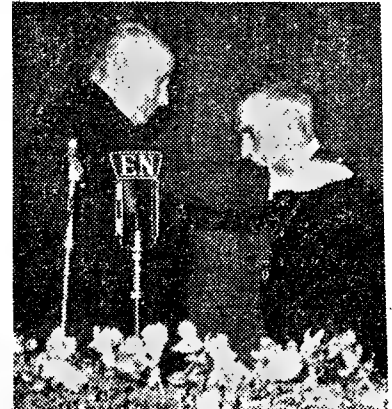
Historiou a acção da Comissão de Orientação do Abastecimento de Leite, dizendo que foi muito apreciável o esforço que desenvolveu durante 10 meses no apuramento de todos os elementos que pudessem contribuir para a determinação

da directriz que deverá seguir-se:

— Ao fim de muitas sessões de trabalho, fixou em relatório exaustivo e após aturado estudo, a pormenorização do que deveria constituir a sua acção orientadora e coordenadora de todos os interesses em jogo e desde logo a determinação dos elementos fundamentais para a fixação dos mínimos preços, segundo as embalagens, e tendo em atenção os encargos rigorosamente indispensáveis. Esse relatório com a proposta do preço mínimo foi entregue superiormente, como era devido. A publicação recente do douto despacho de S. Ex.º o sr. secretário de Estado do Comércio, ouvidos os departamentos competentes, permitiu a abertura da Central ao publico, dando-se assim, finalmente, a satisfação possível, no momento, ao geral anseio de melhoria nas condições de preparação e higienização de um produto que se designava por leite, nem sempre com propriedade.

Salientou que o projecto da Central se deve ao architecto Soares Zilhão e aos engenheiros Vassalo e Silva, actualmente governador na Índia Portuguesa, e Mendes de Abreu; que foram empreiteiros da construção as firmas Alves Ribeiro, engenheiro Carvalho e Almeida, Maurício Fernandes da Silva e Manuel Fernandes Porto; e que a casa fornecedora do material The A. P. V. & Co. Limited, bem como á firma representante em Lisboa, F. Nóbrega de Lima, Lda., se reconhecem também os esforços desenvolvidos na resolução de algumas dificuldades.

Referiu-se, também, aos directores-gerais dr. França e Silva, da Direcção-Geral dos Serviços Pecuários.



O sr. Luís Pastor de Macedo recebendo a condecoração

dr. Augusto Travassos, da Direcção-Geral de Saúde, eng.º Botelho da Costa, da Direcção-Geral dos Serviços Agrícolas e ao presidente da Junta Nacional dos Produtos Pecuários, dr. João Augusto Marchante, e também aos funcionários, respectivamente das mesmas Direcções-Gerais e Junta, em especial aos que têm constituído a Comissão de Orientação, drs. Bernardino Vicente de Pinho, José Emílio da Costa e Ildefonso Gomes Barbosa e engs. agrónomos Ernesto Buguete e Vasco Troni, bem como aos próprios serviços municipais, designadamente os de Abastecimento nas pessoas do seu director, dr. Almeida de Eça e do chefe da 1.ª Repartição, dr. Sales Gomes, bem como ao médico-veterinário dr. Inácio dos Santos, director da Central e funcionário superior do Estado, agradecendo a todos o auxílio que concederam á Camara.

E terminou assim:

— Senhor Presidente da Republica: Agradeço a V. Ex.º, pessoalmente, a honra que nunca esquecerei de se ter dignado exprimir o desejo de presidir a este acto, ainda na vigência da minha gerência. É o prêmio maior para o meu entusiasmo e para os dissabores que, em todos os casos, o trabalho traz, de mistura com as alegrias que produz. Mas não esquecerão também a Camara e os serviços do Estado que intervieram com o seu decidido esforço e igual entusiasmo na realização da inovação, cada um na esfera de acção que lhe coube, a alta presença de V. Ex.º aqui, neste acto tão significativo do interesse que dedica ao bem-estar do povo da capital, que por menor em relação a outras realizações mais pujantes

de resultados, e mais brilhantes de concepção e riqueza técnicas, nem por isto desmereceu no seu conceito justo de Chefe de Estado, chefe da Nação, chefe eleito dos Portugueses das sete partidas, querido e confirmado por seu actos de Governo e de bondade pessoal. Para V. Ex.º se dirigem os olhos de todos os Portugueses aqui presentes e também dos que aqui não estão, em olhar de homenagem, pelo passado e pelo presente que exornam a sua inconfundível personalidade e também de confiança e fundada esperança perante as ameaças do futuro. Deus ilumine V. Ex.º e conceda ao grande Português que é o chefe do seu Governo, ao homem ilustre sobre todos e a quem todos tanto devemos, a recuperação completa da sua saúde, talvez abalada por nós, pelas nossas dissensões, pelas nossas inconseqüências, por tudo aquilo que é obra do demónio em corações que, afinal, queriam ser, no fim de contas, pelos menos gratos a quem tanto tem feito pela Nação Portuguesa.

Fala o Chefe do Estado

Depois de uma salva de palmas, o sr. Presidente da Republica levantou-se, o mesmo fazendo toda a assistência, que o aclamou, e disse:

— Solicitaram-me — e isso veio ao encontro dos meus desejos que viesse inaugurar as instalações desta Central, tão benéfica para a população de Lisboa, antes de sair do Município o tenente-coronel Salvação Barreto que, durante 15 anos, presidiu aos seus destinos, de forma a merecer, não apenas no presente, mas principalmente no futuro, encômios devidos á sua acção. Trata-se dum homem que tem levado uma vida exemplar, dedicando os seus esforços ao bom serviço da Nação. Como militar, como professor, noutras missões importantes, entre as quais a que vai agora deixar, foi sempre um Português ilustre, amante da sua Pátria, e um benfeitor do seu povo. Decerto, sofreu muitas críticas, arrostou com muitas incompreensões; mas esse é o prêmio que primeiramente atinge as pessoas que, pelo seu trabalho, saem da vulgaridade.

A cerimónia das condecorações

Recordou, a propósito uma pessoa que, dedicada a uma obra cidadina importante (julgamos tratar-se de Rosa Araujo), e que foi vivamente criticada, acabou por ser louvada por todos:

— Sr. tenente-coronel Salvação Barreto: Muitos o criticaram, mas foi grande, foi enorme, a sua obra que poucas paralelas pode encontrar na história da capital (Palmas). Por isso, o Chefe do Estado — que não o amigo — não quer que saia da Camara sem colocar ao seu peito a grã-cruz da Ordem Militar de Cristo, que muito honrada e brilhantemente ganhou.

O Chefe do Estado, no meio de aplausos, entregou as insignias e abraçou o agraciado; e, como este lhe agradecesse, disse:

— E com o maior agrado. Depois, salientou que o presidente, além de outros bons colaboradores, teve um mais directo, que desejou abandonar a Camara ao mesmo tempo que ele: o sr. Luís Pastor de Macedo:

— Foi V. Ex.º, sob todos os aspectos, um auxiliar precioso; mas foi sobretudo, na acção cultural, tão fértil em acontecimentos, nestes 12 anos, em que Lisboa viveu um clima especial, que se destacou a sua intervenção. Por isso, é com o maior prazer que lhe entrego a comenda de Santiago da Espada.

Depois da cerimónia e de abraçar o vice-presidente cessante, o Chefe do Estado disse não querer tomar mais tempo:

— Vamos, pois, inaugurar o ultimo melhoramento que o povo de Lisboa, na vigência da presidência do tenente-coronel Salvação Barreto, lhe fica devendo; depois, muitos serão inaugurados, com a sua marca — e entre eles, não posso deixar de destacar o Metropolitano que tantas dificuldades encontrou para se tornar uma realidade, dificuldades que V. Ex.º, com a sua persistência, conseguiu remover. Ele, vai começar a funcionar dentro de poucos meses; e, nessa altura, não deixará de ser lembrado o nome da pessoa a quem, fundamentalmente, ele se deve. (Palmas).

O presidente do Município encerrou a sessão, e o Chefe do Estado e todas as outras entidades visitaram a Central Leiteira, assistindo ao funcionamento das várias secções e provando leite pasteurizado, após o que manifestaram ao tenente-coronel Salvação Barreto as suas excelentes impressões.

Pequenas notícias

PELOS HOSPITAIS

CAIU DA JANELA PARA A RUA — Na sala de observações do Hospital de S. José, deu entrada a sr.ª D. Maria de Lourdes Carvalho Henriques, moradora na Rua 17, lote 48, 2.ª dt., á Pontinha, onde caiu da janela para a rua.

MORTE DEVIDO A QUEDA — Faleceu no Hospital de S. José, para onde fora conduzido, devido a uma queda, o sr. José Tomás, de 40 anos, jornalista, residente em Vila de Reis, Oeiras.

QUEDA DE UMA TABULETA NA RUA DO OURO — A tabuleta publicitária que ontem, de manhã, se despenhou na Rua do Ouro, ferindo diversas pessoas, pertencia á firma Rodrigues & Gonçalves, sita no n.º 200, 2.º andar, daquela artéria, e não á firma C. A. Cardoso & C.ª, como, por lapso, noticiámos.

Teve morte imediata um ajudante de motorista num estranho acidente na estrada

MONTEMOR-O-NOVO, 12 (Pelo telefone). — Um ajudante de motorista, de nome António Tavares de Almeida, de 23 anos, natural e residente em Sanfins (Sever do Vouga) teve morte imediata, em consequência de um acidente na estrada que liga esta vila, a Santarém, no sítio denominado Alto da Mata.

O trágico desastre, que ainda não está suficientemente esclarecido, quando um camião com a matrícula GA-22-08, e um atrelado pertencente ao sr. João Pinto do Amaral, de Estarreja, conduzido pelo

motorista Valdemar Tavares da Graça, de 24 anos, que seguia em velocidade reduzida se preparava para parar, a fim de proceder a um pequeno trabalho, que o motorista ordenara fosse executado pelo Almeida, o qual acabou por ser horrorosamente esmagado por uma das rodas do veículo. A morte foi imediata. Compareceram logo no local, o ajudante do delegado do procurador da Republica e soldados da G. N. R., que tomaram conta da ocorrência e prenderam o motorista, que foi já entregue ao tribunal.

O PORTO PELO TELEFONE

Passou à história

o parque de estacionamento em Sá da Bandeira

PORTO, 12 — Desde há muito já — mesmo desde há bastantes anos —, quem quisesse podia deixar o seu automóvel estacionado, durante todo o dia, em frente do Teatro Sá da Bandeira, salvo durante as horas dos espectáculos — isto de harmonia com duas placas de sinalização ali existentes, as quais, segundo variados critérios, poderiam ter duas interpretações.

Pretendiam uns que o estacionamento apenas era proibido nas horas dos espectáculos, como claramente elas indicavam; opinavam outros que a proibição era a partir de um período de estacionamento por meia hora; e havia quem pensasse que uma terceira placa neutralizava os efeitos daquelas.

Verdadeiramente, era uma confusão diabólica, pois havia polícias que adoptavam critérios diferentes. A verdade, contudo, é que nunca ninguém foi multado naquela pequena zona de estacionamento, agora pertencendo já à História, por ser de outros tempos, pois ultimamente os automóveis não alinhavam como se vê na gravura, mas com a retaguarda ou a frente junto à guia do passeio.

Aquele «parque quase livre» acabou na tarde de terça-feira, data que para sempre será nostálgicamente lembrada pelos comerciantes vizinhos do local, funcionários da C. U. F. e de outras empresas, que não se importavam de perder, diariamente, algumas horas em rigorosa atenção, esperando uma aberta que lhes desse o almejado sossego, com as suas viaturas ali à mão-de-se-mear, sem o perigo de lhes aparecer no «para-brises» o tal papelinho dos cinquenta escudos, por transgressão ou «estacionamento proibido».

O problema para quem tem auto-

móvel de imediata utilidade é muito sério e difícil de resolver, nesta cidade onde rareiam os parques e os poucos que há estão sempre repletos. Isto prova claramente que o automobilista não foge aos parques, antes os procura, mas quantas vezes baldadamente!

Paciência, senhores automobilistas frequentadores do «parque quase permanente»! Agora, essa liberdade ficou reduzida a tal meia hora — que quase não dá tempo para acudir a uma necessidade urgente!

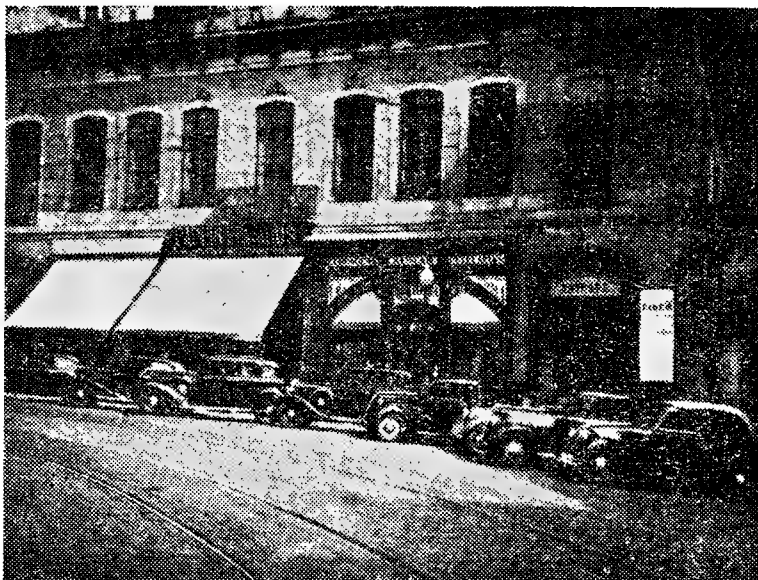
Sempre gostaríamos de saber onde é que esse preceito se cumpre rigorosamente, de relógio em punho, pelo sistema cronometragem de corrida!

Pobres polícias! pobres automobilistas! pobres de nós todos, que, qualquer dia, nem pelos passeios poderemos andar, com tanta placa do «pode e não pode», «talvez possa», «pode da esquerda», «pode da direita» — quando, na verdade, não nos podemos mexer para lado nenhum!

O funeral das últimas vítimas dos Guindais

De manhã cedo, e sem notícias das horas a que se efectuariam, fizeram-se os funerais das três crianças que foram as últimas vítimas retiradas dos escombros da penedra que ruiu na quinta-feira da semana passada. Os funerais saíram da capela do Instituto de Medicina Legal a caminho do cemitério, após respostas. Seguiram-nos quase exclusivamente pessoas das famílias e vizinhos. No cemitério do Prado do Repouso deram-se cenas de dor ao descerem as urnas aos covais.

O pessoal das Obras Públicas continua o desmonte das pedras do lado Poente da muralha fer-



Acabou este «parque quase livre», junto do Teatro Sá da Bandeira

nandina para se proceder à remoção das penedras e blocos que caíram para o lado oposto e causaram a tragédia.

O caso do barco de recreio inglês

Muito embora não haja até agora nada de positivo acerca das funções que exerce o barco de recreio inglês «Jolly Fallow», que ontem entrou em Leixões, rebocado por

um arrastão português, as suspeitas de que se trata de um barco contrabandista mantêm-se. A Alfandega está a actuar e o processo a ser organizado. Ninguém crê que o navio tivesse saído de Gibraltar sem alguma carga, como é declarado pelo seu capitão. Um pormenor justifica as suspeitas: uma tripulação de 18 homens num barco de recreio.

Melhorou o tempo em terra e piorou no mar

O dia de hoje surgiu de melhor cariz. Até à hora a que telefonamos não choveu e o Sol brilha. No mar, porém, o tempo voltou a piorar e, devido à violência do vento Norte, arribaram a Leixões todas as traineiras da pesca do arrasto á pescada. Na Capitania foi içado o sinal de temporal de Noroeste.

Queda grave

Recolheu à sala de observações do Hospital de Santo António um indivíduo do sexo masculino que aparenta 24 anos e que sofreu fratura do crânio, por ter caído da bicicleta que montava, em Vias do Pinheiro.

Cartaz do Porto para amanhã

SA DA BANDEIRA — As 21 e 45 —
A revista «Com jeito, vai!».
TEATRO EXPERIMENTAL DO PORTO — As 21 e 45 — A peça «Linda Inês».
COLISEU — «Os três mosqueteiros e meio».
RIVOLI — As 15 e 30 e 21 e 30 — «A mulher que viveu duas vezes».
BATALHA — As 15 e 30 e 21 e 30 — «A costureirinha da Sé».
TRINDADE — As 15 e 30 e 21 e 30 — «A torre de vidro».
NUN'ALVARES — As 21 e 30 — «O caso das meias assassinas».
AGUIA DE OURO — As 15 e 30 e 21 e 30 — «Meu reino minha vida».
S. JOÃO — As 15 e 30 e 21 e 30 — «Férias em Paris».
JULIO DINIS — As 21 e 30 — «A um passo da morte».
VALE FORMOSO — As 21 e 30 — «Pala negra».
OLIMPIA — As 15 e 30 e 21 e 30 — «Clamor de vingança».

Uma camioneta caiu da altura de 15 metros em Vila Real

VILA REAL, 12 — Uma camioneta carregada de batata, conduzida pelo seu proprietário, sr. Alberto Gabriel Caetano da Rosa, de Póvoa do Forno (Oliveira do Bairro), e tendo como ajudante o sr. Gilberto Martins Filipe, despistou-se ao chegar à ponte de Benagouro, a 10 quilómetros desta cidade, e despenhou-se da altura de 15 metros, caindo ao rio.

No local, compareceram os Bombeiros Voluntários de Salvação Pública e de Vila Real, e um piquete da G. N. R. Por felicidade, tanto o motorista como o ajudante apenas sofreram ligeiros ferimentos.

O VOO DAS AVES

FERREIRA DO ALENTEJO, 12. — Encontra-se em poder do proprietário sr. José Luís de Carvalho, da vizinha povoação de Canhestros, um pombo correio com duas anilhas, sendo uma azul em plástico e outra em alumínio com o n.º 628970/58 Portugal.

EU PENSAVA QUE A MINHA ROUPA ESTAVA BRANCA, ANTES DE VER A TUA LAVADA COM OMO

A Luisa ficou tão admirada! Tinha acabado de vestir a blusa de lavado e, no entanto, a da Leonor estava realmente muito mais branca!



— Em minha casa lava-se toda a roupa com Omo — explicou a Leonor. Mergulha-se a roupa na abundante espuma do Omo, espreme-se com as mãos umas vezes... e toda a sujidade desaparece, mesmo a mais difícil.

Lava também a tua roupa com Omo e verás. Não há roupa mais branca que a roupa lavada com Omo. A suave acção de Omo dá-lhe uma brancura deslumbrante.



LAVA MAIS BRANCO

INDÚSTRIAS LEVER PORTUGUESA, LDA - SACA VÉM

O artista Jack Lemmon

que encarnou o «feiticeiro»
do filme «Sortilégio de Amor»

veio passar as férias a Lisboa

Lisboa continua a receber a visita de grandes artistas do cinema mundial. Agora foi Jack Lemmon que desembarcou esta madrugada do avião da Swissair, que o trouxe de Nova York, para uma viagem de algumas semanas pela Europa, com início em Portugal, onde se demorará dois dias.

O jovem actor, que nasceu em Boston, onde frequentou a Universidade de Harvard, viaja com seu pai, um comerciante nova-yorkino, simples e modesto.

Jack que trabalhou na rádio e na televisão e serviu na Marinha dos Estados Unidos, já interpretou várias películas, entre as quais «Mr. Roberts», «Minha irmã Eileen», «Cow-boy» e «Sortilégio de amor», que se exibiu recentemente no São Luís, e onde o simpático artista aparecia ao lado de Kim Novak, encarando um feiticeiro improvisado, que alegremente apagava as luzes das ruas de Nova York...

Sorridente, Jack Lemmon mostrou-se admirado com a presença do jornalista, á hora matutina da chegada, e prontificou-se a responder a todas as perguntas.



Jack Lemmon á sua chegada a Lisboa

—Qual o objectivo desta sua visita á Europa?

—Apenas gozar férias, na companhia de meu pai...

—Teve alguma razão especial para principiar as suas férias por Lisboa?

—Conhecer Lisboa e o Estoril, que os Americanos tanto apreciam e de que muito falam... Tive pena de não vir a Lisboa no Carnaval... Disse-me que foi excelente.

—Que países visitará, além de Portugal?

—Espanha, Itália, Suíça e Inglaterra...

—Gosta da Europa?

—Todos os Americanos gostam da Europa. Sobretudo os Americanos de Boston.

—Quanto filmes já interpretou?

—Doze.

—Qual o seu melhor filme?

—«Same Like at Hot», com Marilyn Monroe e Tony Curtis.

—Que pensa da Monroe?

—Está uma grande artista. Tem muito talento e é uma ótima camarada, com quem gostei imenso de trabalhar.

Fala-se depois do cinema americano e Jack Lemmon dá a sua opinião:

—O cinema americano sofreu uma crise, da qual ainda não se recompôs. A televisão prejudicou seriamente, mas dentro de cinco anos penso que deixará de ser uma concorrente. Os técnicos apuraram-se; criaram-se melhores histórias e alguns escritores como Tennessee Williams dão uma colaboração ao cinema, de que este muito aproveitou. E temos bons artistas na América.

Na AMADORA o «Diário de Lisboa» e o «Sempre Fixe» vendem-se na Tabacaria Dina.

—E o cinema europeu, não é também um perigoso concorrente?

—Sem dúvida que é. Na América, os filmes da Europa têm muito êxito, embora não possa dizer-lhe qual é o melhor cinema, se o italiano ou o francês ou mesmo o inglês...

—Traz qualquer projecto especial ao passar por Lisboa?

Um funcionário da Swissair interrompe a entrevista para fazer uma pergunta graciosa:

—Não virá a Lisboa para apagar as luzes das ruas?

Depois de uma gargalhada, Jack Lemmon responde:

—Nenhum projecto, a não ser gozar um pouco de Sol.

Talvez ele o consiga, uma vez que está habituado a feitiçarias.

Em 3 linhas

Em missão profissional, vai seguir para os Estados Unidos da América do Norte o sr. capitão-de-fragata David de Carvalho, comandante da esquadilha de submersíveis.

Por portaria agora publicada tornou-se extensiva ao pessoal militar embarcado em transportes de tropas a utilização da via radiotelegráfica de recurso Portucale-N. A. U., criada pela portaria n.º 9.974.

O sr. dr. Rui de Carvalho e Cunha Fortes da Gama foi exonerado, a seu pedido, do cargo de secretário do sr. ministro da Justiça, por ter sido nomeado para outras funções.

Foi exonerado, a seu pedido, de médico-cirurgião dos Hospitais Civis de Lisboa o sr. dr. Henrique Manuel.

As provas do concurso para aspirantes estagiários da Caixa-Geral de Depósitos devem realizar-se no dia 21, às 13 horas: em Lisboa, no Liceu de Passos Manuel; em Coimbra, no Liceu D. João III; e no Porto, no de D. Manuel II.

Foi nomeado delegado do Governo junto da Companhia de Navegação Carregadores Açorianos, o dr. José Oliveira San-Bento.

Foram nomeados presidentes das Camaras Municipais de Viana do Castelo, de Arraiolos e de Caminha, os srs. Joaquim Augusto Paiva Beija e os srs. Sebastião Pereira Barroso e Alfredo Eduardo Lourenço Pinto.

O padre João Ferreira, major graduado, foi nomeado capelão da Força Aérea.

É de 1.200 contos o orçamento da brigada hidrográfica do Estado da Índia, para 1959.

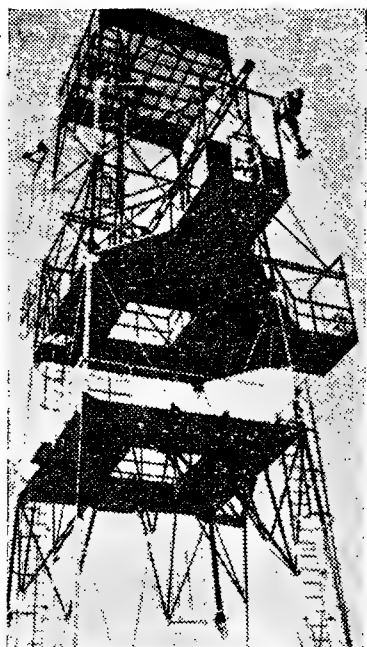
Em 1958 foram exportados 21.185.519 litros de vinho do Porto encascado, engarrafado e não es-

DEM A LISBOA um dirigente do escutismo mundial

É esperado em Lisboa, na segunda-feira, vindo de Africa, o general Spry, figura de grande relevo no escutismo mundial, director do «Boy Scouts International Bureau», órgão do Movimento Escutista Mundial. O general Spry foi comissário-geral da «Boy Scouts Association» do Canadá, vice-chefe do Estado-Maior do Exército canadiano e o mais jovem major-general das forças britânicas na segunda Guerra Mundial, aos 31 anos.

Para os nossos pobres

Tiveram a bondade de enviar donativos: O. U., para os pobres do «Diário de Lisboa», 20\$00; H. P., para o empregado de café Adão Gonçalves, que necessita de uma perna artificial, 50\$00; de um anónimo, para a Escola da Quinta dos Peixinhos, 50\$00; e para os sinistrados do Porto, também 50\$00. Agradecemos em nome dos contemplados.



Da torre metálica, o aluno larga-se vertiginosa e corajosamente no espaço

cificado, ou seja menos 2.350.228 que em 1957. Em Janeiro deste ano, foram exportados 1.351.984 litros.

O Conselho Superior Regional da Casa do Algarve tratou de três problemas muito importantes para aquela provincia: o dos mariscos, o da alfarroba e o da melhoria dos serviços ferroviários entre ela e Lisboa.

Em missão de serviço, seguiu para a Guiné e Cabo Verde o inspector-superior de Fazenda do Ultramar sr. dr. Vasco Ferreira Martins.

Vida musical

Lelia Gousseau, na J. M. P.

A chuva torrencial e a hora, que ainda está longe de ter entrado nos hábitos dos apreciadores de concertos, prejudicaram com certeza a concorrência ao magnifico concerto de Lelia Gousseau para a Juventude Musical Portuguesa, no cinema S. Luís. Mas mesmo assim, houve muita gente para não perder a arte eximia desta pianista insigne, posta nessa manhã ao serviço de três compositores franceses de primeira grandeza: Dukas, Roussel e Ravel.

Atestando o relevo do acontecimento, Pedro de Freitas Branco abriu o programa com referências bem escolhidas para elucidar o publico sobre a arte de Lelia Gousseau, feita de soberania e distinção, (palavras textuais), e sobre as obras criteriosamente agrupadas. Ilustrava o exotismo de Roussel a Suite op. 14, com mais sedução do que as «Trois pièces pour piano», op. 49; não hesitou Lelia Gousseau em impor a arte muito voluntariosa de Dukas nas importantes peças «Variations, Interlude et Final sur um thème de Rameau» e no bárbaramente difícil Scherzo da Sonata em si b. menor; e rematava este programa de obras como novas para o publico o conhecido triptico «Gaspard de la nuit», de Ravel. Sem querer ser, com certeza, uma barreira levantada contra o impressionismo Debussysta, que continua a ser um dos expoentes máximos da musica de todos os países de civilização latina, este programa patenteava a riqueza do movimento pianístico francês, com a sua variedade de estética, depois de Fauré e Chabrier.

Interpretações, inultrapassáveis, de inteligência, de adesão emocional, de arquitectura sem falhas, de clareza, pureza e assombro da técnica, de qualidade da sonoridade — o «Gotrian-Steinweg» parecia um Steinway da melhor tempera! Pela transcendente dificuldade, destacamos o Scherzo de Dukas e o «Gaspard de la nuit».

FRANCINE BENOIT
Concerto pela banda do comando da G. N. R.

Efectua-se no próximo domingo, o habitual concerto promovido pela Camara Municipal de Lisboa, com a colaboração da banda do Comando da G. N. R., dirigida pelo maestro Alves Ribeiro. A entrada do publico é livre; e do programa constam obras de Tchaikowsky, Joaquim Augusto, Manuel de Falla e Weber.

A preparação intensa

a que são submetidos os pára-quedistas portugueses

(Continuação da página central)

cabeça sobre o peito, braços dobrados sobraçando o pára-quedas suplenente ou ventral. O salto desportivo é diferente: braços abertos lateralmente, mãos esticadas, pernas afastadas, o pára-quedista larga-se horizontalmente para a chamada «queda livre», de altitude muito superior á da saída para combate. Dessas «maquettes», os alunos passam a uma velha carcassa de um avião onde recebem instruções quanto á actuação no interior do aparelho e repetem as saídas. Por fim, a torre — verdadeiro martirio do candidato. De segunda plataforma, o aluno lança-se desamparado e corajosamente no espaço e fica suspenso apenas a dois-três metros do chão... Verdadeiramente impressionante!

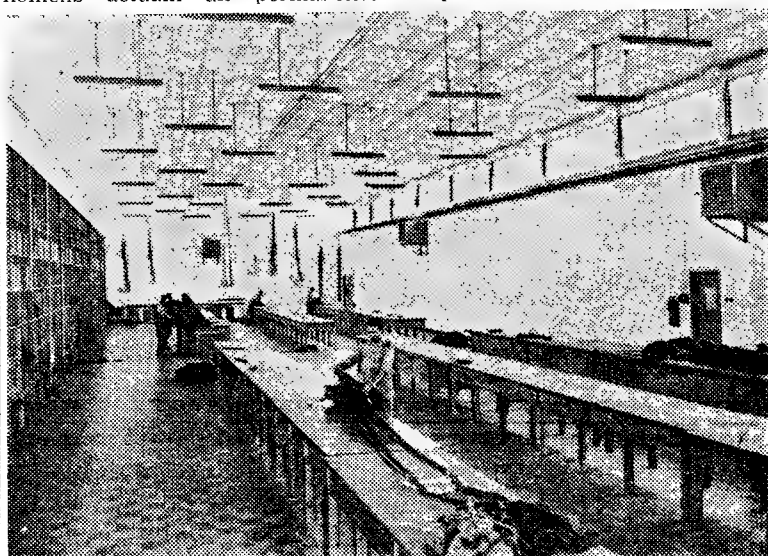
Dominando a torre — o praticante está apto a lançar-se de um avião em pleno voo. É um pára-quedista e pode já saltar a sério... Ardente ambição. Sonho finalmente realizado.

A importancia transcendente da tarefa de dobragem

No domínio do pára-quedas, quem impera é o tenente Costa Campos, que ontem apresentámos e que também cursou no Brasil. Ele conduziu-nos ao grande edificio onde estão instalados os serviços técnicos exclusivamente reservados ao pára-quedas, mostrando-nos, com compreensível orgulho, em pormenor, todas as secções: gabinetes, ficheiros, casa dos sobresselentes, armários de material de reparação, arrumações de «nylon» que mais parecem um bem abastecido armazém de tecidos da Baixa; salas de costura, com máquinas de todos os tipos e para todos os fins.

—Aqui trabalham algumas mulheres, já que é tradição portuguesa que esta «coisa» de costura é apenas própria para a mulher...

De inspecção em inspecção, alcançámos a sala de dobragem; que tem as dimensões aproximadas de 70x20 metros. Sobre seis balcões de cerca de 20 metros cada, vinte homens actuam ali permanentemente.



A vasta sala de dobragem do Batalhão de Caçadores Pára-quedistas, em Tancos

mente. Mas no período de maior intensidade, o numero de especialistas é multiplicado.

Alheios ao que se passa em redor, aqueles homens cumprem atentamente uma tarefa da maior importancia, o exame minucioso e a dobragem do pára-quedas e a sua arrumação nos sacos correspondentes. Quando os pára-quedistas se preparam para saltar no espaço, fazendo a derradeira inspecção ao material e meditando no que têm a fazer, após a chegada ao solo, jamais os preocupa o que está dentro dos sacos que colocam sobre o dorso e o ventre. Eles têm a certeza de que esses invólucros não falharão, que o «cogumelo» se desdobrá de maneira a descer sem dano as centenas de metros a que se encontra distanciado. Eles têm confiança no dobrador.

—Pára-quedas: entre as dobradas da tua seda abriga-se o êxito da minha missão!

Foi o capitão Soares Cunha, um dos mais notáveis pára-quedistas portugueses, quem escreveu es-

tas palavras língas de meditação:

—De longe, um dobrador observa a largada e atenta no comportamento de cada pára-quedas durante a abertura e a descida. O desdobrar suave e ritmado de todas aquelas cupulas é para ele — também pára-quedista — alvo de todo o interesse, motivo de enlevo e de orgulho; preparou muitos daqueles pára-quedas. Enlevo e orgulho são a unica compensação do seu trabalho meticuloso, paciente e duro...

Cada um desses homens cuida do pára-quedas que lhe aparece sobre a mesa de trabalho como se fosse o seu pára-quedas e muitas vezes, por coincidência, terá saltado num deles por si dobrado e inspecionado...

A manutenção do pára-quedas requer do seu tratador um curso especial de três meses e meio, acrescido de outro de um mês destinado exclusivamente á dobragem, operação que demora apenas vinte minutos.

Cada pára-quedas custa mais de dez contos

Anexa ao departamento de dobragem, situa-se a torre de secagem, onde o pára-quedas é suspenso para secar e ser alvo de uma primeira examinação, antes de dobrado. Durante o mínimo de 12 horas são sujeitos a uma temperatura média de 24°, com 40 a 60 por cento de humidade, por acção de um sistema eléctrico de ventilação e aquecimento.

A calote do pára-quedas é feita de «nylon» do tipo «ripstop» e da parte superior pendem trinta cordões de fibra especial que seguram o pára-quedista. Pesa 14 quilos e custa, cada, mais de dez contos. O B. C. P. dispõe de 500, no valor total, portanto, de cinco mil contos.

Encontrámos, também, pára-quedas de cores variadas, que servem para transportar artigos diversos: material de socorros, alimentos, munições, etc. A cor identificará o género transportado, segundo a convenção estabelecida.

Cada pára-quedas pode suportar um peso enorme. Por exemplo, pa-

ra operação de combate o equipamento mínimo do pára-quedista pesa 30 quilos, compreendendo conjunto de pára-quedas (principal e reserva), fato camuflado, capacete de combate, botas de salto, pistola-metralhadora, dois carregadores, punhal-baioneta, bernal e cantil. E o equipamento máximo poderá incluir, ainda, saco individual, maior quantidade de munições, reserva de rações alimentares, bolsas com medicamentos, rádio, granadas de mão, etc.!

Romagem ao tumulo do comandante Francisco de Aragão e Melo

Promovida por um grupo de amigos e admiradores, comemorando o 30.º dia do falecimento do comandante Francisco de Aragão e Melo, realiza-se, no próximo domingo, pelas 16 horas, uma romagem de saudade á campa daquele oficial, que foi um dos fundadores da Republica. A concentração effectua-se á porta do cemitério de Belas.

Kruchtchev

deixou Berlim
com destino desconhecido

BERLIM, 12 — No termo da viagem de oito dias a Leipzig e a Berlim Oriental, Nikita Kruchtchev partiu hoje, às 9 horas, da residência de Niederschoenhhausen, posta à sua disposição na capital da R. D. A. Seguiu de automóvel para um aeródromo militar soviético, cujo nome não foi revelado, tomando o «TU 104» especial que o trouxe para a Alemanha Oriental em 4 do corrente. Duas horas depois de a partida, ainda não havia comunicação do destino que o avião seguiu.

De acordo com rumores que corriam ontem em Berlim, «K» tencionaria apresentar-se em Varsóvia no congresso do Partido Operário Unificado. Mas, nos próprios círculos oficiais da Alemanha Oriental, parece ignorar-se se o chefe do Governo da U. R. S. S. foi directamente para Varsóvia ou se fará, antes, um desvio por Moscovo. — (F. P.).

Os Estados Unidos

garantem a integridade
da Etiópia

ADDIS ABEBA, 12. — O embaixador americano na Etiópia deu garantias ao imperador Selassié quanto às intenções do seu país relativamente à Somália, afirmando ao soberano que os Estados Unidos não pensam em exercer seja que pressão for no Governo etíope, estando dispostos a opor-se energeticamente a qualquer ameaça dirigida contra a segurança do país ou dos seus vizinhos.

Esta intervenção marca uma reviravolta da política americana quanto ao projecto britânico de criação de uma «Grande Somália» e crê-se que é devida à grande reacção que o projecto suscitou da parte do Governo de Addis Abeba. — (F. P.).

Protestos da R. A. U.

contra os ataques
empreendidos pelo Iraque

CAIRO, 12. — Um informador do Ministério dos Negócios Estrangeiros da Republica Árabe Unida anunciou hoje que a R. A. U. enviara um enérgico protesto ao Governo iraquiano por causa de um ataque realizado por «caças» iraquianos contra uma aldeia síria e devido a manifestações em Bagdad contra a R. A. U.

Afirmou que dois «caças» iraquianos metralharam na terça-feira a aldeia de El Hamoudeya, na Síria, demolindo uma casa. A aldeia encontra-se a cerca de 5 quilómetros da fronteira iraquiana.

Anunciou que um comunicado compreensivo está a ser preparado, abrangendo queixas da R. A. U. contra outras acções do Governo iraquiano, incluindo a expulsão de membros da embaixada da R. A. U. em Bagdad.

O jornal do Cairo «Al Akhbar» citava hoje funcionários como tendo declarado que a R. A. U. não tomara acção de represália contra a embaixada iraquiana na capital egípcia.

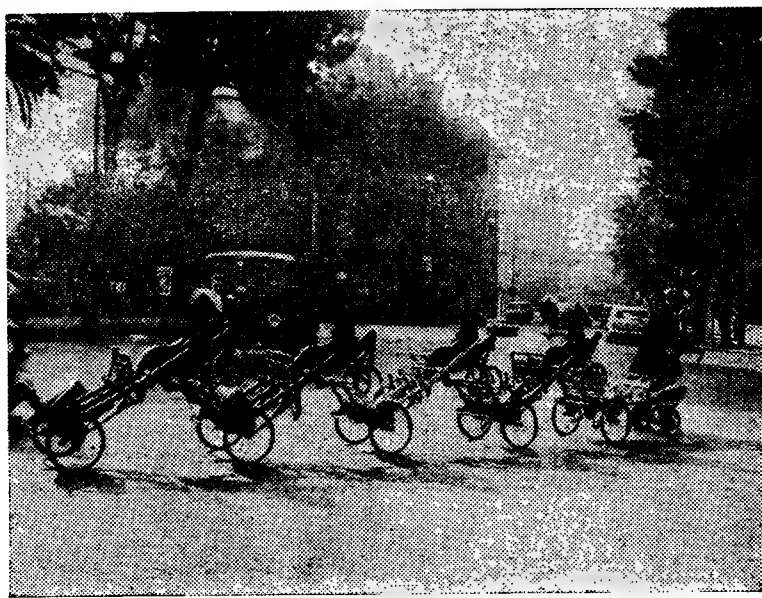
Um funcionário disse: «A nossa política não é responder com tais acções arbitrarias», acrescentava o jornal. — (R.).

UMA OFERTA

ao Papa João XXIII

CORCUBION, (Espanha), 12. — Uma estudante de São Marcos, esculpida num dente de cetáceo, foi entregue pelo representante municipal desta localidade da Corunha, ao Nuncio Apostólico na Espanha. Trata-se de uma oferta dos habitantes de Corcubion a Sua Santidade. A estatueta em breve seguirá para a Cidade do Vaticano. — (A. N. I.).

Na AMADURA o «Diário de Lisboa» e o «Sempre Fixe» vendem-se na Tabacaria Dina



Todos os dias, nas imediações do Palácio Borghese, em Roma, se assiste a esta curiosa cavalcada. Trata-se, porém, de simples cavalos de pau, atrelados a carrinhos de pedais que um guarda conduz diariamente até ao jardim público, para distração das crianças que ali passam algumas horas

Um «Grivas» negro

na Niassalândia?

BLANTYRE, 12 — Admite-se, nos meios militares, que um homólogo africano do coronel cipriota grego Jorge Grivas, dirigente da E. O. K. A., dirija as operações dos nativos amotinados na província do Norte da Niassalândia.

Salientam que, naquela área, os indígenas parecem organizados e cumprem um plano bem elaborado de guerra de guerrilhas contra as forças de segurança, ao contrário das manifestações esporádicas de insurreição que se observam na província do Sul.

Há, pelo menos, dois dirigentes do Congresso Nacional Africano nos quais os observadores reconhecem

aptidões para desempenhar o papel de chefe das operações terroristas. Ambos já visitaram Moscovo e figuram na lista das pessoas procuradas pelas autoridades. No entanto, em virtude de recusar-se a Policia a desvendar os nomes dos «leaders» nativos já presos, torna-se impossível saber se qualquer deles se encontra ainda em liberdade.

As autoridades estão confiantes no êxito final da sua acção repressiva contra o terrorismo negro. Não excluem, porém, a possibilidade de atritos no género dos provocados pela campanha «Mau-Mau», no Quênia, antes de se recolherem nas montanhas Aberdare. — (A. N. I.).

Michel Debré

atendeu as reclamações
sobre o acesso dos jornalistas
às fontes de informação

PARIS, 12 — Os jornalistas franceses estavam habituados a um grau considerável de liberdade de acesso a todos os ministérios, inclusive à Presidência do Conselho. Desde o dia 1 de Junho, têm-se repetido as restrições impostas à sua liberdade de movimentos dentro dos estabelecimentos oficiais.

Depois de vários protestos contra essas limitações ao exercício das suas funções, a Associação dos Jornalistas Ministeriais — os representantes da Imprensa encarregados de obter notícias nas repartições do Estado — aprovou ontem os termos de um protesto, moderado mas firme, que foi apresentado ao primeiro-ministro, Michel Debré.

O chefe do Governo francês concordou em que tinham sido exageradas as limitações impostas, por vezes, à acção da Imprensa. E garantiu que, dentro de certos limites — com os quais, aliás, os próprios jornalistas concordam, pois se destinam a salvaguardar os segredos de Estado — não haverá de futuro motivos para reclamações. — (A. N. I.).

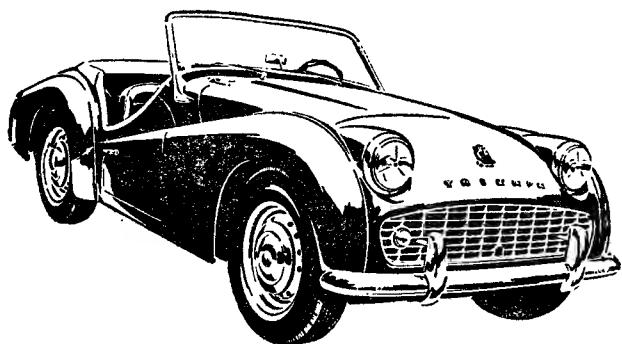
EM NITEROI

houve missa por alma
de Gago Coutinho

RIO DE JANEIRO, 12. — A delegação das Misericórdias Portuguesas que se deslocou a Niteroi assistiu à missa mandada rezar por alma de Gago Coutinho pela Ordem Terceira de São Francisco da Penitência, que possui um moderníssimo hospital.

Também presenciaram o acto o embaixador de Portugal no Brasil, dr. Manuel Rocheta, e muitas outras individualidades portuguesas e brasileiras.

A delegação apresentou cumprimentos ao chefe do Estado, dr. Kubitschek de Oliveira, antes de seguir para a Bafa, a fim de participar no programa de comemorações do Quinto Centenário da Rainha D. Leonor. — (A. N. I.).



TRIUMPH

O CARRO QUE TRIUNFA
X VOLTA A PORTUGAL

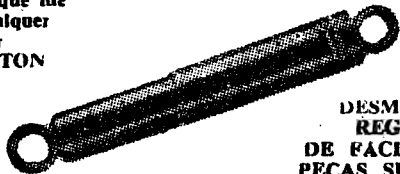
OBTVE NA CLASSIFICAÇÃO:
1.º DA SUA CLASSE — 6.º DO SEU GRUPO
Piloto por MANUEL BACELAR

CONDE BARÃO, LDA. — AV. 24 DE JULHO, 62 — AV. ANT. AUGUSTO AGUIAR, 21-C — LISBOA

NEWTON
PRODUCT

O MELHOR AMORIECEDOR

Não deixe que lhe
vendam qualquer
amortecedor
Exija NEWTON



DESMONTAVEIS
REGULAVEIS
DE FACIL AFINAÇÃO
PEÇAS SUBSTITUIVEIS

Representante:

AUTO-TRIUNFO — Rua de Santa Marta, 36

AVISO

TROCA DA CARTA DE CONDUÇÃO PELA DE PROFISSIONAL

Foi superiormente autorizada e já não são exigidas habilitações literárias. Trata deste e de todos assuntos relacionados com autos e condutores a Agência Automobilística CERCEL, Lda., R. Rodrigues Sampaio, 78-2. Telef. 53442 e 731594, Lisboa.

DINHEIRO

COLOCA SOBRE AUTOMÓVEIS
OU PRÉDIOS EM 1.ª HIPOTECAS
RAPIDEZ E SIGILO
A FINANCIADORA
EM LISBOA - AV. DA LIBERDADE, 3
NO PORTO - P. DA LIBERDADE, 12



Maria Luísa de Sousa
Delgado Manjolinha

Confortada com os Sacramentos
da Santa Madre Igreja
FALECEU

Manuel Tiago Pereira Manjolinha, Maria Manuela Delgado Manjolinha, Maria Margarida Delgado Manjolinha Osório, seu marido e filhos, Maria Cristina Delgado Olavo de Azevedo seu marido e filhos e mais família, cumprem o doloroso dever de participar que foi Deus servido chamar à sua Divina Presença, a sua muito querida mulher, mãe, sogra, avó, irmã, cunhada, tia e parente e que o seu funeral se realiza amanhã, dia 13, pelas 11 horas, saindo da Igreja de N.º Sr. da Pena, para o cemitério do Lumiar.

A's 10.30 horas, será celebrada missa de corpo presente.

P. N. A. M.

AGENCIA MAGNO

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os
COMBOIOS ELECTRICOS

SWEDISH AMERICAN LINE

O luxuoso paquete sueco «GRIPSHOLM» na sua viagem-cruzeiro de regresso a NEW YORK, sairá dos portos abaixo mencionados, nos dias e horas seguintes:

NAPOLES	25 de Março	pelas 18.00 horas
VILLEFRANCHE	27 »	» 18.00 »
BARCELONA	28 »	» 23.59 »
LISBOA	1 »	Abril » 18.00 »

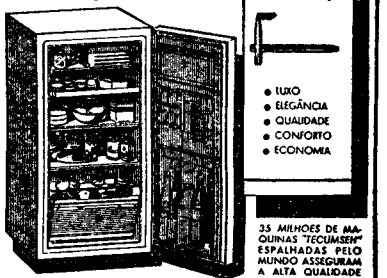
Existe ainda um número limitado de cabines disponíveis, que podem ser solicitadas aos v/agentes de passagens. O preço mínimo de passagem de todos os portos mencionados para NEW YORK, é de Dolls. \$350.00.

AGENTES GERAIS:

D. A. KNUDSEN & CA. LDA.
Cais do Sodré, 8-2.º — Telefone 31518
L I S B O A

INACREDITAVEL

FRIMATIC



Linhas elegantes. Acabamentos perfeitos. Bom aproveitamento do espaço. Grande capacidade em pequena área. Congelador e toda a largura com equitativa distribuição de frio. Produção rápida de sorvetes e gelo. Funcionamento automático silencioso. Consumo económico.

ADQUIRA UM BOM FRIGORIFICO POR 100000 POR MES

FOGASL

AVENIDA 5 DE OUTUBRO, 84
LISBOA — Tel. 764081

Já leu o «SEMPRE FIXE»? Então leia!

A morte de Artur Portela

(Continuação da 1.ª página)

perdera nunca o amor da profissão e a fé em melhores dias.

Artur Portela era um grande e generoso coração. A obra de solidariedade profissional a que se devotara há muitos anos grangeara-lhe a admiração e o reconhecimento de todos os seus camaradas. A antiga Caixa de Previdência dos Profissionais da Imprensa de Lisboa — hoje Casa da Imprensa — alcançou, sob a sua direcção e o impulso irresistível que lhe deu, um desenvolvimento que jamais conhecera. Artur Portela consagrou-lhe uma dedicação total. O belo edifício que se ergueu na Rua da Horta Seca é, em grande parte, obra sua. Foi possível, graças à obtenção de recursos que incansavelmente procurou reunir, alargando a pouco e pouco a sua esfera de acção, desenvolvendo cada vez mais o seu esquema assistencial. A situação das viúvas e dos orfãos de jornalistas mereceu-lhe sempre o maior carinho. Trabalhou sem descanso, e com um entusiasmo que nunca esmoreceu, pelo bem-estar da classe e pela dignidade da profissão.

A sua morte representa para esta Casa uma perda irreparável. Artur Portela, como Norberto de Araújo, foi uma das traves-mestras da nossa redacção. As páginas do «Diário de Lisboa» documentam todo o seu intenso labor profissional durante quatro décadas de anos e assinalam uma carreira «hors série». O vácuo deixado pela sua morte dificilmente se poderá preencher. Não nascem todos os dias jornalistas da sua estirpe.

Ao mesmo tempo que choramos a perda do amigo querido e do companheiro leal de quase quarenta anos, lamentamos a perda do grande jornalista, que estava na plena posse das suas extraordinárias qualidades profissionais e que com 58 anos apenas desaparece do número dos vivos, numa hora em que a sua colaboração nos era mais indispensável.

O «Diário de Lisboa» acompanha na sua dor imensa a extremosa viúva do nosso malgrado camarada e os dois filhos que eram todo o seu orgulho, um dos quais continuará nesta Casa a honrar a memória e a trilhar os passos do seu pai.

A carreira de um grande jornalista

(Continuação da 1.ª página)

eu, logo começou a colaborar em folhas estudantis, onde se exercitou para mais altos voos, pois não tardaria a emprestar o fogo e o brilho da sua juvenil personalidade às redacções do «Combate» e da «Batalha».

Quando, em 1921, foi fundado o «Diário de Lisboa» pelo dr. Joaquim Manso, Artur Portela, moço irrequeto, fez parte dessa primeira equipa redactorial e toda a sua vida se manteve, orgulhosamente e com total dedicação e lealdade nesse posto da primeira hora. Repórter cintilante, mestre na entrevista, correspondente de guerra, crítico de cinema, de teatro, de artes plásticas, o seu multifacetado e caudaloso talento, servido por uma inspiração, por uma imaginação verbal invulgaes, por uma cultura vasta e febril, por uma honestidade e uma isenção que o espírito polémico, por muito que o tivesse (e tinha) nunca toldou, deram ao «Diário de Lisboa» e aos seus leitores que o distinguiram com a sua estima e com o seu interesse, colunas de uma prosa admiravelmente lavrada, cáida de cores, opulenta de formas e de arrojadas ideias. Há várias dezenas de anos que Artur Portela tinha a seu cargo no «Diário de Lisboa» a página literária, onde os seus comentários primavam pela inalterável elegância, pela compostura formal, pela compreensão séria e profunda das obras criticadas. Se algum defeito apresentava, nessa sua actividade, seria porventura um excesso de boa vontade, de carinho pelos novos e por aqueles a quem a vida recusara as consagrações sociais, os triunfos clamorosos. Assim era Artur Portela. Crítico de arte, tendo defendido denodadamente os seus ideais estéticos, não lhe repugnou, no entanto, franquear a própria

página literária a seu cargo a reprodução de trabalhos menos de acordo com as suas concepções e preferências. Tal era a sua limpeza moral e a sua capacidade infinita de conciliação e de calor humano.

As suas grandes reportagens

Desde os 20 anos em que, por várias vezes, durante revoluções, se expôs às balas, com o desprante dos seus momentos heróicos (porque os tinha), Artur Portela correu seca e meca, com a sua pena e os seus olhos deslumbrados ante a beleza que se lhe oferecia. Amava a vida, os seres e as coisas. Em tudo ele descobria beleza, o que nem todos entendiam. Mas era assim. Comunicando a vista com o mar, com as serras enevoadas, com as paisagens celestes, com os bairros da sua velha Lisboa ou com os «socos» de Istambul, com as cidades de pedra eterna da Itália que tanto soube amar, Artur Portela foi — não rezeamos dizê-lo — o primeiro dos grandes cronistas visuais da sua época. A Inglaterra, a França, a Espanha, a Alemanha, a velha Itália dos mármore maravilhosos e das «fornarinas» de seda e de carne, a Turquia distante e sugestiva, o Norte de África, o Brasil, forneceram-lhe crónicas inesquecíveis, que, a serem compiladas em livros (e algum dia o serão) lhe dariam, combinadas com os livros que publicou, o lugar de primazia que nas nossas letras lhe cabe.

Mas Artur Portela não era apenas o repórter deslumbrante: era também, sempre que tal se tornava necessário, o obscuro artesão, o operário do seu jornal, pronto para todos os serviços, com o mesmo claro sorriso de facilidade e bom humor. Escrevia vertiginosamente, queimado pela chama do seu fervor e da sua vontade.

Durante a guerra civil de Espa-

nha, porque nunca se furtara a um serviço, fosse ele cómodo ou perigoso e porque era jovem, porque a guerra era uma experiência terrível, mas fascinante, Artur Portela, que já assistira à queda do regime monárquico espanhol, partiu mais uma vez e procurou cumprir — e conseguiu — com a possível objectividade, com o mais valoroso brio, através de momentos arriscados e inglórios, expondo vezes sem conto a sua vida.

Dois meses antes do último conflito mundial, um dos grandes triunfos da sua carreira jornalística a sua inesperada e estrondosa entrevista com Winston Churchill, em que profetizava o deflagrar da catástrofe. Impossível recordar todas as suas sensacionais entrevistas, notáveis pela «verve», pela veracidade rigorosa, pelo imprevisível, pela sensibilidade imprevisto, pela sensibilidade e intuição psicológica que Artur Portela punha em tudo aquilo que tocava. Lembramos as que fez com Afonso XIII, com Pio XII, com o admirável Miguel de Unamuno, com Herriot e com o general Franco (jornalista de missão, cumpria-lhe informar-se e informar o público, o que fazia com a máxima dignidade, colhendo os seus elementos das fontes mais diversas e mesmo antagonistas). Também brindou o nosso público com essouras conversas, ricas de emoção, de sentido humano ou de graça perfumada, que entabou com Pio Baroja, com Stephan Zweig, com Danielle Darrieux, com tantas mais figuras proeminentes e populares do firmamento das letras, das artes e da cena.

Artur Portela, espírito multiforme, cronista espirituoso, era, há muito, apesar da sua vocação dramática, ou até por isso, o director do «Sempre Fixe».

Pintor amoroso de Lisboa, esteve na origem de múltiplas iniciativas ligadas à transformação da cidade, à sua vida e aos seus manes. Assim, foi um dos que ardorosamente pugnaram pelo levantamento de uma estátua à memória de Fialho de Almeida, artista com quem tinha afinidades estéticas e a quem votava entranhado culto. O seu ídolo, porém, como não poderia deixar de ser, era Camilo, o grande emotivo, o amoroso transido, o dramático senhor da piedade e do sarcasmo. A Camilo consagrou Artur Portela, nas colunas do «Diário de Lisboa», algumas prosas das mais formosas e comovidas que o imortal solitário de São Miguel de Seide entre nós inspirou.

No decurso da sua arriscada, inclemente, mas belíssima existência, Artur Portela teve ensejo de presenciar e de sentir alguns dos acontecimentos capitais da nossa era. No momento álgico da tensão anglo-italiana por causa da Etiópia, encontrava-se em Gibraltar, de onde nos transmitiu as suas palpantes impressões. Em Roma, assistiu à impressionante cerimónia da canonização de S. João de Brito. Testemunhou também algumas das mais aparatosas manifestações de jubilo colectivo, que a sua pena incansável registava com verdadeiro delírio de cor. Assistiu às ostentosas inaugurações das exposições de Barcelona e de Paris.

Foi Artur Portela, homem eminentemente generoso e sempre debuçado com carinho sobre os vencidos e sobre a causa dos fracos, quem, apesar dos seus firmes ideais

republicanos e democráticos, lançou, no «Diário de Lisboa», a ideia da trasladação dos restos mortais de D. Manuel II para Portugal.

Durante a segunda Grande Guerra Mundial, dirigiu superiormente, com o seu entusiasmo de fervoroso adepto dos aliados, defensores da Liberdade, contra as potências do Eixo, a revista Mundo Gráfico, única que na Europa, com excepção da Inglaterra, se publicou abertamente a favor da causa das democracias. Aí publicou um comovido artigo sobre a morte de Roosevelt.

O rei Jorge VI concedeu-lhe em 1948 a Ordem da Liberdade e tanto pela nobre proveniência dessa merecida distinção como pelo símbolo contido nessas duas palavras — Ordem da Liberdade — era tal galardão profundamente grato ao espírito e ao coração de Artur Portela.

Homenagens teve-as ele em vida, a última ainda há dois anos, promovida por um grupo de amigos e admiradores do seu talento, mas foi ele sobretudo quem promoveu homenagens aos que as mereciam, para que justiça lhes fosse prestada. Tais as que organizou em honra das duas figuras gentílimas e inolvidáveis do nosso Teatro: Angela Pinto e Adelina Abranches.

Ainda um êxito assinalável da vida jornalística de Artur Portela: o prémio que obteve pelo melhor artigo sobre o livro espanhol.

A acção a favor da profissão

Artur Portela que, antes de se dedicar de corpo e alma e para sempre ao «Diário de Lisboa», foi redactor do «Diário de Notícias» e trabalhou em «A Pátria», «Mundo», «Última Hora», «Domingo Ilustrado», «Notícias Ilustrado» e «Século Ilustrado», teve toda a sua vida importante acção no que concerne à dignificação e valorização da profissão jornalística, lutando sem quebranto por melhores condições espirituais e materiais para os seus camaradas e para os vindouros. Presidente do antigo Sindicato e depois da Caixa de Previdência dos Profissionais da Imprensa, contribuiu decisivamente, ao lado de Jaime Brasil e de Julião Quintinha, para a renovação do movimento associativo. Do então presidente do Ministério, dr. José Domingues dos Santos, obteve para a classe a primeira carteira profissional. Secretário, em 1950, da Caixa de Previdência de Profissionais da Imprensa (Casa da Imprensa) e depois, até ao presente, alternadamente presidente da direcção ou da assembleia geral deste organismo, continuou prestando aos seus companheiros, os mais desvelados, uteis e desinteressados serviços nessas por vezes espinhosas funções. Era actualmente presidente da comissão de iniciativas da Casa da Imprensa.

Artur Portela escritor

Prosador de raça, senhor de um vocabulário preciso e matizado, de opulentas cromias, de insinuante sugestão, Artur Portela tinha os dons de um grande criador de ficção, expressos aliás nessa pequena e deliciosa obra-prima da «short-story» impressiva, rápida e comovente, que é «O Trapeiro Russo» (colectânea de noveletas que obteve ao tempo da sua publicação largo êxito). Não chegou, porém, Artur Portela, numa existência de dádiva que ardeu como uma vela, mais para os

outros do que para ele, a dar a inteira medida do seu talento de ficcionista. Conheciam-no os amigos, que em horas de impericível encanto o ouviam acordar temas no fundo da sua inventiva, brincar com eles, oferecê-los, arrojando títulos, ideias, histórias, para o pano verde das esperanças alheias...

Estilista, deu, porém, nos seus livros de crónicas a medida de uma arte consumada da evocação artística. Obra de encanto sempre vivo é o seu volume «Monges Negros», onde, em torno de um convento de beneditinos, ele pinta, em branco e negro, as mais fortes e simultaneamente delicadas telas da sua vasta colecção. «A lareira de Portugal» é, pode dizer-se, o monumento que ficará na nossa literatura a assinalar o lugar deste paisagista, deste franciscano enamorado da vida, dos seres, dos sons, dos tons, das rochas e das ervas, da luz e da sombra, singular, humaníssimo e transportado, pintor da alegria de viver. E como ele era por vezes triste — querido Artur Portela! — ante uma minúscula dor alheia, ante uma injustiça, ante as fealdades da vida, máculas que ele não podia nem queria entender...

Preciosas obras nos deixa, além destas: «Divina», «Tudo amor», «Nas trincheiras de Espanha», «Tumulto», «Os grandes duelos em Portugal», «A batalha humana», «Reynaud», «Os mortos falam», «Como elas são». Em colaboração com o dr. Norberto Lopes, publicou «O crime de Augusto Gomes».

«Pna é que os magníficos artigos que Artur Portela, nas suas deradeiras andanças, dedicou aos Estados Unidos, à Alemanha, à Bélgica e ao exíguo, mas tão curioso, Estado de São Marino, não tenham sido igualmente recolhidos em livros que lhes assegurassem a duração que, por tantos motivos, mereciam.

Já internado no Hospital de Santa Maria, após o enfarte do miocárdio de cujas consequências veio a falecer, teve ainda Artur Portela o regozijo de ver aparecer (seus filhos lho levaram ao hospital) o seu último livro — um excelente ensaio biográfico intitulado «A sombra de Camilo», composto de admiráveis artigos com uma grande unidade, que apresentam, em arrebatadora visão, a figura do autor das «Novelas do Minho». Última obra de Artur Portela, «A Sombra de Camilo» revela as mesmas qualidades das suas melhores produções: exaltante poder de comunicação e de representação visual, imaginação psicológica, romantismo autêntico, desgarrador e febril, nervosismo de artista que queima e que entenece...

Família de artistas

Filho do escritor Severo Portela e irmão do pintor Severo Portelo, Artur Portela trazia no sangue o veneno ou o filtro da arte.

Era casado com a sr.ª D. Maria Luísa Guerra Portela e pai do pintor Luís Jardim e do jovem escritor e nosso querido camarada de redacção Artur Portela Filho.

O corpo de Artur Portela é hoje, às 18 horas, trasladado do Hospital de Santa Maria para a Casa da Imprensa, na Rua da Horta Seca, 20.

O funeral, a cargo da Agência Barata, efectua-se amanhã, às 12 horas, para o cemitério dos Prazeres.



VIDROS PYREX

- PARA COZINHAR
- PARA SERVIR
- PARA CONGELAR

TUDO NUMA SÓ PEÇA



**VERIFIQUE SEMPRE EM
TODAS AS PEÇAS OS SELOS
DA GARANTIA PYREX**



CAMISAS

POR MODELO OU POR
MEDIDA

TECIDOS A ESCOLHA
OU DO CLIENTE

13

modelos em exposição
Consertos e transformações
por pessoal especializado

ROVIL

Rua Arco Marquês do Ale-
grete, 50, 1.ª — Telef. 862402
Envio á cobrança pelo correio

CARTÃO DIPLOMATA

O mais distinto bilhete de visita em
relevo executado em placa de cobre de
absoluta necessidade, em praxes proto-
colares, para pessoas de distinta condi-
ção social, bem como de bom gosto.

ANIBAL - Gravador

R. Nova do Almada, 64 — LISBOA
A casa que melhor trabalha

TELEVISÃO

SCHAU

LORENZ

TELEVISÃO

Um membro do Governo inglês foi incumbido de um inquérito aos acontecimentos na Federação das Rodésias e Niassalândia

LONDRES, 12. — O Governo da Inglaterra confiou ao ministro do Estado dos Negócios Coloniais, lord Perth, a incumbência de proceder ao inquérito dos acontecimentos que têm perturbado a Federação das Rodésias e da Niassalândia.

Segundo o comunicado oficial do Ministério das Colónias, lord Perth, que se encontra actualmente de visita à África Oriental, passará «alguns dias» na Niassalândia, onde se têm registado os distúrbios mais graves. A sua chegada ao protectorado está marcada para hoje.

«Neste momento, lord Perth não estará preparado para empreender consultas oficiais relativamente a reformas constitucionais na Niassalândia», diz a informação. «Mas um dos propósitos da sua visita será estudar a oportunidade em que será possível voltar ao assunto».

A iniciativa do Ministério das Colónias foi motivada pela insistência da Oposição, que pediu ao Governo o envio de uma comissão de inquérito à Niassalândia, para investigar as causas e as possíveis soluções da onda de violência que alastrou no território durante duas semanas. — (A. N. I.).

Prisão de chefes africanos na Rodésia do Norte

LUSAKA (Rodésia do Norte), 12. — Dirigentes do Congresso Nacional Africano de Zambíia, na Rodésia do Norte, foram presos e a organização proibida — segundo foi anunciado hoje nesta cidade.

A diligência segue-se à prisão, no princípio deste mês, de chefes de congressos africanos na Rodésia do Sul e na Niassalândia. Ao contrário do que sucedeu naqueles dois territórios, o estado de emergência não foi declarado na Rodésia do Norte.

O Congresso de Zambíia é um agrupamento que se separou do Congresso Nacional Africano da Rodésia do Norte, de tendências mais moderadas. A comunicação de hoje diz que todos os seus dirigentes foram detidos.

O governador da Rodésia do Norte, sir Arthur Benson, que fez a comunicação às primeiras horas de hoje, numa emissão pela Rádio, descreveu o Congresso de Zambíia como uma «organização subversiva e sediciosa».

Por meio de feitiçaria e outras «maldições que não se podem mencionar», o congresso aterrorizava de noite Africanos respeitantes da lei, com o objectivo de os impedir de votar em 20 de Março.

Sir Arthur Benson disse ainda que não existiam razões que requeressem um completo estado de emergência na Rodésia do Norte. O Governo tinha porém, poderes legais, para pôr cobro a qualquer plano ou conspiração que, se desenvolvessem livremente, poderiam pôr em perigo a tranquilidade pública.

Sublinhando as razões que o levaram a tomar a presente acção, sir Arthur continuou: «Foram os dirigentes de Zambíia, na Rodésia do Norte, que desde o princípio do ano ameaçaram outros Africanos, pronunciando discursos violentos e fazendo planos para impedir, pela violência e pela intimidação, o eleitor africano de votar nas eleições de 20 de Março. Zambíia procurava arruinar as próximas eleições».

«Se os seus planos tivessem obtido êxito, então a violência em grande escala, que se registou na Niassalândia, repetir-se-ia neste território».

O governador acrescentou que certos dirigentes do Congresso de Zambíia interferiram deliberadamente com os direitos dos eleitores, iniciando «um reinado de terror».

Sir Arthur Benson concluiu: «Esses dirigentes fizeram com que homens receassem pelas vidas. Ameaçaram com a morte e mutilação as suas mulheres e filhos». — (R.).

MacMillan chegou a Bonn e manifestou de novo o seu desejo de negociações com os dirigentes russos

BONN, 12. — O primeiro-ministro britânico, acompanhado, nomeadamente por Selwyn Lloyd, chegou esta manhã ao aeródromo de Bonn, onde recebeu os cumprimentos do chanceler Adenauer, de von Brentano e outros membros do Governo federal, do embaixador da Grã-Bretanha em Bonn e dos representantes dos domínios.

O tempo frio e chuvoso abreviou as formalidades. Diante do microfone, Adenauer disse, nomeadamente: «Passaram-se uns meses sobre a vossa última visita a Bonn. Toda a situação mundial se modificou entretanto num sentido que não é precisamente favorável. Torna-se tanto mais necessário discutir entre amigos o conjunto da situação e trocar pontos de vista. Esta permuta não pode deixar de ser vantajosa para os nossos países e para a paz do Mundo. Uma vez mais, desejamos cordiais boas-vindas». — (F. P.).

O discurso de MacMillan

Por sua vez, o primeiro-ministro britânico afirmou: «Estava combinado que o chanceler Adenauer iria a Londres para conversar connosco...» Depois de reiterar o convite ao chefe do Governo da Alemanha Federal, continuou: «Entendemos, porém, que depois da nossa visita a Moscovo, com Selwyn Lloyd, seria mais prático que nós mesmos viessemos a Bonn para expor ao chanceler Adenauer o que foram as nossas conversações com os dirigentes soviéticos. A presente consulta faz parte de uma série de visitas. Acabámos de ter em Paris, com o general de Gaulle, conversações muito úteis. A seguir, iremos a Washington e Ottawa».

«Não restam dúvidas sobre a necessidade de negociações internacionais mais circunstanciadas e é essencial que sejam bem preparadas. Devemos mostrar-nos firmes e decididos no que respeita aos nos-

ORÇAMENTO norte-americano

ALBANY (New York), 12. — As duas camaras legislativas do Estado de Nova York aprovaram, para o ano fiscal 1959-1960, um orçamento de mais de 2 bilhões de dólares.

As previsões de receitas fiscais compreendem um aumento de impostos no valor de 112 milhões. — (F. P.).



Ao regressar da Argentina, onde se encontrava desde o fim da guerra, Vittorio Mussolini foi recebido por sua mãe, a viúva do «Duce», e por sua irmã, Edda Ciano

Vittorio Mussolini foi absolvido

FLORENÇA, 12. — A absolvição pura e simples de Vittorio Mussolini foi pedida hoje pelo Ministério Público, representado pelo coronel Merletti, no Tribunal Militar desta cidade que julga o filho mais velho do Duce por deserção.

Depois de reunir, o tribunal absolveu o reu. — (F. P.).

Morreu o homem mais velho do Mundo

TEHERAO, 12. — O homem mais velho do Mundo — Sayed Ali Salehi Kutahi — que contava 185 anos, morreu de frio no princípio desta semana, no seu refúgio montanhoso da Pérsia — segundo anunciam hoje os jornais locais. — (A. N. I.).

Washington ainda não decidiu dar o seu acordo a uma conferência em alto nível

(Continuação da 1.ª página)

duvidam, no entanto, que o «leader» soviético ponha em prática as suas ameaças. Desse conjunto de palavras que nada mais fez do que retomar as mesmas teses sob aspectos variados, tem-se a impressão de que o chefe do Governo russo reduziu singularmente a sua margem de manobra entre a negociação e a guerra e que, aproximando-se a hora da escolha, procura aproximar-se da primeira alternativa.

A tática do «leader» soviético não conseguiu impressionar Washington, onde é considerado pessoa hábil na arte de semear a confusão, na intenção evidente de sair ele próprio de uma situação delicada, levando os Ocidentais a negociar e a fazer concessões sobre assuntos diferentes do problema de Berlim.

O Presidente Eisenhower está disposto a negociar, mas é demasiado cedo para se saber em que bases poderão ser conduzidas as conversações. A visita de MacMillan será útil neste capítulo. Se bem que esteja já assente que se caminha para uma negociação, Washington ainda não decidiu se uma conferência ao «mais alto nível» deverá efectuar-se, mesmo no caso de uma reunião, prévia de ministros dos Ne-

gócios Estrangeiros não der resultados concretos.

Parece terem sido certas diferenças de pontos de vista acerca deste assunto que têm atrasado o envio a Moscovo das respostas ocidentais que, de princípio, estavam previstas para esta semana e que, afinal, só serão enviadas depois da vinda do primeiro-ministro britânico a Washington, em 20 deste mês. — (F. P.).

A Inglaterra continua a opor-se ao «Plano Rapaky»

LONDRES, 12. — Segundo declaração de fonte autorizada, a Inglaterra continua a opor-se a qualquer plano de «desnuclearização», de «zona desatomizada», de «zona desmilitarizada» ou de «neutralização» que possa provocar a desagregação da N. A. T. O., a retirada das tropas americanas da Europa ou o desequilíbrio de forças.

Esta declaração tem especial significado a seguir às conversações franco-britânicas de Paris e pouco antes das conversações que Harold MacMillan e Selwyn Lloyd vão ter em Bonn. A atitude britânica a respeito deste problema causou apreensões nos países aliados. Ora, segundo se indica de fonte autorizada, o Governo britânico não elaborou nenhum «plano» a este respeito. No entender dos dirigentes britânicos, trata-se apenas de uma tentativa para diminuir a tensão actual, tentativa que deveria ser acompanhada a par e passo por progressos na solução dos problemas políticos. — (F. P.).

Castigos corporais nas escolas do Estado de Nova York

NOVA YORK, 12. — Por 100 votos contra 43, a assembleia do Estado de Nova York, aprovou ontem um projecto de lei que concede aos professores o direito de infligir castigos corporais aos alunos. O projecto foi enviado ao Senado para discussão. — (F. P.).

A Televisão faz desaparecer o importante hebdomadário «Everybody's»

LONDRES, 12. — Devido à concorrência, sempre crescente, da Televisão — o número de postos-receptores na Grã-Bretanha é hoje de 9 milhões — continua a acentuar-se a diminuição do número de leitores da Imprensa Ilustrada. O último dos grandes órgãos hebdomadários — o «Everybody's» — vai desaparecer. A sua última publicação será em 25 de Abril.

Apesar de terem desaparecido o «Picture Post» e o «Illustrated», a tiragem do «Everybody's» passou de 516.000 para 393.000 exemplares nos últimos dois anos. Antes da última guerra, aquela ultrapassava 1 milhão.

A decisão de fazer cessar a sua publicação foi tomada pelo grupo «Daily Mirror», que tinha comprado esse magazine, assim como outras publicações, ao grupo «Amalgamated Press».

A concorrência da Televisão exerce-se de duas maneiras: reduz o número de leitores e provoca uma baixa nas receitas de publicidade. A grande Imprensa, como defesa, modifica o aspecto dos seus jornais, que pouco a pouco se vão transformando em verdadeiros magazines ilustrados e multiplica as revistas especializadas, de tiragem limitada, que escapam à concorrência da TV.

A maior parte dos grupos de Imprensa tomou a precaução de fazer importantes investimentos de capitais nas companhias de Televisão. — (F. P.).

As eleições na Holanda decorrem tranquilas

HAIA, 12. — Decorrem com ordem absoluta, desde esta manhã, as operações eleitorais para renovação da Camara dos Deputados. Sendo a votação obrigatória, sob pena de multa de 5 florins, não haverá abstenções da parte dos seis milhões de eleitores de ambos os sexos.

E' opinião geral que as urnas não devem reservar surpresas. Prevê-se um avanço liberal em detrimento do socialismo. A única incógnita é a futura cor do oitavo Governo do pós-guerra: dependerá do número mais ou menos elevado dos mandatos contados pelos liberais.

Os eleitores têm doze listas à escolha. Surgiram alguns partidos novos, como o dos Agrários e da Classe Média e o dos Socialistas Pacíficos. O escrutínio fechará pelas 19 horas.

A Assembleia dissolvida contava 50 trabalhistas, 49 católicos, 15 anti-revolucionários, 13 liberais, 13 cristãos históricos, 4 comunistas dissidentes, 3 comunistas ortodoxos e 3 reformados. — (F. P.).

O Governo apresentou a demissão

HAIA, 12. — Em virtude da renovação antecipada da Camara dos Deputados, e de harmonia com a Constituição, Beel, presidente do Conselho, apresentou hoje à rainha Juliana a demissão, do seu Governo. A soberana aceitou-a, pedindo aos ministros e secretários de Estado que despachassem os negócios correntes. — (F. P.).



Silueta

O «Bazar Bebê», na AMADORA, tem à venda o «Diário de Lisboa» e o «Sempre Fixe».

Alívio rápido da INDIGESTÃO

A azia, flatulência e outras perturbações do estômago causam um sofrimento desnecessário. A Magnésia «Bisurada» neutraliza rapidamente o excesso de ácido no estômago — muitas vezes a causa destes incómodos. Também acalma as membranas inflamadas das paredes do estômago, ajudando-o a restaurar as suas funções normais. A venda em pó e comprimidos.

**Magnésia
BISURADA**



Exposição de Desenho

da Casa da Imprensa

A I Exposição de Desenho Moderno da Casa da Imprensa reúne obras de Almada Negreiros, Sousa Cardoso, Mário Eloy, Abel Manta, Jorge Barradas, Francisco Franco, Abel Salazar, Manuel Filipe, Lima de Freitas, Julio Pomar, Manuel Ribeiro de Pavia, Querubim Lapa, Teresa de Sousa, Francisco Relógio, Alice Jorge, Julio Rezende, António Santiago Areal, Manuel Cargaleiro, Jorge Vieira, José Julio, Benjamin Marques, João Rodrigues, Servais Tiago, Moreira Rijo, Mário de Oliveira, João Abel Manta, Luis Jardim, Nikias Skapinakis, Sá Nogueira, José Escada, Gonçalo Duarte, Cipriano Dourado, Rogério Ribeiro, Bartolomeu Cid, Jorge Martins, Mário Elias, Espiga Pinto, Maria Emília, Vítor Tavares e Fausto Boavida. Trata-se da primeira panorâmica do desenho actual que se faz entre nós e está na linha de uma acção desenvolvida por alguns jornalistas no sentido de tornar mais fundas e eficientes as relações entre o artista plástico, o jornalista e o publico.

Na sala da exposição realizaram-se sessões fonográficas com obras de autores modernos, tendo o nosso camarada José Estêvão Sasportes falado do bailado e artes plásticas, a introduzir a obra de Erik Satie «Parade», e efectuando-se amanhã á noite, ás 21 e 30, um concerto de musica gravada, no qual será ouvida, pela primeira vez, entre nós, a discutida e muito recente obra da figura central do concretismo. Pierre Boulez, que é «Marteau sans maitre». O critico musical Nuno Barreiros introduzirá a obra falando de alguns aspectos da musica moderna. A exposição, que interessou o publico, pelos nomes que reuniu e qualidade das obras apresentadas, fechou hoje.

João Abel Manta: «O Poeta» (desenho exposto na Casa da Imprensa)

vida literária

SUPLEMENTO DO «DIÁRIO DE LISBOA»

NÚMERO 33

FEIRA DAS VAIDADES

A LEI DO CASULO

por ARTUR PORTELA (FILHO)

A atmosfera tem qualquer coisa de líquido e pastoso e nós flutuamos. Os nossos movimentos são brandos e cansados. Somos um filme ao retardador. O casulo é simplesmente a chave que escolhemos mas a sua pele não é dura. Enfrentamos dois perigos: o interno e o externo. O interno é agitação dos nossos irmãos do casulo. Situamo-nos numa hierarquia e sempre há a luta pelo poder. O externo é a ameaça da guerra de casulos. Há choques violentos e alguns casulos estão extremamente bem armados. É necessário estar alerta. Não desarmar. Seguir os movimentos dos outros e ter alguém de vigia. A organização é essencial. A chefia pertence ao mais forte, áquele que já teve entrevista no jornal e fotografia a uma coluna de perfil. É o chefe de fila. Está no topo mas também é o mais atingido. De fora e de dentro.

O casulo pode estar organizado em pirâmide, coluna ou plataforma. É um povo e uma forma de governo. Há os despóticos, aristocráticos e socialistas. O casulo tem uma trajectória. Uma adolescência (casulo «57»), uma idade média (casulo neo-realista), a velhice (casulo surrealista). Tem uma pátria, uma zona de influência, um país. Um estudo, uma livraria, um «café». Uma língua, um calão literário. Uma expressão. Uma engrenagem psicológica. Os habitantes de um casulo empilham-se e ajustam-se. Funcionam colectivamente. Isolados estão perdidos. Tem frio e falta-lhes um braço ou uma perna. O braço e a perna têm-nos os outros. Amontoam-se todos e formam um organismo. São células. São um tecido, mesmo um órgão. Arrumados uns contra os outros geram um calor habitual, familiar e ajustado á sua constituição. Dispersos morrem como peixes fora de água. Escabujam algum tempo, mas acabam por morrer.

A decisão é penosa. Tomam-na colectivamente, num plural que é falso.

O casulo tem a sua lei, que é vasta e dura. A lei prevê tudo. Actuar é obedecer á lei. A lei já não é entendida. É recebida, é aceite, é convertida num jogo de

(Continua na ultima página)

A geração humana e a geração artística

Richard Lewis acaba de publicar um ensaio, «The Picaresque Saint», no qual rotula o grupo de Moravia, Camus, Silone, Faulkner, G. Greene e Malraux de «a geração humana», em oposição á «geração artística», dos Joyce, Proust e Thomas Mann. Richard Lewis afirma que para «a geração artística» a imagem da desintegração era amortecida pelo valor absoluto da arte e que para «a geração humana» o significado do nada foi transcendido por uma devoção absoluta em relação á vida. Segundo o ensaísta todos os «humanos» abandonaram a construção estudada, a estética fanática de «Finnagens Waxen», por exemplo, por romances que encarnam um humanismo e são caracterizados por uma forma de comunhão. Sexual para Moravia, filosófica para Camus, política para Silone, religiosa para Faulkner. Para Richard Lewis todos estes autores criaram um herói idêntico, um aprendiz de santo, «the picaresque saint». Esta obsessão de santidade, explica, encontra-se em todos estes autores. Na «Peste», de Camus, um personagem afirma: «O que me interessa é como me tornarei um santo».

No «Pão e o Vinho», de Silone, um estudante escreve: «Se a perspectiva de receber orações de desconhecidos, sobretudo de velhos, não fosse desagradável, gostaria de ser um santo». No caso de Faulkner as personagens a identificar-se com Cristo, como Isaac McCaslin, em «The Bear».

DEPOIMENTO SOBRE A ATITUDE DA IGREJA EM FACE DA ARTE CONTEMPORÂNEA

Cónego António dos Reis Rodrigues

A Igreja não existe para resolver o problema da validade ou não-validade das correntes artísticas — como, aliás, não existe para resolver o problema das civilizações em si mesmas consideradas, em qualquer dos aspectos que as integram. A sua missão é estritamente de ordem religiosa ou sobrenatural, com vista a estabelecer os homens em relações justas, oportunas e fecundas com Deus e encaminhá-los assim para a vida eterna. Este objectivo assinala a sua transcendência essencial no que toca ás realidades terrestres, sejam elas quais forem. Transcendência, todavia, que não é distancia ou alheamento, como querem alguns «espirituais». A Igreja, não sendo do mundo, está no mundo; não sendo da história, está na história. Por isso, ela não pode deixar de manter um diálogo com a vida vária e concreta dos homens. Nisto se assemelha ao próprio Cristo, seu Chefe, que, não cabendo dentro de nenhuma «determinação», por seu Deus, assumiu a figura «determinada» de um certo homem, sujeito aos limites de um certo e muito definido condicionalismo espaço-temporal. Como Ele, sem pertencer a nenhuma situação, a Igreja está sempre situada algures, e é aí que tem de cumprir a sua obra. Há nela, por conseguinte, a cobrir o núcleo da referida transcendência, a roupagem indispensável do quotidiano. Mistura de evasão e de presença. Forças contrárias que permanentemente se equilibram, a ponto de explicarem este maravilhoso resultado: que a Igreja, sendo antiga, nunca é velha e, sendo sempre de cada dia que passa, nunca é diferente.

O que acabo de dizer, aplicado ao problema da arte, equivale a fazer as seguintes afirmações: Primeira — que a arte, como tal, não é um fenómeno sobre o qual a Igreja se deva pronunciar directamente. É uma tentação para os criticos católicos valerm-se do prestígio da teologia ou do dogma para acreditarem as suas opiniões, aureolando-as de absoluto, muitas vezes até para encobrir a sua falta de solidez. Mas, nesta matéria, a Igreja encontra-se fora e acima das nossas opções. Falar em seu nome é um abuso. Segunda — que, embora não caia directamente sob juízo do magistério eclesiástico, a arte é um fenómeno que a Igreja não pode ignorar. E não pode ignorar por dois motivos: porque frequentemente

ela é chamada ao próprio interior do santuário, como instrumento da liturgia (transformando-se então em «arte sacra»); e porque, de qualquer modo, também ela não deve ficar estranha á vocação do mundo para ser salvo, — já que, depois da encarnação do Verbo, nestes tempos definitivos e derraideiros que então se inauguraram, a história não tem efectivamente outra razão de ser senão a de preparar a Jerusalém Celeste. Terceira — que nenhuma forma ou expressão de arte, concretamente considerada, se pode dizer cristã, sem mais. Pode, com certeza, traduzir mais ou menos valores cristãos; pode,

(Continua na página seguinte)

Domingos Monteiro:

— O escritor português não tem condições de vida

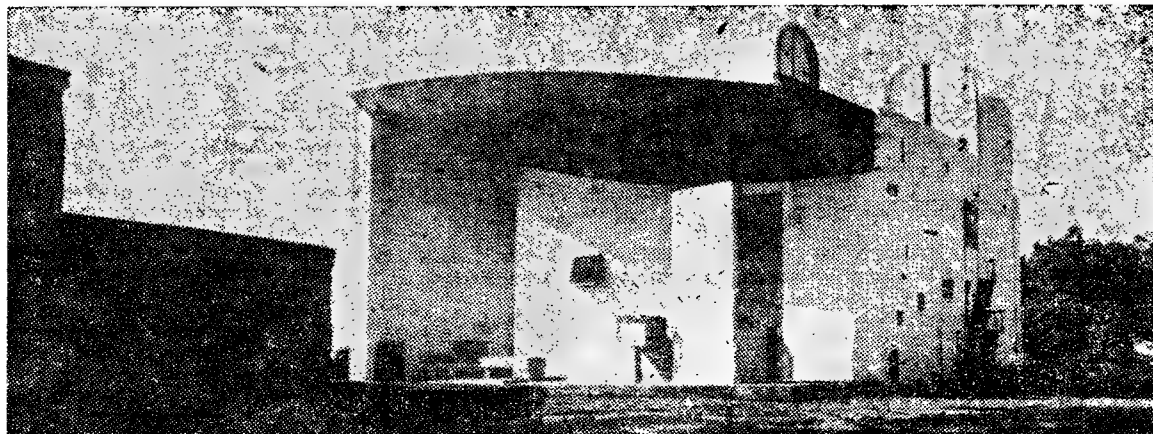


Domingos Monteiro. N.º 1903. Advogado. Autor de «A nau errante» (poemas), «Crise de idealismo na arte e na vida social» (estudo), «Enfermaria, prisão e casa mortuária», «O mal e o bem», «O caminho para lá» e «A porta do outro mundo» (novelas), «Paisagem social portuguesa» (ensaio), «O livro de todos os tempos — História da Civilização» (estudo), «Histórias castelhanas» (novelas), «O homem contemporâneo» (estudo) e «A traição inverosímil» (teatro), traduzido em italiano e catalão.

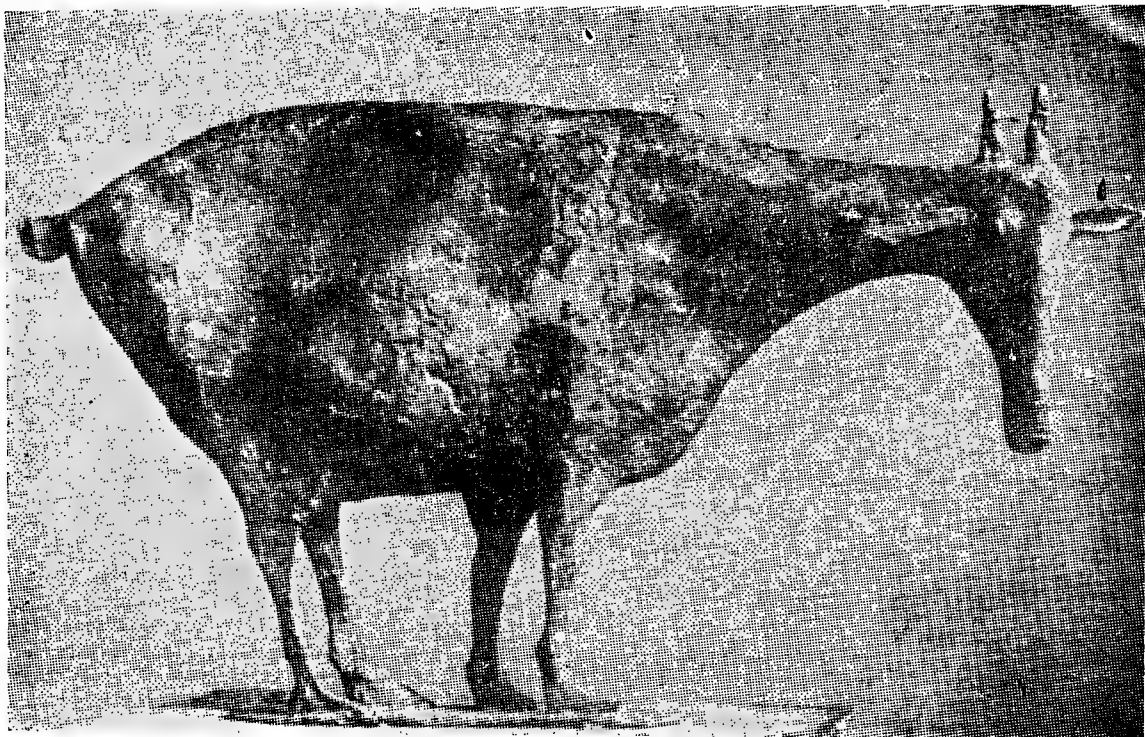
— Como encara as condições de vida do escritor português?

— O escritor português — como tal — não tem condições de vida. Não tem, nem nunca teve. Por is-

(Continua na ultima página)



Corbusier: igreja de Ronchamp



Von Martin: escultura

A Igreja e a arte contemporânea

(Continuação da página anterior)

igualmente, ter sido mais ou menos recebida no tempo como arte sacra. Mas nenhuma «esgota» jamais as imensas e multiformes possibilidades de se ser cristão. Quarta e última — que, nenhuma sendo cristã em absoluto, todas, numa medida ou noutra, o podem ser. No que se refere, por exemplo, à arte sacra, isto é particularmente de salientar. Pois, se há alguma tradição criada neste campo, é a de que sempre a Igreja, em cada época, recebeu para o serviço do culto a «arte viva» dessa época. Só muito recentemente é que se difundiu o preconceito de que há estilos por natureza religiosos. O romantismo, por exemplo, trouxe-nos a «superstição» da arte medieval. E de tal maneira se falou na ogiva lembrando mãos postas a rezar, que os cristãos não souberam furtar-se ao inglorio anacronismo de construir, para homens do século XX, multidões de templos como há 700 anos se faziam, dando a impressão desoladora de que já não eram capazes de conviver com os seus contemporâneos e de que a Igreja se alheava por completo da cultura que se foi entretanto processando. Assim é que se levanta, em Nova York, nessa gigantesca e tumultuosa 5.ª Avenida, coação da «City», defronte mesmo do Rockefeller Center e a dois passos do Empire State Building, a Catedral de S. Patrício — com seus gigantes, suas rosáceas, seus arcos ogivais, seus corucheus... Razão teve o americano Thomas Merton para observar que, no seu mosteiro de trapista, construído também em «puro» estilo gótico, os únicos edifícios rigorosamente belos, por serem os únicos verdadeiros, ainda eram as instalações agrícolas, acrescentando este lucido e amargo comentário: «Um dos grandes problemas dos arquitectos do nosso tempo é que, há 150 anos, as igrejas são edificadas como se não tivessem de ser modernas, mas de outra época. Penso que tal ideia implica uma confissão de ateísmo — como se Deus não pertencesse a todos os séculos ou a religião não fosse mais que uma formalidade social necessária, que

se conserva para dar apenas um ar de responsabilidade á nossa sociedade».

Semelhante mentalidade está hoje felizmente superada; e por isso eu disse que o meu depoimento se deveria considerar «intempestivo». Depois de um Bernanos, de um Claudel, de um Maritain e, mais perto de nós (visto pertencerem á cultura lusófona, de um Tristão de Athayde e de um Gustavo Corção, ninguém tem o direito de ignorar que uma arte sacra plenamente válida para os cristãos de um determinado tempo, e plenamente digna da Igreja, nunca pode ser senão a que exprime alguma coisa da problemática cultural própria desse tempo.

Foi indubitavelmente para exprimir esta verdade que o Senhor Cardeal-Patriarca de Lisboa escreveu, em 1939, a propósito da Igreja de Nossa Senhora de Fátima, então inaugurada: «Quanto a ser «moderna», não compreendemos sequer que pudesse ser outra coisa. Todas as formas artísticas do passado foram modernas em relação ao seu tempo. Igreja dos nossos dias, devia traduzir, enquanto lho permitisse o carácter sacro e a finalidade cultural, as expressões da técnica e da arte contemporâneas. Copiar cegamente formas artísticas de outras épocas será fazer obra de arqueologia artística; mas não é seguramente obra viva de arte». De resto, concretamente em relação aos artistas de hoje, a experiência está feita, por toda a parte. Essa experiência é nuns casos mais feliz, noutros menos, como facilmente se acredita. Isso depende da qualidade do artista, e também em grande parte da sua fé. Porém, o que já não é lícito dizer é que a Igreja fecha as suas portas ás correntes mais representativas dos nossos dias. Compreende-se que a natureza específica do culto litúrgico imponha certas exigências á arte que deseje colocar-se ao serviço dele. Mas, observadas essas exigências, é deixado no Santuário, como disse Pio XII na «Mediator Dei», «campo livre á arte do nosso tempo». O que o Sumo Pontífice julga «ser absolutamente necessário» — para que «também ela possa unir a sua voz ao admirável canto de glória que o génio humano can-

tou, nos séculos passados, á fé católica».

Seria fastidioso enumerar o que, nos diversos países do mundo, está realizando ou se está realizando neste aspecto. Ainda há pouco o lembrou o arquitecto Hermann Baur, num breve estudo incluído no volume «Le monde attend l'Eglise», escrito em colaboração com vários pensadores católicos eminentes. Desejo apenas destacar que, praticamente, todos os grandes nomes da arte contemporânea estão já representados na arte sacra. Para referir apenas alguns da Europa, que conheço melhor, permitam-me que cite, entre os arquitectos, H. Baur, de que falei, Schwarz e Le Corbusier; entre os escultores, Henry Moore; e, entre os pintores, Bonnard, Léger, Matisse, Roitit e o mestre do abstraccionismo Manessier. Uma declaração colectiva dos Bispos alemães, publicada há anos, estatua: «A igreja é destinada ao Povo de Deus dos nossos dias. Deve, portanto, ser disposta de modo que os homens da actualidade se sintam atraídos por ela. As mais nobres necessidades do homem do nosso tempo devem encontrar nela a sua satisfação: o desejo imperioso de vida comunitária; a ansia de verdade e autenticidade; o desejo de passar do superficial ao que é nuclear e essencial; a ambição de clareza, luminosidade e visibilidade; o vecemente anelo de silêncio, de calor e segurança». Ora, a colaboração dos vários artistas que citei conseguiu, realmente, dar ao templo católico essa atmosfera de densidade espiritual, esse espaço de silêncio e de humildade, essa impressão de «coisa séria», a que este documento se refere e a sensibilidade do homem moderno de facto reclama.

A razão deste êxito reside, segundo penso, em certos valores da arte de hoje que muito facilmente se conciliam com certos outros do espírito cristão. Não desejo com o que digo, é óbvio, «baptizar» a arte moderna, em bloco. «Arte moderna», já o notei, é uma expressão muito genérica, que envolve correntes muito variadas — e nem todas as suas produções, confessemo-lo, são de bom quilate. Como sempre, há o óptimo, o razoável e o medíocre; e também há o que é «moderno» só porque não pode ser coisa nenhuma. No que digo tenho em vista, por conseguinte, apenas os melhores e uma linha de orientação que me parece ser comum. A essa linha de orientação ainda recentemente se referiu, falando de pintura, o crítico Lionello Venturi, no seu por diversos títulos monumental volume sobre a Pintura Italiana. Resumo o seu pensamento: No processo da criação artística, existe, por um lado, uma grande diferença entre a Idade Média e o Renascimento e, por outro, uma grande afinidade entre este último e a Antiguidade clássica. Na Grécia, o processo criador vai do concreto ao abstracto: os artistas estudam a natureza e de seguida idealizam-na, dando assim um estilo ao objecto natural. Durante a Idade Média, pelo contrário, a natureza é abandonada; decora-se a Casa de Deus por meio de cores variadas e brilhantes, a fim de proporcionar aos fieis a contemplação de realidades celestes, que o artista nunca viu. Ele parte, pois, de um

(Continua na página seguinte)

LIVROS

COMENT

Camilo:

por aqui estou a rusticar
no nabal

Uma carta pouco conhecida de Camilo, publicada por João Jardim de Vilhena, que a acompanha de um artigo na excelente revista «O Tripeiro»:

«Meu Vieira de Castro
Imagina-me a encaixotar quatrocentos volumes em cinco dias. Em que estado de abatimento eu chegaria á noite. Depois de jantar apenas podia resistir uma hora ao cansaço. Deitei-me em Lisboa regularmente ás nove da tarde e levantava-me ás seis da noite que os astrólogos da aldeia chamam seis da manhã. Isto não me absolve de ser um grande selvagem, de que te peço desculpa. Perguntas-me que livro meu está no caso de ser traduzido por pessoa de tanto renome e boas letras como é o sr. D. Fernando de los Rios. Sinceramente te respondo que nenhum. Tantas dificuldades a esquecer e morrer na língua original. Lembrote que indiques a S. Ex.ª os bons livros portugueses que conheces. O Incêncio marca pouco mais ou menos os preços que eu ponho á margem dos livros que queres vender. Ai quem compra essas velharias é o Rodrigues do Pote das Almas; mas dá pouquíssimo. Não lhe posso chamar infame judeu porque nasceu galego. Os livros estão ao par com o crédito português. Os Diários valem muito quando são procurados e pouco se são oferecidos. Eu tenho disso a monte. Se vais para o Brasil, acharás lá mais alto preço. Noto porém que não te desfaças do Faria e Sousa que ainda é estimado dos eruditos. Mandei-te entregar um catálogo de livros que aí hão-de ser arrematados em Dezembro. Se queres ver o valor deles vai lá. Hoje ninguém lê para se instruir, meu filho. A falta de estudos clássicos enfasiou de todo o paladar desta mocidade que se contenta de ser oca e inteligível. Ela tem razão. A arte é longa, a vida é breve. Vivamus dum licet bene esse, dizia mestre Petronio, que sabia viver e beber, mas também poetava admiravelmente. Por aqui estou a rusticar no nabal e na horta da couve galega. D. Ana cria galinhas e canários. Os pequenos tocam zabumba e o Manuel está ainda na cama queimado. Domingo faz três anos que tu ouviste aqui pregar um missionário que te não edificou grandemente. Peço os meus respeitos para tua Ex.ª senhora e lembra-te do teu velho amigo.

CAMILO CASTELO BRANCO

«Pirâmide»

«Pirâmide» caderno de publicação não periódica, dirigido por Carlos Loures e Máximo Lisboa, surgiu agora com uma má capa de Marcelo de Sousa e uma colaboração do maior interesse. Mário Cessasiny de Vasconcelos é autor de um artigo intitulado «Mensagem e Ilusão do Acontecimento Surrealista». Pedro Oom publica «Um Ontem Cão»; numa tradução de Ernesto Sampaio insere este numero «O Teatro e a Ciência», de Antonin Artaud; Raul Leal está representado com «Psaume», do livro «Martítyd de l'Occulte»; e António Maria Lisboa surge com um «Aviso a tempo por causa do tempo». Ainda uma crónica polémica de Luís Pacheco intitulada «Surrealismo e sátira — de André Tolentino a Nicolau Breton» e «Além de Petrus Ivanovitch Zagiransky (Mário de Sá Carneiro).

E' possível que «Pirâmide» consiga sacudir o sucumbido surrealismo português mas as datas dos artigos publicados levam-nos a suspeitar o contrário. Aconselhamos maior numero de inéditos e nomes mais recentes.



VIEIRA DE ALMEIDA

«Grande Fabulário de Portugal e do Brasil»

Numa edição notavelmente apresentada, com ilustrações de Portinari, Julio Pomar, Poty Lazzaretto e Sá Nogueira, a Folio vai publicar o «Grande Fabulário de Portugal e do Brasil», que reúne fábulas dispersas, na sua maioria ainda por recolher, e que constitui um monumento literário dos dois países irmãos. Dirigem esta obra o prof. Vieira de Almeida, figura central da nossa literatura, pensador, dramaturgo e poeta, e o dr. Luís da Camara Cascudo, ilustre etnógrafo brasileiro também mestre universitário. O escritor Alvaro Lins, embaixador do Brasil entre nós, e António Sérgio, autor de uma obra filosófica do maior relevo, colaboraram no «Grande Fabulário de Portugal e do Brasil».

Sain já o primeiro fascículo, que revela o apurado gosto do editor, com duas magníficas ilustrações de Julio Pomar, vinhetas de Sá Nogueira, uma introdução do prof. Vieira de Almeida e a primeira parte do livro, «Fabulário Português Medieval ou Livro das Fábulas do famoso poeta grego Esopo».

SAI HOJE A REVISTA ILUSTRADA MUNDO TRAGÉDIA NA MURALHA DO PORTO e DESFILE DOS «MENINOS DA LUZ»

além do seguinte sumário:

Figuras da Semana
Arquivo Confidencial do Mundo
Assim vai o Mundo
Seleccções da Imprensa Diária
Página Literária
Actualidades Internacionais
Turistas na Cortina de Ferro
Mais Carne Para Consumo
A Luta Contra o Cancro
Anne Aubrey
Modigliani
Lindberg em Lisboa
Beja, Cidade Estática
Carta de Paris
Uma Aldeia Suíça Aguarda a Morte
Crónica Feminina
Horóscopo
Enciclopédia do Lar
A Volta ao Mundo na cozinha
Flagrantes do Brasil
Aspirações Algarvias
Eu, Sofia e os Outros
Crónicas de Cinema
Crónica de Discos
Passatempo.
Direcção e Redacção:
Rua da Rosa, 252, 1.ª — Telf. 32355
Administração e Publicidade:
Rua da Rosa, 252, 1.ª — Telf. 34229

OS MUROS DO DESESPERO

É o primeiro romance de HERVÉ BAZIN, da Academia Goncourt, editado em língua portuguesa, com um prefácio de Urbano Tavares Rodrigues.

Este extraordinário romance, sobre a vida dos manicómios e das prisões, obteve o PRÉMIO DA IMPRENSA LATINA.

Pedidos à EDITORA ARCÁDIA

Travessa de S. Paulo, 7, 3.ª — Lisboa

SE AUTORES

COMENTÁRIOS DE ARTUR PORTELA

«A Cidade das Flores»

de Augusto Abelaira

Com um título inquietante, que não deixa de ser corajoso, «A cidade das flores» é uma obra de um neo-realismo viril e rápido mas traz em si sinais demasiado visíveis de livro de estreia. Desde já trata-se de um livro excessivamente grande. Nem sempre, e este é um exemplo nítido, a frase económica e veloz, indica uma acção desembaraçada e liberta. Este livro, válido pelo estilo e por indicar um europeísmo (ainda que alvoroçadamente procurado) finalmente atingido, nesta e em algumas outras obras recentes, é uma lenta narrativa vertiginosamente escrita. É possível que a Augusto Abelaira não interessasse abreviar a acção do seu livro e que este contraste entre a frase telegráfica e a situação quilométrica seja intencional, em busca de um ritmo novo ou de uma atmosfera diferente. De tudo isto resulta, na verdade, um desequilíbrio e um clima de tensão permanente, quase de «suspense», que arrasa o leitor a partir da meia centena de páginas. Esta frase incisiva, que finalmente não incide ou incide pouco, e que os capítulos seguintes retomam, glosam e abandonam, é absorvente mas falsa e depois irritante e por fim negativa.

Não ter medo das palavras, ser capaz de escrever um livro intitulado «A cidade das flores», reinventar atmosferas românticas e tentar validá-las, resolvê-las de uma forma sã e correcta, são aspectos positivos desta obra.

Mas esse estilo, antítese do que entre os ainda se julga ser estilo libertado, de uma intensidade conferida pela palavra ela-própria e não pela frase cheia de palavras — os objectos chegaram a ser indicados por frases e não por palavras — é, simultaneamente, o principal defeito e a primeira qualidade deste livro. Estilo que a temática de Augusto Abelaira não comporta e que, como todas as coisas — o que valem, afinal, as coisas? — se torna extremamente monótono e, a partir desse momento, artificial e destruidor de todas as boas intenções literárias. Acontece até que este não é apenas um livro bem intencionado.

Augusto Abelaira deve ter uma larga experiência italiana mas não suficientemente larga para não crivar o livro de referências geográficas, políticas, urbanísticas, etc., a ponto de criar no espírito do leitor a terrível e aniquilante suspeita. Não sabemos até que ponto é possível a Augusto Abelaira escrever um livro de trezentas e cinquenta páginas sobre um país que não conhece bem ou mesmo sobre um país que conhece perfeitamente, mas que não é o seu.

As trezentas e cinquenta páginas, só por si, não nos impressionam tanto como a tentativa de reconstruir um tempo de angústia que foi o da juventude italiana sob Mussolini, por maiores que sejam os paralelismos com qualquer outro tempo de angústia, mais ou menos próximo de nós e do qual tenhamos uma experiência mais ou menos directa. É provável, não temos, a priori, a menor dúvida em o reconhecer, cremos até poder afirmá-lo em vista de algumas das trezentas e cinquenta páginas de «A cidade das flores» que Augusto Abelaira seja um observador agudo, esclarecido e sensível. Mas não podemos deixar de afirmar que é arrojado e perigoso escrever-se este romance. A sua oportunidade e a sua actualidade não impedem que o perigo não tenha feito os seus estragos. Se «A cidade e as flores» não é totalmente uma reconstituição histórica devia sê-la em certa medida. A verdade é que a História tem-se feito com numerosas «Cidades das flores» e que, muitas vezes, estas, mais que outros, elementos, tornam possível a reconstituição de um facto ou de um tempo. E se Florença é sómente pano de fundo de uma acção que se pode desenrolar em qualquer capital de uma Europa actual, então quer-nos parecer que seria preferível um cenário mais intenso e absorvente, um cenário que deixasse a acção subsistir e viver, sem estar a mostrar-se com uma frequência impertinente e pueril, numa visão

risca de alarmes entusiasticamente turísticos.

Os livros podem ser grandes assim como as peças ou os filmes os podem ser mas há que torná-los extensos por necessidade e não por incapacidade ou por preguiça. Preguiça de se ser breve.

«A cidade das flores» é uma longa conversa entre meia dúzia de figuras e não nos parece que estas sejam suficientemente fundas e a problemática referida bastante ana-



AUGUSTO ABELAIRA

lisada para que a longa conversa não se torne, dezenas de páginas lidas, numa petição que carrega o leitor de tédio. É interessante notar como Augusto Abelaira enfrenta a necessidade de disfarçar a repetição. Há soluções brilhantes de uma técnica inesperada, o que não chega, porém, para escorar o desabamento da intriga que, ainda assim, se continua por algumas dezenas de páginas.

«A cidade das flores» é um livro novo e vasto a anunciar uma obra do maior interesse. Augusto Abelaira, ainda tumultuoso, tem, no entanto, uma comovida simpatia humana e uma sensibilidade estranha e diferente. A força lírica, uma claridade que não é só de manchas mas de linhas de volumes, de construção, a indicar esclarecimento ou interesse por ele, um altivo romantismo vivido sobre o nosso tempo e o estilo rápido tornado quase corrente de consciência em prosa e com gramática e tudo, são os elementos mais válidos de «A cidade das flores» Livro que é, também, excessivamente ambicioso e de difícil e dolorosa leitura.

(Capa de António Ramos. Edição do autor).—F.

É se Cristo voltasse?

respondeu Huxley e Jung

Uma revista cubana fez a Aldom Huxley e a Carl Jung esta pergunta: que aconteceria se Jesus voltasse? Huxley escreveu:

«Se o Jesus histórico voltasse condenaria a nossa civilização pela sua inumanidade e a sua falta de amor, numa palavra, por causa de todos os vícios que o obrigaram a condenar Roma e o Médio Oriente. Falaria do fim do Mundo e do Juízo Final mas na linguagem da nossa época e à luz da história do Mundo tal como é desde Hiroshima. Or-ria pela fraternidade e pela necessidade de nos amarmos uns aos outros assim como pelo abandono dos egoísmos e da violência. O Jesus de há dois mil anos nada ou pouco disse sobre política, filosofia, ciência e arte. Mas, aparecendo no século XX, diria muitas coisas esclarecedoras sobre as relações que devem existir entre a economia e o amor, a ética e a estética a tecnologia e a vida de espírito, o conhecimento analítico e a experiência prática. E se Jesus nos falasse como seria recebido? O mais provável era uma reacção entusiástica e uma grande campanha de publicidade. Do Jesus de há dois mil anos só sabemos o que os autores dos Evangelhos seleccionaram vinte ou trinta anos após a sua morte. No século XX as coisas seriam diferentes. Haveria actualidades cinematográficas, conferências de Imprensa, apresentações na televisão, biografias em livros de bolso, artigos em suplementos de domingo, aclamações populares e «meetings» enormes, muitos murmúrios nas altas esferas, e entretanto conferências e negociações como sempre, guerras como é hábito, as usuais injustiças.

E depois da sua morte, funerais gigantescos».

Carl Jung, discípulo de Freud, afirmou:

«É certo, absolutamente certo que se um Cristo reaparecesse, seria entrevistado e fotografado pela Imprensa e não viveria mais de um mês. Morreria fatigado de si próprio, de se ver tratado como um ser trivial. O seu próprio êxito matá-lo-ia moral e fisicamente».

«57»

«57», órgão de um movimento de cultura portuguesa que vem sendo discutido ou calmamente ignorado, tem agora mais um director, que é Fernando Morgado. António Quadros continua no seu posto, mas quis dividir a sua actividade, que era larga e se notava em quase todas as páginas da revista. O ultimo numero de «57» reúne colaboração de A. Quadros, José A. Ferreira, Francisco Sottomayor, Afonso Coutela, Rafael Monteiro, Fernando Morgado, Jonas Negalha, Jorge Preto, Ana Hatherly, Avelino Abrantes, Alvaro Ribeiro, Alfredo Margarido, Carmo Vaz e Fernando Silveira. Extremamente curiosas a primeira e ultima páginas.

os nossos contos

O sr. Paulino — por Artur Estevam

O sr. Paulino é um tipo muito verboso. E o que é mais grave: escreve. E escreve exactamente aquilo que diz. É um escritor extensamente grande. Vejam-no. É alto, gordo, um pouco viscoso. Mas é um homem importante. Aparece nas reuniões publicas, disserta sobre temas vários, noventa por cento dos quais nunca entendeu. Nem nunca entenderá, poderia augurar um mal intencionado e nevrótico magro, cheio de invejas mal contidas. Em suma, a verdadeira, a unica, a realmente profunda razão da existência do nosso amigo Paulino é a necessidade que tem de ser visto. Bem ou mal, de cima ou de baixo, não interessa. O que é preciso é ser visto.

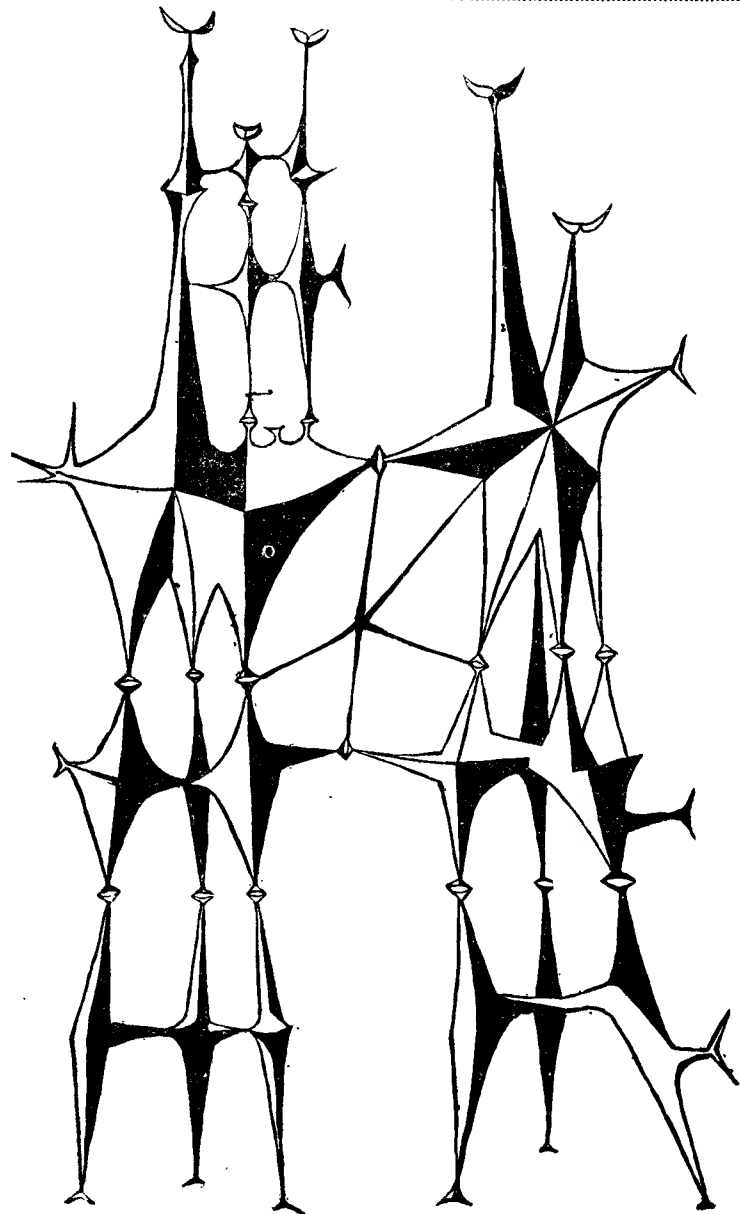
Nesta altura exacta entra o outro personagem. Trata-se evidentemente do amigo magro do sr. gordo. O contraste torna-se necessário. A cena passa-se á mesa de um café e não deve passar daí segundo as previsões do cronista. Apertos de mão, acompanhados de uma leve curvatura de espinha, resolvem a necessidade de um cumprimento cortês. Um criado já conhecedor dos hábitos dos clientes coloca na mesa duas «bicas» e o necessário açucareiro. Estabelece-se um diálogo acerca do estado do tempo e do seu efeito nas colheitas e não passaria daí se por acaso não entrasse no atrás referido café uma figura de mulher um tanto bizarra, que lançou o sobressalto no espírito calmo e pouco habituado a choques emocionais, dos dois amigos. O cronista confessa que também ficou um tanto espantado com a figura, apesar do enorme numero de aberrações que está habituado a ver. Voltando aos dois amigos, verificámos com certa estupefacção que discutiam beleza feminina, a qual dita beleza, parece não os ter alegrado muito na juventude, pelo que verificámos, no decorrer da conversa. A verbosidade de Paulino passa agora a primeiro plano no diálogo estabelecido.

— Oh amigo Paulino, o senhor

como é que consegue saber tantas coisas? O senhor é espantoso, pode falar o tempo que quiser que não aborrece as pessoas. O senhor mostra o saber de uma maneira insinuante.

— Bom, sabe, isto de saber as coisas, de poder falar de artes, é tudo uma questão de boas relações. Os amigos importantes, são estrutural, indefectível, cósmicamente fundamentais para que possamos saber coisas. Aqui para nós é quase um segredo, isto de saber falar, vem de dentro, é «anímico» como dizia, e muito bem, um amigo meu que é jornalista.

A estupefacção do cronista é grande. A par da conversa começámos a elaborar, nós também, a nossa ideia de beleza, o nosso conceito de sucesso. No fim de tudo o princípio era o mesmo. As coisas passavam-se exactamente como tinha dito o sr. Paulino. Aquele era o «seu» sucesso. Era o vulgar sucesso, frequência do «bluff». O cronista, depois das suas reflexões vazias e cheias de «maquillage», resolve observar de novo os dois amigos. O sr. Paulino tinha terminado uma das suas tiradas brilhantes e descansava o cérebro puxando uma fumaça do cigarro. O amigo magro olhava vagamente o fumo que subia. Aqueles dois personagens começavam a ser simpáticos, sinceros, quase, apesar da sua incipiente. A simplicidade daqueles dois indivíduos começa a tocar a veia melodramática do cronista. De repente a «lucidez» acordou. É necessário ser frio. Implacável. Aquilo não se admitia. Felizmente arrependeu-se. Também, nessa altura, os dois amigos levantavam-se para sair. As conclusões a tirar são directas, cortantes. Aquilo que se tinha passado, aquilo que «realmente» se tinha passado, tão simples na aparência, era bem a síntese de muitas situações. O sr. Paulino fez pressentir tantas realidades escondidas, tantas verdades mistificadas, que ele próprio, talvez, nunca venha a conhecer. Afinal, a lição foi para o cronista. Era preciso descolar a máscara.



Jorge Vieira; gravura

ACABA DE SAIR

O 6.º VOLUME DAS OBRAS COMPLETAS DE

M. TEIXEIRA-GOMES

GENTE SINGULAR

NOVELAS ONDE AVULTAM O REALISMO, A GRAÇA E A EXTRAORDINÁRIA ARTE DE NARRADOR DESTA

GRANDE CLASSICO DAS LETRAS CONTEMPORÂNEAS

Tiragem corrente, em papel offset, 35\$00

Tiragem especial, numerada, 70\$00

PRÓXIMO VOLUME, A SAIR EM MAIO: MISCELÂNEA

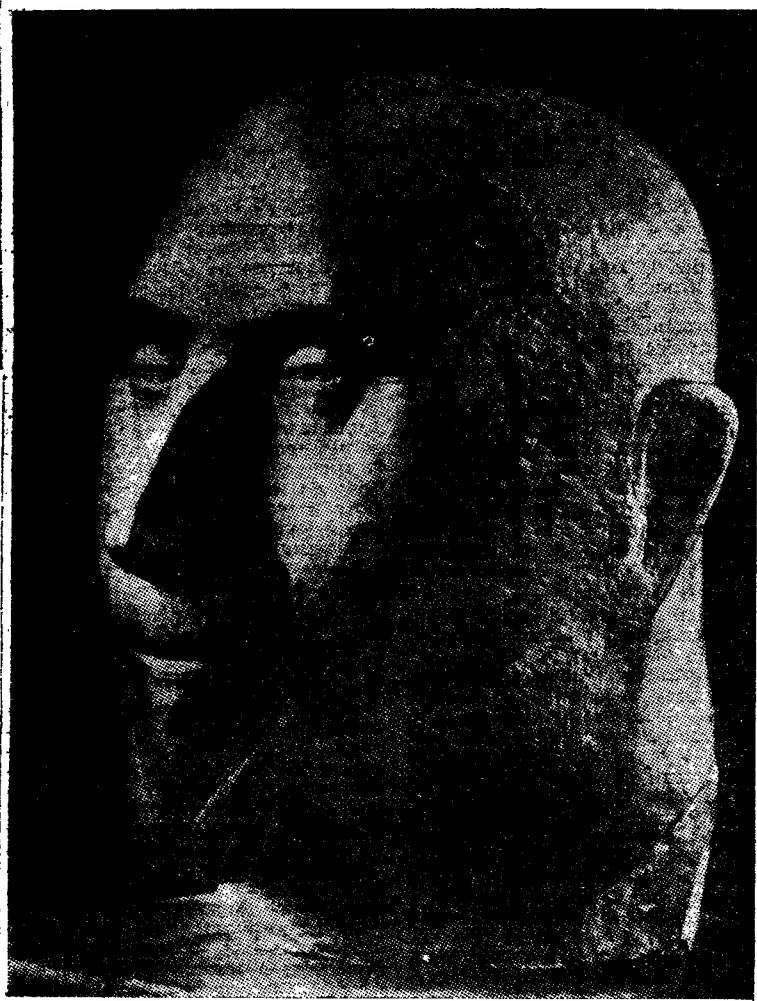
PORTUGALIA EDITORA

SINTRA ESPERA-O

NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os

COMBOIOS ELECTRICOS



Emy Roeder: escultura

A Igreja e a arte contemporânea

(Continuação da página anterior)

segundo o sentimento místico dele próprio.

Este processo foi interrompido, no século XV, por Masaccio, que arranca da construção perspectiva e anatómica da natureza, o que vem a mudar toda a fisionomia da pintura durante os séculos seguintes. Os artistas aproximam-se de novo do mundo exterior. E se o génio dos grandes pintores consegue triunfar dos perigos do naturalismo, a arte decai sucessivamente para a imitação e para o virtuosismo da habilidade manual. E' neste sentido que Maritain observa: «No século XVI, a mentira instala-se na pintura, que se põs a amar a ciência por si mesma e que pretende criar a «ilusão» da natureza e fazer-nos supor que diante de um quadro nós estamos, não diante de um quadro, mas diante da cena ou do assunto que foram objecto da pintura». Ora, no fim do século XIX muda outra vez o rumo da criação artística. Posto que já sem preocupações ao menos directamente religiosas, regressa-se á imaginação transcendente, em prejuízo da natureza sensível. A época moderna assinala, deste modo, um renovo do abstracto sobre o concreto. E Venturi pergunta: «E' uma nova necessidade incoercível de Deus? E' o irracional que bate á porta do nosso coração?» Uma coisa não exclui necessariamente a outra. O irracional pode ser a explosão do subconsciente, e algumas vezes na arte contemporânea o foi de facto, embora apenas episódicamente. Mas também pode ser, e é na maior parte dos grandes artistas de hoje, a afirmação ou o pressentimento de uma ordem superior, que o místico já citou, Thomas Merton, definiu por estas palavras: «Uma experiência verdadeiramente estética é alguma coisa que transcende não apenas a ordem sensível, mas também a da razão. E' uma intuição supra-racional da perfeição latente das coisas. O seu carácter imediato ultrapassa a rapidez do raciocínio e está para além de qualquer análise».

Depois do longo parêntese do naturalismo, é nesta direcção que geralmente se aponta. E eu penso que este é que é o autêntico profetismo dos artistas do nosso tempo — e a sua mais preciosa actualidade. Profetismo que os acredita diante de nós como um grito de protesto contra uma civilização cada vez mais mecanizada, que aprisiona o espírito e o sufoca. Frente a uma civilização assim, eles vêm afirmar-nos o direito «de respirar num mundo irrespirável», na frase de Bazaine. Dizer-nos que as realidades que nos cercam não são mais do que uma máscara.

O «Diário de Lisboa» e o «Sem Fim» vendem-se em CASTEL DE VIDE no Salão Royal.

são simples coisas, são sinais — sinais carregados de uma «significação» ou, se quisermos, de uma «presença» ou, se quisermos ainda, de um «mistério», que palpita por detrás da natureza criada, modelo abstracto, que nasce como obra de arte transformando-se em imagens. Mesmo que isto não seja uma afirmação de Deus (e da parte de muitos não é, como sabemos) é pelo menos a afirmação de que no universo há mil escapatórias para o alto. Claro, este esforço de surpreender as coisas banhadas numa luz que as transcende não pode surtir efeito senão sacrificando, de algum modo, a verdade aparente, de superfície, com que elas se oferecem aos nossos olhos. Mas não chamemos a isto rebelião do homem perante a Criação. E, pelo contrário, a maneira de entrar no interior mesmo dessa Criação.

Dá-se, na descoberta da Beleza, algo de semelhante ao que se verifica na descoberta da Verdade. O pensador não atinge o íntimo conhecimento das coisas, enquanto a inteligência, tomando sim o ponto de partida no concreto, se não afasta dele. Por outras palavras: a inteligência só conhece a realidade pelo fundo, quando primeiro a despoja do que nela é simplesmente fenoménico. Ora, com o artista sucede o mesmo: o que ele, em estrito rigor, se salva. Como Maritain sublinha, Gauguin, afirmando que era necessário «renunciar a fazer o que se vê», formulava, pois, um princípio muito importante, que os contemporâneos puseram em evidência, mas que em verdade os grandes mestres nunca desconheciam.

Este princípio é inevitável que se traduza numa desnudez de formas ou, inclusivamente, numa deformação. Tal desnudez e tal deformação podem ser menos ou mais acentuadas: tudo depende do «emergulho» que o artista lança em direcção ao fundo. Não há, porém, no facto nada de «maldito». A arte tem as suas estações: e a de hoje é a da pobreza, como observa o P. Régamcy. Mas nesta pobreza mora a liberdade do espírito.

E por aqui se vai ao encontro do Evangelho: erguer o mundo ao nível de um sacramento, obrigando-o a falar a linguagem do mistério: ou, como diria Gustavo Corção, «imprimir nas coisas a fosforescência de uma alma» e através dela, fazer pressentir a cintilação da própria divindade.

Por isso afirmo que a arte contemporânea, em algumas das suas principais características, se concilia facilmente com o espírito cristão. Tropismo de alma, que lança no chão suas breves raízes e, crescendo muito alto, abre triunfal, o leque das suas ramadas em plena atmosfera.

Não desdiz, assim, daquilo que os cristãos devem exigir dos templos onde rezam.

FEIRA DAS VAIDADES

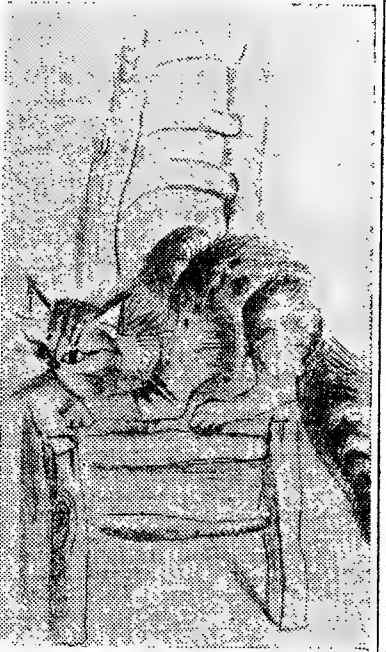
(Continuação da 1.ª página)

gestos, automatizado e rápido. Não está escrita. E' consuetudinária mas mais sólida que o grão. O casulo reage da mesma maneira diante dos mesmos problemas. O casulo anulou o consciente e está a esgravatar para fazer desaparecer o subconsciente. Quer atingir o estado puro, quente e cómodo do instinto. O sucumento, o morno o suave, o fofo, o irresponsável, o imbecil instinto.

O casulo é uma minúscula cidade-estado, orgulhosa e antipática. Mas nem sempre se fecha e se isola. Tem rompanetes de expansionismo. Uma febre de imperialismo lança-o para as mais loucas aventuras. Abre a porta de carvalho chapeada a ferro, desce a ponte levadiça e sai para bater e dominar os outros casulos. Neste universo de chavetas, interminável e assustador como o espelho freudiano do meu barbeiro, cada casulo pretende ser a chaveta maior. A luta é violenta. Emprega-se o «nalpalm», o T. N. P. e o vitriolo. Casulos são sitiados, assaltados e arrasados.

O povo vencido agrega-se imediatamente ao invasor. Muda de estúdio, café, livraria, salão literário, farda, expressão e engrenagem literária. Decora a nova lei, escreve-a toda na cera mole do seu interior. Mas estas campanhas não são vulgarmente rápidas. O hábito imobiliza o casulo e o seu cérebro electrónico sobre meia dúzia de operações. A imobilidade traz as suas desvantagens. A estratégia é sempre a mesma. Não é abalada por intuições geniais. E' livresca, encafuada e estática. O casulo é todo medieval. Desconhece a dúvida, a experiência, a análise. Não teve ainda (nem quer ter) Bacon e Descartes. A guerra do casulo é monótona e pódre. E' uma guerra de trincheiras, muito 14-18, sem cargas de Junot, ou mesmo colossais asneiras de general austríaco. A guerra prolonga-se. Não tem vencedor nem vencido. Dir-se-ia que a derrota é absoluta e que a vitória só é possível num mundo varrido de casulos.

O eclétismo é uma atitude desastrosa e «gauche». O sectarismo está na ordem do dia. Afinal já não é o eclético que sobrevive. O eclético é o inimigo de todo o exterior. O sectário é inimigo de uma determinada parcela de exterior. E o exterior, em bloco, es-



Milly Possoz: pintura

maga-nos. Está numa trincheira. O eclético desaparece na fuzilaria, é extremamente difícil saber quem o abateu e não tem legenda no túmulo. O sectário tem causa, estandarte e funeral. A vassalagem e o serviço de hostes são urgentes. O sectarismo é uma forma de sobreviver. Se nos apanham a hesitar partem-nos os ossos. A hesitação implica consciência, juízo crítico, comparação e nada disso está previsto na lei. Não há dois caminhos. Apressemos-nos a ser satélites.

O parágrafo primeiro da lei do casulo diz respeito ao ódio. Um ódio que se aplica a frio natural, prática, inevitável, desapaixonadamente. Ódio habitual e instintivo. A nossa atitude para com o exterior deve ser o ódio. Odiar sempre, ao princípio e ao fim e também ao meio. Odiar as ideias e também as pessoas. Uma pessoa é perigosa. Sempre tem o mesmo numero de dedos que nós, as mesmas duas orelhas e o mesmo nariz com dois buracos em baixo.

E' quase igual a nós. E se é a

nós que queremos salvar, os nossos dedos, orelhas e nariz que queremos poupar, é possível que tenhamos um laivo de pensamento solidário para com os outros. Isso é fatal. Logo, odiar. E para odiar eficientemente, riscar os outros, rotulá-los, classificá-los, tê-los em ficheiro e por símbolos. Não ver dedos, orelhas e nariz. Ver o rótulo. Ver «abstracto», «figurativo», «surrealista», «neo-realista», «espiritualista», «materialista». Ver ameaça, perigo de morte. Ignorar os pormenores. Passar por cima dos elementos positivos, dos pontos de contacto. Não contactar. Odiar o rótulo «abstracto» e mais todos os abstractos, mesmo aquele que mora por cima de nós, e é simpático, e tem um cão, etc. Tomar o cão como um estratagemma, um contra-ataque. Tomar aquele sorriso como uma manobra, aquele gesto como uma ofensiva de flanco e aquela atitude como uma operação de «comandos». Erguer o muro. Defender o nosso casulo com unhas e dentes.

As afirmações de Domingos Monteiro

(Continuação da 1.ª página)

so, a Literatura portuguesa — que não é inferior a qualquer outra literatura do Mundo, resulta de uma espécie de milagre, um milagre feito de sacrifícios quotidianos, de horas roubadas ao repouso, e sobretudo de sonho, que é ainda a única coisa que justifica a vida. Como sabe, o escritor português tem de ser — salvo raríssimas excepções — tudo, e mais escritor. Não imagine, entretanto, pelo que lhe digo, que sou por um exagerado profissionalismo. Acho até que antes de ser escritor, o homem de Letras deve ter exercido — e esta é também a opinião de Russel — outra profissão. Só isso lhe dará a experiência humana necessária para escrever realmente sobre o que merece ser lido. Eu, por exemplo, fui advogado muitos anos e a essa profissão — que prezo e admiro — devo em parte pelo contacto humano e social a que me forçou, a experiência que me era necessária. Chega, contudo, um momento, em que a qualidade de escritor — para se evitar um estiolante amadorismo — deve superar todas as outras, se ele quiser fazer obra séria e definitiva. Nessa altura seria excelente que se tornasse um escritor profissional. Mas como o que define, mesmo juridicamente, uma profissão, é o facto de ela constituir a principal actividade e ser de ela que advêm os principais rendimentos, essa hora chega raramente para os escritores portugueses, ou melhor, só chega para raros escritores. E o pior ainda — já que estamos em matéria de desabafo melancólico — é que sendo a Literatura a justificação da nacionalidade (dado que um país sem Literatura própria, não existe) é que o escritor português, não ser a título póstumo, nunca gozou da protecção nem da consideração oficiais.

— Crê que a nossa Literatura atravessa um momento excepcional de produção?

— Não só o creio como estou convencido de que sob certos aspectos, particularmente o da novelística (refiro-me especificamente aos escritores de contos e novelas) a nossa Literatura é hoje uma das primeiras, se não a primeira Literatura do Mundo. De facto, em nenhuma de elas, vejo um conjunto tão numeroso, e ao mesmo tempo tão especialmente qualificado para esse género de Literatura, como em Por-

tugal. E se alguém tomar isto á conta de desvairado nacionalismo, que me chame a terreiro, que eu apontarei as provas e os nomes. Também em poesia, a nossa Literatura atravessa um dos seus momentos mais altos, isto sem falar na «surpresa» da Literatura feminina que se manifesta com uma força e uma pujança extraordinárias.

— Qual é a situação do Teatro português e dos autores dramáticos?

— O problema do Teatro português é um problema sui-generis e, de certa maneira, paradoxal. Ao contrário do que se diz, em Portugal há todas as condições para haver um bom teatro: autores que o escrevem (e muitos deles particularmente dotados) artistas de grande mérito para o representar, e até, por estranho que pareça, publico ainda numeroso para encher as plateias. Mas não obstante tudo isso, a actividade teatral — descontadas as revistas de fundo eroto-sexual — é quase inexistente. Porquê? Em primeiro lugar, os teatros portugueses estão quase todos desactualizados e os poucos que existem não têm a lotação necessária para se estabelecerem preços acessíveis, isto é, de acordo com o nível de vida da maior parte da população portuguesa. E isto sem falar na desconfiança dos empresários (embora nem todos) que têm como divisa certa que (santos de casa não fazem milagres) e que preferem levar traduções, que venham de fora com a reputação já feita, para evitar despesas de propaganda... E' tudo isto que explica que uma peça excepcional como a «Sabina Freire» de Teixeira Gomes, nunca tenha sido representada, e que Raul Brandão, o nosso genial escritor, nunca tivesse tido a alegria de ver em cena «O Gebo e a Sombra» que só vinte anos depois da sua morte conheceu a luz da ribalta.

— O facto de numerosas editoriais serem dirigidas por escritores alterou sensivelmente a situação?

— Teve, pelo menos, o mérito de adoçar, em parte, a dissensão entre duas classes que se diziam opostas, e esse já não é pequeno. Ao mesmo tempo possibilitou — por melhor compreensão do drama do escritor que começa — as revelações de certos nomes que ficariam para sempre desconhecidos. Devo dizer-lhe — e perdoe-me a vaidade — que tenho a satisfação de ter contribuído largamente para isso.

— Quais os seus planos literários?

— Eu, a bem dizer, não tenho planos literários. A criação literária é em mim uma imposição interior que não depende da minha vontade. Entretanto: é minha intenção publicar em breve um livro de novelas «Histórias deste Mundo e do Outro». Trabalho também, há muito, noutro livro de novelas «As Criações», que fala delas mas que não é propriamente para elas, e que elas até não devem ler... Posso dizer-lhe além disso, que penso num romance «O palácio sem espelhos» em que procurarei dar a cegueira dos homens embalsamados pelo ritmo de uma existência fictícia, e num livro de crítica ao nosso meio psico-social, que se intitulará «O rei vai nu...». Mas isto não chega bem a ser um plano. E' apenas uma aspiração sem carácter determinativo.

SEARA NOVA

■ Economia ■ Sociologia ■ Política ■ Letras
■ Teatro ■ Cinema ■ Música ■ Crítica

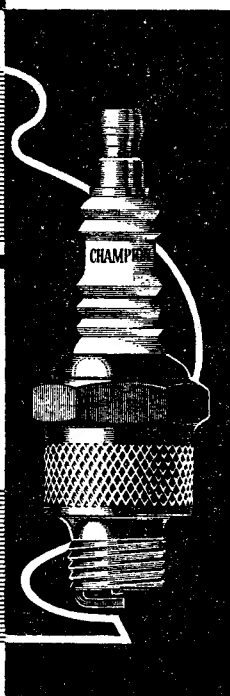
A mais antiga revista cultural portuguesa

ACABA DE SAIR A 2.ª EDIÇÃO DO NÚMERO 1359 — (JANEIRO 1959)

6 números — 25\$00
Assinaturas: 12 números — 50\$00

RENOVADA

R. LUCIANO CORDEIRO N.º 103 — LISBOA

CHAMPION**economia**

CC4A

**Economize até 10%
com as velas Champion
de ignição total**

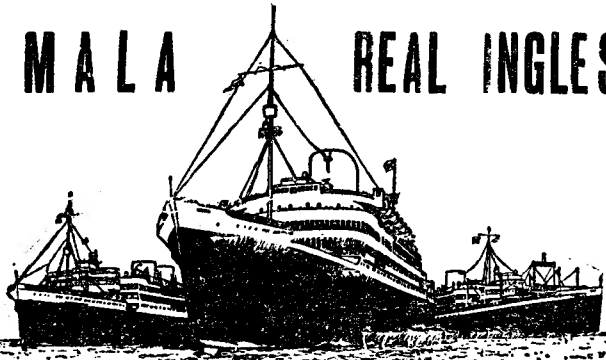
C. SANTOS LDA.**Lisboa • Porto • Coimbra • Braga • Olhão****GIRA-DISCOS**
(Chassis)**390\$00**

Alemão. 4 velocidades
o melhor do mercado
Consulte a

DISCOTECA DO CARMO, LDA.
Rua do Carmo, 63 - LISBOA

DINHEIRO
SOBRE AUTOMÓVEIS

Emprestamos a juro inferior ao da
Lei e nas melhores condições. Rápi-
dez na transacção e sigilo absoluto.
«A LUZAFRICA» - Calçada do
Carmo, 6, 2.º (Esquina do Rossio) -
Telefones 24521 e 308080.

MALA REAL INGLESA**PRÓXIMAS SAÍDAS DE LISBOA PARA:**

**RIO DE JANEIRO, SANTOS, MONTEVIDEU
e BUENOS AIRES (Via LAS PALMAS)**

(B) «Highland Monarch»	—	Março 18
(B) «Highland Brigade»	—	Abril 7
(B) «Highland Princess»	—	Abril 29
(A) «Drina»	—	Malo 18

Para INGLATERRA

(A) «Drina»	— Para Londres	— Março 16
(B) «Highland Princess»	— Para Londres	— Abril 6
(A) «Andes»	— Para Southampton	— Abril 12
(B) «Highland Monarch»	— Para Londres	— Malo 9

AGENTES EM LISBOA

(A) JAMES RAWES & CO. LTD. R. Bernardino Costa, 47 Tel. 23232 e 35331 (5 linhas)	(B) E. PINTO BASTO & C.ª LDA. Av. 24 de Julho, 1-1. Tel.: 31581 (7 linhas)
--	--

Policlínica do Rossio

L. D. João da Camara, 19, 2.º, Esq.
Telef. 20660

Dr. Almada e Melo — crianças — 2.º, 3.º, 5.º e 6.º — 17 h.
Dr. Anacleto Miranda — Olhos — 2.º, 4.º, 5.º e 6.º — 15.30 h.
Dr. Arnaldo Rodo — Ortopedia (Ossos e Articulações) — 3.º e 6.º — 15 h.
Dr. Cordeiro Lobato — Gar., Nar. e Ouv. — 14 h.
Dr. Ferreira Malaquias — Estom., Intest., Fígado — Doenç. Ano-rectais, Hemorroidas — 2.º, 4.º e 6.º — 19 h.
Dr. Fontoura Madureira — Rins e v. uri. — 16 h.
Dr. Joaquim Lobo — Doenç. Reumáticas — 2.º, 4.º e 6.º — 15 h.
Dr. Jorge Falcão — Pele e Sifilis — 15.30 h.
Dr. Luis Abecasis — Coração-electrocardiografia — 3.º, 5.º e Sáb. — 14 h.
Dr. Luis Leite — Senhoras — Partos — 17 h.
Dr. Marques da Gama — Clín. Médica — 2.º, 4.º e 6.º — 18.30 h.
Dr. J. Mira Mendes — Clínica Geral — Doenç. Pulmonares — 14 h.
Dr. Neto Rebelo — Clín. cirur. — Ope- rações — 16 h.
Dr. Pereira de Pina — Boca e dentes — 17 h.
Dr. Rosário Dias — Clín. Méd. (Doenç. Endocr. e Nutrição) — 2.º e 6.º — 15 h.
Dr. Gentil Branco — Raios X
Dr. Reis Valle — Análises Clínicas.

**EM LUGAR**

de comp. ar. já feitas as tintas de água (plásti- cas) de que ne- cessite, para in- terior ou exte- rior, com re- «DEKOROL» e prepare-as a seu gosto. Economi- zará pelo menos 50 %
Informa o representante exclu- sivo R. QUEIROZ — Rua Rodri- gues Sampaio, 55. 1.º — LISBOA — Telefone 50036

SOFAS-CAMAS

Modelo registado, contem colchão de arame, colchão e almofadas de sumama e fecha com a cama feita, temos prontos de pessoa e para ca- sal. Av. Marquês Tomar, 59 — T. 770735 e R. Cavaleiro Oliveira, 36-A. — T. 51028.

SE NÃO TEM MÁQUINA DE CALCULAR
Utilize a...
**TABELA DE
CÁLCULO**
DE CAMPOS BEIRÃO
Nas livrarias e no distribuidor: Ag. Tip. Castelo, Lda.
R. Teixeira de Pascoais, 11-A - LISBOA - ESC. 40.00

**COMPANHIA DOS CAMI-
NHOS DE FERRO PORTU-
GUESES**

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada,

AVISO

Concurso para a adjudicação da explo-
ração da Cantina da estação de Abrantes

CONDIÇÕES

1.º — Até às 16 horas do dia 31 de Março de 1959 esta Companhia aceita propostas para a exploração da citada Cantina, pelo período de cinco anos, prorrogável sucessivamente por perío- dos de um ano.

A base de licitação é de 2 000\$00 por ano. A cobrança da importância anual da adjudicação será feita, adian- tadamente, por trimestres.

2.º — Não se aceitam propostas subs- critas por mais de um indivíduo ou por mais de uma firma.

3.º — Os concorrentes efectuarão em qualquer estação desta Companhia o depósito de 200\$00.

Não será restituído o depósito do concorrente a quem for feita a adjudica- ção e que dela desista.

4.º — Todas as propostas serão feitas em carta fechada dirigida ao Servi- ço Comercial e do Tráfego da Compa- nhia dos Caminhos de Ferro Portugue- ses, Largo dos Caminhos de Ferro, em Lisboa, acrescentando-se àquele ende- reço, no invólucro, o seguinte:
«Proposta para a exploração da Cantina da estação de ABRANTES»

5.º — Serão consideradas nulas as propostas que não tenham em conta as condições anteriores e que não indica- rem expressamente a importância ofe- recida à Companhia pela concessão du- rante cada ano.

6.º — A Companhia reserva-se o di- reito de proceder a licitação verbal en- tre todos ou apenas entre alguns dos concorrentes.

7.º — A Companhia reserva-se, tam- bém, o direito de rejeitar todas as pro- postas, se assim o julgar conveniente.

8.º — A adjudicação será feita a quem maiores garantias der à Compa- nhia, independentemente da anuidade oferecida.

Para este efeito, a Companhia re- serve-se o direito de exigir dos concor- rentes a comprovação da sua idoneida- de para gerir e manter a exploração em concurso, quer mediante a apresen- tação de documentos, quer por qualquer outra forma que a Companhia julgue conveniente.

9.º — A adjudicação dará lugar ao estabelecimento de um contrato entre a Companhia e o concessionário, em conformidade com a minuta que os in- teressados poderão consultar na estação de ABRANTES ou no Serviço Comer- cial e do Tráfego da Companhia, em Lisboa (Largo dos Caminhos de Ferro).
Lisboa, 3 de Março de 1959.

O CHEFE DO SERVIÇO COMERCIAL
E DO TRÁFEGO

Carlos de Albuquerque

Não perca a oportunidade de passar as
Férias da Páscoa em Paris

29 de Março a 10 de Abril

PREÇO ... Esc. 4.500\$00

Especialmente organizada para os Estudantes Universitários e suas Famílias

Com a amável colaboração de
Direction Generale du Tourisme Français
Office du Tourisme Universitaire et Scolaire
e aprovado pelo S. N. I.

Inscrições até ao dia 15 de Março na

Sociedade Comercial, Orey, Antunes & C.ª Ld.ª

Praça Duque da Terceira n.º 4

Telf. 22272

Lisboa

Telegm. Antunita

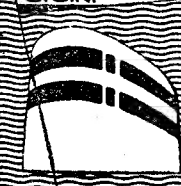
Centro de Medicina Dentária

Assistência exclusivamente médica
PREÇOS DE POLICLINICA

Consultas permanentes das 9 às 21 horas

C. Bento da Rocha Cabral, 1 (Ao Rato) — Tel. 68 41 91

G.C.N.

**COMPANHIA COLONIAL DE NAVEGAÇÃO****PARTIDAS****DESTINOS****LINHA DE ÁFRICA****«BENGUELA»**

13 de Março

«IMPÉRIO»

25 de Março

«UIGE»

27 de Março

«GANDA»

2 de Abril

«PATRIA»

27 de Abril

Com escala por Leixões, para: S. Tomé (se necessário), Luanda, Lo- bito, Moçamedes, Lourenço Marques, Beira, Moçambique, Nacala e Porto Amélia.

Com escala por Funchal, para: S. Tomé, Luanda, Lobito, Moçamedes, Cape-Town, Lourenço Marques, Beira, Moçambique e Nacala. Carrega em Lisboa de 20 a 22 de Março.

Para: Luanda, Lobito e Moçamedes. Carrega em Lisboa de 23 a 25 de Março.

Com escala por Leixões, para: Cabinda, Sazaire, Luanda, Porto Am- boim, Novo Redondo, Lobito e Moçamedes. Carrega em Lisboa até 31 de Março.

Com escala por Funchal, para: S. Tomé, Luanda, Lobito, Moçamedes, Cape-Town, Lourenço Marques, Beira, Moçambique e Nacala (se necessá- rio). Carrega em Lisboa de 22 a 24 de Abril.

LINHA DA AMÉRICA DO SUL**«VERA CRUZ»**

3 de Abril
(às 12 horas)

Com escala por Funchal, para: S. Vicente, Recife, Salvador, Rio de Janeiro e Santos.

LINHA DA AMÉRICA CENTRAL**«SANTA MARIA»**

14 de Março
18 de Abril
(às 16 horas)

Com escala por Vigo e Funchal, para: Tenerife, La Guaira, Curaçao, Havana e Porto Everglades (Miami).

Chama-se a atenção dos srs. passageiros para o que está regulamentado sobre o transporte de bagagens

LISBOA: Rua de S. Julião, 63—Telefs. 30131/8—**PORTO:** Rua Infante D. Henrique, 9—Telf. 23342

DESPORTOS

O Benfica não concorda com a data escolhida para o jogo com o Belenenses

A F. P. F., na sua reunião de ontem, resolveu marcar a repetição do jogo Belenenses-Benfica para o próximo dia 19, às 15 horas, no Estádio do Restelo, isto é, a meio da semana.

Segundo informações que colhemos, esta manhã, a direcção do Benfica vai reunir-se ao fim da tarde, em regime extraordinário, para assentar na atitude que as circunstâncias aconselham, visto que a data designada obriga os jogadores «encarnados» a despendem um extraordinário esforço em oito dias. Com efeito, após o encontro com o Sporting, seguir-se-á o do Restelo e depois o último do campeonato, com a C. U. F.

A direcção do Benfica não concorda com a decisão da F. P. F. e, pelo que sabemos, está disposta a defender, com energia, os seus interesses.

O Portugal-Holanda, entre seleções militares, está previsto para Braga

Realizou-se ontem o primeiro treino da selecção militar de futebol, sob a direcção de Candido Tavares, com vista aos encontros com a Grécia e Holanda. Em princípio, está previsto que o jogo com os Holandeses se realize, em Braga, no dia 19 de Abril.

O Benfica não se desloca a Angola

LUANDA, 12 — O Sport Lisboa e Benfica não se desloca a Angola — informa o jornal «O Comércio», desta cidade, que acrescenta ter obtido esta informação junto de fontes seguras.

O clube lisboeta — segundo fora noticiado anteriormente — deveria deslocar-se a esta Província, ao Congo Belga, à África do Sul e a Moçambique, depois de terminada a Taça de Portugal. — (A. N. I.).

Nova reunião do Conselho Geral do Sporting

Na próxima semana, o Conselho Geral do Sporting, volta a reunir-se a fim de apreciar assuntos de grande interesse para a vida da colectividade, entre os quais figuram a situação económica-financeira e a mudança de treinador.

Os jogadores do Atlético vão receber as faixas de campeões

Um dedicado grupo de sócios do Atlético resolveu distinguir os jogadores do clube que conquistaram o Campeonato Nacional da 2.ª Divisão. Assim, no próximo domingo, por ocasião do encontro com o Sa-

cavenense, a contar para a Taça de Portugal, serão entregues aos Alcantarenses as simbólicas faixas de campeões. O clube receberá, por sua vez, duas valiosas taças, uma delas instituída pelo «Mundo Desportivo», e que se designa «Disciplina». Germano, capitão do Atlético, procederá à entrega da taça do campeonato à direcção da colectividade alcantarense.

Mudança de treinador no Marítimo, do Funchal

FUNCHAL, 12 — Foi substituído por João Correia (Calinhos), no cargo de treinador do Marítimo, o técnico Cabalero Diaz.

Anuncia-se, por outro lado, que Raul Tremura volta a ingressar naquele clube e que a ideia da deslocação da equipa à Venezuela, nomeadamente aos centros venezuelanos com maior percentagem de colonos madeirenses, começa a ganhar terreno. — (A. N. I.).

Admissão de sócios no Sporting

As propostas para novos associados, que forem entregues no Sporting até ao dia 25 do corrente, estão isentas do pagamento de joia.

O «SUL-AMERICANO» DE FUTEBOL

A selecção da Argentina que venceu a Bolívia (2-0) foi assobiada pelo público

BUENOS AIRES, 12. — Perante mais de setenta mil espectadores, a Argentina derrotou a Bolívia, por 2-0, para a disputa do Campeonato Sul-Americano de Futebol. Ao intervalo, os argentinos venciam por 1-0. O resultado não satisfaz, porém, o público que no final do encontro aplaudiu os Bolivianos e assobiou os jogadores argentinos.

Os grupos formaram: ARGENTINA — Negri; Cardoso, Murua e Simeone; Cap e Veracka; Corbalta, Pizzutti, Manfredini, Calla e Belén.

BOLÍVIA — Lopes; Santos, Burgos e Claire; Camacho e Martinez; Sanchez, Alcoger, Mena, Raul Lopes e Aguirre.

Arbitrou o paraguaio Alberto Tejada, que realizou um bom trabalho.

O jogo iniciou-se com os argentinos lançados deliberadamente ao ataque. Logo, aos dois minutos, Calla passa a Corbalta, que sem deixar a bola bater no chão remata forte, fazendo o primeiro tento. Os argentinos tiveram depois um período de longo domínio, mas o sistema de marcação cerrada adoptado pelos Bolivianos frustrou as tentativas dos locais para aumentar a vantagem. O final da primeira parte chegou com a Argentina a vencer por 1-0.

No segundo tempo, Lombardo entrou para o lugar de Simeone, na equipa da Argentina, que passou a jogar com mais acerto. Aos quinze minutos, registaram-se modificações na equipa boliviana. Aramayo substitui Sanchez e Ugarte entra a jogar em lugar de Alcoger. Os argentinos atacam agora mais e, aos trinta e três minutos, Calla, recebendo uma passagem de Manfredini, marca com um esplêndido remate de cabeça o segundo tento. Dois minutos depois, o argentino Guonzatti entra para o lugar de Pizzutti. Aos quarenta minutos Garcia substitui Mena na equipa da Bolívia. Com os Bolivianos ao ataque, terminou o encontro.

Os argentinos, que se estrearam brilhantemente no torneio batendo o Chile por longa margem, falharam a noite passada perante o modesto conjunto da Bolívia, que conseguiu conter a equipa local à base de grande entusiasmo e de uma marcação cerrada, demonstrando grande poder físico, que lhes permitiu aguentar os noventa minutos,

7.500 contos oferecidos a Ray Robinson para derrotar Scholz

NOVA YORK, 12 — O pugilista Ray Robinson declarou, a noite passada, encontrar-se ainda interessado na possibilidade de pôr em jogo o título mundial da categoria dos «médios», que detém, contra o alemão Gustav Scholz, campeão da Europa.

«Presentemente, encontro-me em negociações com Archie Moore para a disputa do título mundial dos «meio-pesados», este Verão — afirmou Robinson aos jornalistas, dizendo: «Contudo, se não chegarmos a acordo — ou se o combate se efectuar e eu perder — defenderei então o meu próprio título contra Scholz».

O pugilista acrescentou, por último, que recebera uma garantia de 250.000 dólares (cerca de 7.500 contos) de um promotor alemão, cujo nome não revelou, para derrotar Scholz.

O «manager» de «Sugar» Robinson, Gaimford, encontra-se já na Alemanha, procurando ultimamente os preparativos do combate. — (A. N. I.).



Uma figura popular dentro de um automóvel não pode ser senão a de Stirling Moss, famoso campeão inglês. Mas a elegância do famoso volante sai da vulgaridade. É que Stirling Moss foi recebido pela rainha Isabel que lhe fez a entrega da Ordem do Império Britânico, condecoração que distingue particularmente os méritos do notável desportista que, segundo declarou à sua soberana, correrá este ano num carro de construção inglesa. O sorriso de Moss é de satisfação e de confiança.

Casos e figuras do desporto mundial

Já aqui falámos dos «culturistas» dos concursos de beleza que não praticam qualquer desporto e que passam o tempo a desenvolver, exageradamente, certos músculos, sem se interessarem, absolutamente nada, pelos exercícios que fortificam o coração e os pulmões ou que dão agilidade e destreza.

Pois, agora, vem o dr. Laurence Morehouse, director do Laboratório de Desenvolvimento Humano da Universidade de Los Angeles declarar, peremptoriamente, que «a musculatura muito desenvolvida pode ser um empecilho tão prejudicial ao organismo como a obesidade». E aquele cientista apresenta um caso significativo:

«Todos nós já vimos Apolos que não podem lavar as costas nem vestir uma camisola sem auxílio de alguém. Ora, essa dificuldade resulta do facto de os seus músculos não poderem funcionar dentro de uma órbita limitada. Em resumo: o orgulhoso possuidor de músculos invulgarmente desenvolvidos pode comparar-se a um homem que veste um sobretudo pesado, forrado com costeletas de porcos».

Curiosa — e lógica — analogia esta, porquanto, na verdade, a musculatura excessiva impede a sincronização de certos movimentos.

tos e provoca a perda da elasticidade, dando origem à «paralisia muscular».

Os músculos excessivamente desenvolvidos acabam por constituir um fardo, pela energia que é necessário despendem para fazer movê-los. Por outro lado, o coração fica sobrecarregado com a actividade circulatória intensificada pelos muitos quilómetros de vasos capilares que apareceram no organismo para ajudarem a alimentar aqueles músculos em acção.

E o dr. Morehouse apresenta um exemplo muito elucidativo:

«Qualquer amante de boxe, esportista, pode derrubar Popeye, o famoso marinheiro de braços superdesenvolvidos. Para isso, bastaria que procurasse alvejar-lhe a cabeça, o que o obrigaria a por-se constantemente em guarda, com os braços erguidos. Nessa posição, o peso dos famosos antebraços do herói dos desenhos animados obrigá-lo-ia a afrouxar a defesa, deixando cair os membros».

Este depoimento autorizado vem, uma vez mais, trazer à evidência todo o ridículo dessas manifestações culturistas que nada têm que ver com o verdadeiro desporto.

Todos os atletas estão sujeitos a oscilações de forma, muitas vezes sem motivo aparente. Mesmo os mais regulares não conseguem evitar esse fenómeno. E não raras vezes a própria medicina se mostra impotente para encontrar a causa de determinado abaixamento físico que influi, sensivelmente, como é lógico, no rendimento de um atleta, pertença ele ao futebol ou a qualquer outra modalidade.

Para não irmos mais longe, temos o caso flagrante de Jaburu, que tem feito correr caudais de tinta, mormente no país vizinho. Mas o caso mais sensacional dos últimos tempos, registado no Velho Continente, diz respeito a Just Fontaine, o magnífico dianteiro do Reims que, no último Campeonato Mundial, disputado na Suécia, se

(Continua na página seguinte)

HÓQUEI EM PATINS

Tudo se conjuga para que os Moçambicanos estejam presentes em Montreux

Escrever direito por linhas tortas é o que pode dizer-se com a chamada dos campeões mundiais de Lourenço Marques para o torneio internacional de hóquei em patins, a realizar em Montreux, dentro de duas semanas, para disputa da taça «Lusitania».

Pertencemos ao numero dos que entendem dever a representação nacional ser entregue aos seus melhores atletas logo que, claro está, as competições não sejam destinadas a reservas.

E, no hóquei patinado, modalidade na qual as nossas responsabilidades de representação são de particular monta, dada a posição de campeões do Mundo que nela ocupamos, o critério não pode ser outro.

os melhores portugueses no hóquei patinado, mesmo que a sua «forma» actual não seja a mais apurada, tinham o seu lugar conquistado, por direito próprio, no «cinco» das quinzenas.

São, pois, bem-vindos os nossos campeões moçambicanos, e apenas lamentamos que a deslocação de Velasco seja problemática, embora o motivo disso seja o do seu casamento, marcado para o dia 23 deste mês.

Com os ultramarinos seguirão para Montreux Valente, Vaz Guedes, Urgeiro, Virgílio e Rui Faria. E Edgar, outro campeão do Mundo? desconhecemos neste momento, o que se pensa sobre a inclusão do «capitão» da equipa nacional. Todavia, temos a certeza de que o assunto não deixará de ser atentamente ponderado.

Os homens do Norte, que estavam a seguir metódico plano de preparação, devem realizar uma digressão por Espanha.

Logo que termine o Torneio de Montreux, a selecção nacional jogará em Bordeaux, contra a França. — J. G.



Filtro especial, proporcionando maior poder de filtração, aroma mais intenso e aspiração mais fácil

4 venda nas boas tabacarias

BELENENSES

EM ÉVORA

DOMINGO, 15 DE MARÇO
PARTIDA AS 7 HORAS
REGRESSO AS 18 HORAS
PREÇO 55\$00

Programas e informações na
AGENCIA DE VIAGENS

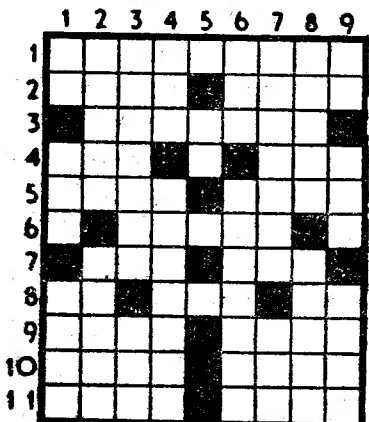
RODARTE

R. da Palma, 159-A—T. 861214
L I S B O A

Palavras cruzadas

(COM PROVERBIO)

Problema n.º 1532



HORIZONTAIS: 1 — Fazer com precipitação e mal. 2 — Montão. 3 — Pessoa alguma. 4 — Também não. 5 — Tomba. 6 — Feche com rolha. 7 — Nome de diversos reis lendários da Dinamarca. 8 — Siga. 9 — Lugar em que. 10 — Amarelo. 11 — Soberano. 12 — Rezar.

VERTICAIS: 1 — Atmosfera. 2 — Caminho subterrâneo. 3 — Grande poeta italiano. 4 — Acarinhado. 5 — Abreviatura da unidade de peso. 6 — Tempo de verbo ser. 7 — Nave. 8 — Convocação. 9 — Abrigo para crianças pobres. 10 — Grande quantidade. 11 — Equipa. 12 — Acomete. 13 — Nota musical. 14 — Maquieta natural. 15 — Profeta senegalês que se suicidou em Massina.

Resolva completamente este problema?

Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

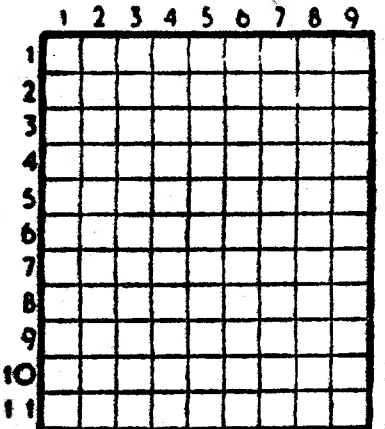
Solução do problema n.º 1531

HORIZONTAIS: 1 — Apalpadar. 2 — Cala. 3 — Roca. 4 — PARECER. 5 — SEM. 6 — SER. 7 — Eles. 8 — Ossa. 9 — Fiar. 10 — Asco. 11 — Apre. 12 — Roer. 13 — Sãos. 14 — Aura.

VERTICAIS: 1 — AC. 2 — SEM. 3 — Afãs. 4 — Papel. 5 — Tripa. 6 — Alameda. 7 — Lar. 8 — Lares. 9 — Em. 10 — Arc. 11 — Arara. 12 — Doesses. 13 — Sou. 14 — Acres. 15 — TECER. 16 — Sá. 17 — Rás. 18 — Mora. 19 — Provérbio: PARECER SEM SER E FIAR SEM TECER.

(NOVA MODALIDADE)

Problema n.º 3603



HORIZONTAIS: 1 — Opera de Bellini. 2 — Vila e concelho do distrito de Aveiro. 3 — Limparia metais. 4 — Gracejar. 5 — Viscera. 6 — Gastar. 7 — Figura que simboliza o povo americano. 8 — Nome de mulher. 9 — Entre nós. 10 — Comparecias. 11 — Senhor. 12 — Igar. 13 — Rio que banha França, Bélgica e Holanda. 14 — Estaque a vinha. 15 — Pronome pessoal (pl.). 16 — Amotins. 17 — Rio de França.

VERTICAIS: 1 — Livro de versos de António Nobre. 2 — Artéria. 3 — Tomam. 4 — Da forma de um ovo (pl.). 5 — Livro da Bíblia atribuído a David. 6 — Contar. 7 — Bolo de farinha de arroz e azeite de coco usado na Ásia. 8 — Decametro quadrado. 9 — Apelido. 10 — Artigo definido. 11 — Botequim. 12 — Chegassem. 13 — Ligariam. 14 — Cincho. 15 — Sinceros. 16 — francos, honestos. 17 — Burras. 18 — O mais. 19 — Porém. 20 — Rente.

Solução do problema n.º 3602

HORIZONTAIS: 1 — Falpória. 2 — Arras. 3 — If. 4 — Eon. 5 — Pó. 6 — Rias. 7 — Aia. 8 — Aas. 9 — Iam. 10 — Singrar. 11 — Aias. 12 — Rá. 13 — Vai. 14 — Al. 15 — Adie. 16 — Zero. 17 — Caber. 18 — Abas. 19 — Sãos.

VERTICAIS: 1 — Feira. 2 — Arada. 3 — Fios. 4 — Ad. 5 — Lá. 6 — Ásia. 7 — Iça. 8 — Prés. 9 — Niveas. 10 — Oro. 11 — Grã. 12 — Ra. 13 — Raizes. 14 — Rs. 15 — Rias. 16 — Era. 17 — R. 18 — Atoam. 19 — Alôes. 20 — Piar. 21 — Ar. 22 — Atoam. 23 — Alôes.

DESPORTOS

MOSAICO INTERNACIOINAL

Durante uma conferência de Imprensa, o sr. João Havellange, presidente da Confederação Brasileira de Desportos, fez curiosas afirmações, as quais vale a pena reproduzir:

Entre outras coisas, disse: «O desporto, no Brasil, caminha sobre ouro. Depois da vitória dos nossos jogadores na Suécia, os salários aumentaram de 30 por cento. Os jogadores, por um desafio amigável, sem importância, recebem 8 a 10.000 cruzeiros e os prémios do campeonato subiram de 10 para 15.000 cruzeiros. Os campeões do Mundo de basquetebol são já milionários... mas os nossos cofres estão vazios. O campeonato sul-americano de futebol custar-nos-á 3 milhões de cruzeiros e, na próxima época, estaremos condenados a ficar no Brasil em vez de irmos tomar ar ao estrangeiro...»

Esta situação era de prever. O Brasil tinha de pagar os juros dos seus sensacionais êxitos.

O caso dos concursos de prognósticos em França continua sem solução, embora aumente constantemente a corrente favorável. O Estado já mandou proceder a inquéritos morais nos países onde os concursos funcionam e a conclusão foi a de que tais concursos em nada afectavam os bons princípios. No entanto, tarda a decisão. Entretanto, por todo o país os órgãos administrativos mostram-se partidários dos concursos. Recentemente, o município de Nancy votou a sua adesão, como único remédio possível para solucionar a grave crise de instalações desportivas.

Casos e figuras do desporto mundial
(Continuação da página anterior)

creditou como o «melhor marcador». E o seu nome, já famoso, passou a enfileirar ao lado dos «Vavás» e «Pelés», correndo, rapidamente, o Mundo. A tal ponto, que passou a ser alvo da cobiça por parte dos grandes potentados do futebol. O Desportivo Espanhol, de Barcelona, por exemplo, estava disposto a dar a bonita soma de 200.000 dólares pela sua ficha, o mesmo acontecendo com alguns clubes sul-americanos. Todavia, o seu clube não quis que Fontaine seguisse o mesmo caminho que Kopa.

Foi, então, que se operou o fenómeno que pôs em constante sobressalto os adeptos do Reims. Fontaine, que desde 1958, era a «coqueluche» do futebol francês, passou a ser uma figura apagada e a não corresponder às exigências da equipa. Mas apagada, no que diz respeito a «jogo jogado», visto que a sua popularidade aumentou com o aparecimento dessa doença inexplicável que trazia médicos, clube, crítica e público verdadeiramente intrigados. A correspondência, que normalmente recebia, multiplicou-se, os repórteres da Rádio e da Imprensa perseguiam-no por toda a parte e nem a Televisão francesa perdia um dos seus movimentos.

Entretanto, o Reims desceu na tabela da classificação do Campeonato francês, porque Fontaine jogava mal e, o que é pior, não marcava golos.

Até que chegou a altura do Reims defrontar, na Bélgica, o Standard de Liège, num encontro a contar para os quartos-de-final da Taça dos Campeões Europeus.

Fontaine não jogou e os Franceses perderam por 2-0. Novamente, os médicos entraram em acção no intuito de localizar e curar a maldade que, na expressão do próprio jogador, «o impedia de jogar com eficácia e alegria». Entretanto, o presidente do clube assegurou-lhe novo e fabuloso contrato.

Tudo isto se passou no espaço de uma semana. Atendendo às lamentações gerais, fez-se voltar Fontaine à equipa, no jogo da 2.ª mão com o Liège. E a verdade é que a sua alegria e o seu entusiasmo voltaram a estar presentes, tornando possível o triunfo do Reims por 3-0, com dois golos de Vincent e um do nosso herói, e, consequentemente, a sua qualificação para as meias-finais.

Caso curioso este, em que o presidente de um clube consegue diagnosticar o verdadeiro mal que nenhum médico conseguia encontrar, apesar da sua experiência e do seu saber. — F. F. G.

Em Nápoles, está em construção um gigantesco estádio, prevendo-se a conclusão das obras para Janeiro do próximo ano. A inauguração realizar-se-á com o desafio internacional Itália-Suiza, já marcado para 9 daquele mês. Os Napolitanos pagam, com este novo estádio, o seu tributo ao futebol, que os apaixonou como a todos os outros Italianos. Quando se joga a bola em Nápoles, não há «lazzaroni»...

Os lamentáveis incidentes verificados no decurso do desafio Wiener-Real Madrid, disputado no Prater, criaram um ambiente de perigo para a Taça dos Campeões Europeus. A crítica neutra exige que sejam tomadas severas medidas para se evitarem os casos vistos no estádio de Viena e alguns dirigentes lembram a possibilidade de encontros em campos neutros, sugestão que, todavia, não parece obter acordo. Diz-se que tal providência representaria uma quebra de prestígio da U. E. F. A.

Kopa declarou, em Madrid, que se considera «preso» ao Real Madrid até 1960, pretendendo, deste modo, pôr cobro aos boatos que o davam como prestes a abandonar o grande clube espanhol e ingressar no Stade Français, de Paris. Entretanto, o sr. Pouchés, presidente do clube francês, afirmou que não há qualquer contrato com Kopa, mas que no caso de subida à 1.ª Divisão fará todos os possíveis para conseguir a sua transferência.

O júri do troféu «Edmond Gentil», destinado a galardoar o melhor ciclista do Mundo, ou, pelo menos, o que tenha realizado a proeza mais sensacional, foi atribuído ao luxemburguês Charly Gant; pelo seu triunfo na Volta à França. Os adversários eram de monta, mas o júri deixou-se impressionar pela acção do «anjo da montanha» na grande corrida. O valor da nova «vitória» de Charly mede-se melhor sabendo-se que os outros candidatos eram Riviera («record» do Mundo da hora), De Bruyne (3.ª vitória no Desgrange-Colombo) e Van Looy (pelos seus brilhantes triunfos em várias provas). Sob o ponto de vista do conjunto, a Bélgica obteve o 1.º lugar.

HIPISMO

Os cavaleiros alemães não participam no Concurso Internacional de Lisboa

WARENDORF, Alemanha, 12. — Os planos de enviar a Lisboa uma equipa para participar no Concurso Hipico Internacional parecem ter sido prejudicados pelos numerosos convites que, de todo o Mundo, são enviados aos cavaleiros alemães.

«Os nossos cavaleiros têm dificuldade em cumprir todos os compromissos tomados com os diversos países — declara um informador da Comissão Hipica Alemã. Por esta razão, não poderemos mandar uma equipa a Lisboa, o que muito lamentamos. — (A. N. I.).»

Hoje, à noite

BASQUETEBOL — Prossegue o «Nacional» da 2.ª Divisão (zona Sul A), com os seguintes encontros: Alvalade-Liberdade e Campo de Ourique-Universitário, em Campo de Ourique, às 21.30 e 22.30 horas; Atlético-Lisboa Ginásio, na Tapadinha, às 22 horas.

HOMENAGEM — Na sede do Vitória Clube de Lisboa, às 21.30 horas, são homenageadas a equipa do clube e a do Benfica, que conquistaram os campeonatos da 2.ª e 1.ª divisões, em ténis de mesa. Exibem-se as jogadoras do Benfica, Leonor Cadillon e Helena Setimeli. Profere uma palestra sobre futebol o treinador Otto Glória.

TENIS DE MESA — Continua o campeonato regional com partidas às 21.30 horas, nas mesas do Sporting, Belenenses, Avila, Amoreiras, Benfica, Ateneu, Operário, Monte Pedral, F. C. Lisboa, Académico e Técnico.

Corporativo (2.ª divisão): Comércio-Refinaria Sueca-Laboratório, às 21.15, na Mouraria; C. Africanã-Vaultier e Seguros-Regina, à mesma hora, nas mesas dos primeiros.

TOMÁS BARRIS

corre no «Cross das Nações»

BARCELONA, 12. — O atleta espanhol Tomás Barris acedeu definitivamente a reforçar a equipa do seu país, que vai tomar parte, em Lisboa, no «Cross das Nações», que se realiza no dia 21.

Em virtude da sua decisão, Barris modificou os seus planos de treino, abandonando os exercícios de pista a favor de uma boa preparação para a prova de Lisboa. — (A. N. I.).

Vida religiosa

Comunhão pascal

de oficiais, sargentos e praças

Por iniciativa da Capelanía do Governo Militar de Lisboa, e a exemplo dos anos anteriores, estão a decorrer, em dias marcados, as comunhões pascaes dos oficiais, sargentos e praças das unidades militares da capital.

Hoje, às 9 horas, receberam a sagrada partícula, na igreja paroquial do Campo Grande, soldados e cabos do Regimento de Engenharia 1 e da Escola Prática da Administração Militar.

Pelo padre major Arnaldo Duarte, capelão do G. M. L., foi celebrada missa, e proferida uma homilia, durante a qual lembrou aos soldados os seus deveres para com a Pátria, para com os seus superiores e para com as suas famílias.

Depois abeiraram-se da sagrada mesa e receberam a comunhão algumas dezenas de soldados, cabos, sargentos e oficiais daquelas unidades.

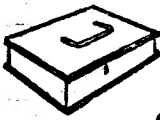
Procissão dos Passos, em Vilar dos Mouros

SEIXAS DO MINHO, 12. — No domingo, celebra-se na freguesia de Vilar dos Mouros a festividade do Senhor dos Passos, com procissão na qual se incorpora a banda de música de Lanhelas, havendo sermão e outras luzidas cerimónias.

— Na freguesia de São Bento de Seixas haverá no dia 21, a festividade de São Bento chamada Festa de Inverno —, que consta de missa a grande instrumental, de manhã; e à tarde, arraial, com o concurso da banda de música de Lanhelas, e outros divertimentos.

Em ALGÉS o «Diário de Lisboa» e o «Sempre Fixe vendem-se na Agência Cultural, Avenida Combatentes da Grande Guerra».

«Ou sim, ou não!»



CONCURSO

Ou Sim, ou Não!



Nome.....

Morada.....

Telef.....

IMPORTANTE: — Serão eliminados os boletins que não forem cortados pela linha pontuada, que não venham escritos em letra bem legível, ou se apresentem colados em bilhetes postais, papéis ou cartões.

Juntamente com os principais jornais diários do País, voltamos hoje a publicar o boletim de inscrição do já popular concurso «Ou sim, ou não!», promovido pela Radiotelevisão Portuguesa. Este boletim será publicado diariamente, até ao próximo dia 22.

Como os leitores do «Diário de Lisboa» já sabem, para concorrer a «Ou sim, ou não!» bastará enviar a R. T. P., devidamente preenchido, o referido boletim. Os concorrentes terão, ainda, de observar as seguintes regras: os boletins devem ser recortados a direito, pela linha limite que os contorna; indicarem o nome e a morada dos concorrentes, de forma bem legível e de modo a não suscitar qualquer dúvida acerca da identificação dos mesmos concorrentes; e não se apresentarem marcados ou colados em bilhetes postais, papéis ou cartões.

A não observância de qualquer destas normas determinará a anulação dos respectivos boletins, que devem ser encerrados em sobrescritos e dirigidos a: Concurso «Ou sim, ou não!», R. T. P. — Radiotelevisão Portuguesa, S. A. R. L. — Rua de S. Domingos, 4 Lapa, 26, Lisboa-3.

Cada sobrescrito pode incluir vários boletins, até mesmo boletins de vários concorrentes.

PULLOVERS

para homem e senhora
Echarpes de lã Mohair

TORRE EIFFEL

104 - Rua do Carmo - 106

Veja a Televisão

Mas defenda os seus olhos. Com os óculos próprios de protecção.

Exclusivo de:

GIL - OCULISTA

138, Rua da Prata, 140

LISBOA Telefones: 25381-22529

BOLHEMVIDO DIA

HA TRINTA ANOS

Comemorava-se o centenário de João de Deus e o «Diário de Lisboa» ouvia no dia 12 de Março de 1929 o dr. Afonso Lopes Vieira que dizia:

«O culto de João de Deus é dos mais puros e elevados que podem render-se em Portugal. A medida que os anos têm passado, a figura e a obra do grande poeta têm crescido sempre, de modo que hoje quase o ilumina uma áurea legenda. Passou agora o 99.º aniversário do seu nascimento e o Grupo dos Amigos de João de Deus, a que tenho a honra de presidir, pensamos em erigir uma «exedra», desenhada por Raul Lino e encimada por um busto de Costa Mota no Jardim da Estrela.

EFEMERIDES

No dia 12 de Março de 1956 foi em Moscovo assinado o tratado de paz russo-finlandês.

PROGRAMAS DE RADIO

EMISSORA — A's 18: Noticiário e danças; 18 e 45: Canções hispano-americanas; 19: Desdobramento; 21: Noticiário; 21 e 15: Desdobramento; 23 e 45: Noticiário, boletim meteorológico e fecho.

Programa «A» — A's 19: Mocidade; 19 e 30: Canções e orquestras; 19 e 45: Ares da nossa terra; 20: Jornal sonoro; 20 e 15: Orquestras típicas; 20 e 30: Novidades em discos; 21: Junção dos emissores; 21 e 15: Transmissão do Teatro Nacional de S. Carlos da ópera em 3 actos «Turandot», de Puccini. No intervalo: 12.º episódio da adaptação radiofónica da obra do cardeal Wiseman «Fabiola». No 2.º intervalo: «Duas Gerações», e música de arco; 23 e 45: Junção dos emissores.

Programa «B» — A's 19: «Fantasia e fuga em sol menor», de Bach; «Quinteto em lá maior», de Schubert; 19 e 50: Noticiário regional; 20: Que quer ouvir? «Scheherazade», suite op. 35, de Rimsky-Korsakov; «Suite Bergamasque», de Debussy; 21: Junção dos emissores; 21 e 15: Orquestra de Billy Vaughn; 21 e 30: Que quer ouvir? 22: A Voz da Cidade; 22 e 20: Roteiro musical; 22 e 45: Viagens ao mundo da dança; 23 e 15: Danças; 23 e 45: Junção dos emissores.

RADIO CLUBE — A's 17: Cantares de Espanha; 17 e 30: Imagens por música; 18: Fados; 18 e 15: Ritmos de baile; 18 e 45: Interlúdio feminino; 19: Variedades; 20 e 15: Apontamento do dia; 20 e 30: Magazine; 22 e 30: Orquestras e canções; 23: Concerto; 23 e 30: Música do Brasil; 23 e 45: Agenda; 23 e 50: Solistas; 0 e 30: Noticiário; 0 e 40: Ritmos de baile.

Estação de Miramar — A's 18 e 30: Ritmos de baile; 19 e 15: Interlúdio musical; 19 e 30: História da Rua das Flores; 20: Boletim informativo; 20 e 15: Uma orquestra e uma voz; 20 e 30: América Latina; 20 e 45: Lendas da nossa terra; 21: Noticiário; 21 e 15: Melodias; 21 e 45: Canções; 22: Lettura; 22 e 30: Orquestras ligeiras; 22 e 45: Cozinha alentejana; 23: «Concerto, para piano e orquestra, n.º 2», de Beethoven; 23 e 30: Trechos recreativos; 0: Ritmos de baile.

RADIO RENASCENÇA — A's 18 e 30: Terço e bênção; 19 e 25: Boletim do S. C. R.; 19 e 30: Estrelas da Air France; 19 e 45: O conjunto The Platters; 20: Música para o seu jantar; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21 e 5: As últimas novidades; 21 e 30: Música de Espanha; 21 e 50: Melodias de Paris; 22: Programa da estação do Porto; 22 e 20: Música sinfónica; 22 e 45: Noticiário; 22 e 57: Boletim religioso; 23: Serão familiar.

POSTOS CENTRALIZADOS — Das 14 e 30 às 19 e 30: Rádio Gracã; 19 e 30 às 22: Voz de Lisboa; 22 às 2: Club Radiofónico de Portugal.

TELEVISAO

Hoje, às 21, abertura da emissão; 21 e 2, noticiário do País e do estrangeiro; 21 e 10, jornal de actualidades internacionais; 21 e 20, «Desfile de Espectáculos»; 21 e 45, «O Despertador»; 22 e 40, «Os camponeses e os monstros de Bruegel, o Velho»; 22 e 55, «A construção da música»; 23 e 15, actualidades nacionais e ultimas notícias; e 23 e 30, fecho da emissão.

FARMACIAS DE SERVIÇO

TURNO H — Marques — Estrada de Benfica 648, Tel. 780096; Sousa — Estrada de Benfica, 429-431, Tel. 780027; Aguiar — Avenida Columbano Bordalo Pinheiro, 98-A, Tel. 764629; Leal de Matos — Rua Neves Costa, 33-35, Carnide, Tel. 780181; Prates e Mota — Rua da Beneficência, ao Rego, 91, Tel. 773728; Patuleia, Herdeiros — Rua do Lumiar, 122-124, Tel. 779332; Cabrita — Campo Grande, 220-222, Tel. 772397; Aeroporto (Do) — Avenida do Aeroporto, lote 318, loja-D, (à Avenida D. Rodrigo da Cunha), Tel. 722384; Alvalade — Avenida da Igreja, 18-B, Tel. 777170; Vera Cruz — Praça Afranio Peixoto, 2-B (à Avenida São João de Deus, Tel. 724941. Onilda — Avenida João XXI, 13-A, Tel. 726843; Miranda — Campo Pequeno, 36-B/C, Tel. 770776; Vale — Avenida Marquês de Tomar, 45-49, Tel. 773043; Cruz Nunes — Praça Duque de Saldanha, 14, Tel. 41845. Novais — Avenida Luis Bivar 11-13, Tel. 44324; Salutar — Rua Conde de Redondo, 9-A, Tel. 43314; Ascensos, Ld. — Rua J. lote 48, Bairro da Encarnação, Tel. 388172; Marvila (De) — Rua Direita de Marvila, 25, Tel. 381612; Marluz — Calçada da Picheleira, 140-B/C, Tel. P. P. C. 720703-728395; Nova Luz — Rua D. Domingos Jardo, à Av. D. Afonso III, 28-A, Tel. 843439; Martins, Ld. — Rua Fernão de Magalhães, 33, Tel. 849448; Arnali — Rua das Escolas Gerais, 88-A, Tel. 863940; Morão — Largo da Graça, 63, Tel. 860700; Simões — Rua Padre Sena Freitas, 10-A, Tel. 842518; Nobel — Rua Actor Vale, 53, junto à Fonte Monumental, Lado Sul, Tel. 842152; Damásio & Cordeiro — Rua Morais Soares, 56-C, Tel. 847708; Oriental de Lisboa — Rua de Arroios, 215, Tel. 45079; Colonial — Rua Forno do Tijolo, 40, Tel. 841122; Pulido — Rua dos Anjos, 41, Tel. 50730; Central de Campolide — Rua General Taborda, 17, Tel. 680304; Urbano de Freitas — R. Silva Carvalho, 1-9, Tel. 662838; Porfírio — Rua Francisco Metrass, 59, Tel. 663349; Paivas & Parente — Rua de Santo António, à Estrela, 96-98, Tel. 665196; Silva Santos — Rua da Escola Politécnica, 80, Tel. 660280; Ocidental — Rua D. Jerónimo Osório, JPM, 3, Tel. 610256; Remísio — Rua dos Jerónimos, 14-C, Tel. 631699; J. A. Silva — Rua dos Quartéis, 25-27, Tel. 637777; Lisbonense — Rua do 1.º de Maio, 15, Tel. 637020; S. A. E. Silva, Filhos — Rua S. João da Mata, 74, Tel. 661010; Vieira — Rua dos Poiais de S. Bento, 73, Tel. 663573; Gonçalves, Ld. — Rua da Rosa, 176-178, Tel. 32687; Centro Farmacêutico — Rua das Portas de Santo Antão, 88, Tel. 21211; Tavares — Rua da Palma, 194, Tel. 863350; Unifa — Rua da Vitória, 21, Tel. 23793 — A —

CONFERÊNCIAS

As 22 horas, no salão do grupo «Amigos de Lisboa», o publicista Alfredo Ferreira do Nascimento falará sobre «A ponte sobre o Tejo — um sonho a caminho da realidade».

QUEM PERDEU?

Relação dos objectos achados ontem em Lisboa, e entregues na P. S. P. (Governo Civil): Um livro com o título «Flor d'Alisá»; um relógio de pulso de senhora; um esquadro de plástico; duas canetas de tinta permanente; dois tampões de roda de automóvel e de depósito de gasolina; meia folha de papel selado; um livro de cheques de Felismina Afonso; um bilhete de lotaria; um distintivo de «A Mundial»; um bivaque com emblema da M. P.; um porta-moedas com uma chave; umas protecções de plástico, para resguardar as pernas; uma bomba de ar para bicicleta; um aro de roda de automóvel; um filtro para óleo; uma nota do Banco de Portugal; um envelope em nome de Carlos Augusto de Carvalho e Vasconcelos; um véu de senhora; uma chapa de veículo n.º AD-40-59; um alicate; diversas luvas desirmanadas; diversas chaves; um guarda-chuva; um tampão de roda de automóvel; um par de luvas de «nylon» para senhora; e uma caneta de tinta permanente, achada na es-

tação dos C. T. T. de Alcantara, onde se encontra.

Também se encontra no Sindicato Nacional dos Motoristas de Lisboa: uma navalha; um estetoscópio; cinco sombrinhas; uma bomba de ar para bicicleta; quatro guarda-chuvas; dois porta-moedas com dinheiro; um embrulho com uma jarra com flores artificiais; uma mala de senhora com diversos objectos; uns óculos de sol; dois pares de luvas; uns óculos graduados; uma capa de plástico; duas bisnagas com cola; um saxofone; uma gramática alemã; uma cigarrera de metal; um boné de homem; e um chapéu de capa para senhora.

CARTAZ DO DIA

TEATROS

NACIONAL — A's 21.30 — «O processo de Jesus».
AVENIDA — A's 21.45 — «Um marido em rodagem».
ABC — A's 20.30 e 22.45 — «Vilão novo».
MONUMENTAL — A's 21 e 45 — «Eles, elas... e os meninos».
TRINDADE — A's 21.45 — «Os pássaros de asas cortadas».
MARIA VITORIA — A's 20.30 e 22.45 — «Encosta a cabecinha e chora».

CINEMAS

TIVOLI — «O assombroso Sr. Penypacker».
SAO LUIZ — «Gata em telhado de zinco quente».
SAO JORGE — «Os nus e os mortos».
IMPERIO — «Testemunha de acusação».
EDEN — «A costureirinha da Sé».
POLITEAMA — «A mosca».
MONUMENTAL — «Gigi».
CONDES — «As diabólicas».
ODEON — «Fúria de ambições».
ROMA — «Lazzarella».
CAPITOLIO — «A noiva raptada».
AVIS — «O arquiduto e a costureira».
ALVALADE — «Gata em telhado de zinco quente».
RESTELO — «Um valente».
OLIMPIA — «A noite em que o Mundo explodiu».
IDEAL — «O filho pródigo».
JARDIM — «Herói e traidor».
PROMOTORA — «Romeu e Julieta».
CAMPOLIDE — «Polícia Internacional».

PUBLICAÇÕES

«Comércio Português»

O ultimo numero da revista «Comércio Português», órgão da Associação Comercial de Lisboa (Camara de Comércio), referente ao trimestre Outubro-Dezembro de 1958, insere um editorial muito oportuno do presidente da Associação, sr. dr. Elisio Vilça, sob o tema: «Metrópole e Ultramar uma unidade económica»; um estudo dos Serviços de Estudos Económicos da Associação Comercial de Lisboa, sobre a «Exportação da Metrópole para as províncias de Angola e Moçambique» e ainda: «Ciclo de conferências sobre os problemas actuais da exportação portuguesa»; «Articulação da Escola com a profissão», pelo dr. Caetano Leglise da Cruz Vidal; «O II Congresso Nacional da Marinha Mercante», «Interdependência do desenvolvimento da Marinha Mercante e da política de Fomento e Comércio com o Ultramar», «Problemas da exportação portuguesa», «Associação Comercial da Índia Portuguesa», «Imposto de Sobrevalorização no Ultramar», «Comércio de batata de semente», além das habituais secções: «Vida associativa», «Noticiário diverso», etc.

Um jogador angolano para o Benfica

LUANDA, 12 — O futebolista Fernando Roque, defesa-central do Beira Vista e da selecção de Nova Lisboa, está em negociações para ingressar no Sport Lisboa e Benfica — segundo anuncia o jornal «A Província».

Trata-se de um jogador — acrescenta o mesmo jornal — de confirmadas qualidades e com excepcionais condições para a prática do futebol. — (A. N. I.).

BOLSA DE LISBOA

Fundos do Estado	Efect.	Compra	Venda	C.º Ultramarinas	Efect.	Compra	Venda
Cons. 2 3/4 % T. 10	950\$00	949\$00	951\$00	Ilha do Principe	—	1.900\$00	1.970\$00
Cons. 3 % T. 10	983\$00	982\$50	983\$50	Incomati	—	3.250\$00	3.300\$00
Cons. 3 1/2 % T. 10 s/j	1.011\$00	1.010\$00	1.011\$00	Moçambique	135\$00	134\$00	136\$00
Centenários 4 % 1940	2.218\$00	2.215\$00	2.220\$00	Zambézia	118\$00	118\$00	119\$00
Obg. Tes. 2 1/2 % 1942	—	1.015\$00	1.020\$00	Diamantes T 100	705\$00	705\$00	707\$00
Obg. Tes. 2 1/2 % 1943	—	—	—	Lobito T 10	1.270\$00	1.270\$00	1.280\$00
Obg. Tes. 2 1/2 % 1944	—	—	—	C.º Diversas	—	—	—
Externo 1.ª série	—	1.293\$00	—	Cimentos Fejo	—	510\$00	540\$00
Ext. 1.ª série car.	—	1.293\$00	—	Cimentos Leiria	—	490\$00	495\$00
Externo 2.ª série	—	1.300\$00	—	Credito Predial	41\$50	41\$30	—
Ext. 2.ª série car.	—	1.310\$00	—	Industrial Aliança	—	300\$00	302\$00
Externo 3.ª série	—	1.405\$00	—	Portugal e Colónias	396\$00	395\$00	397\$00
Ext. 3.ª série car.	—	1.405\$00	—	Nacional Navegação	—	—	—
Caut. 3.ª série s/juro	—	200\$00	—	Colonial Navegação	1.040\$00	1.038\$00	1.045\$00
Obrigações	—	—	—	Port. de Celulose	2.370\$00	2.360\$00	2.380\$00
Agua Lisboa 5 %	—	—	515\$00	Portuguesa de Pesca	—	—	—
Norte de Portugal 5 %	105\$50	105\$00	106\$00	Port. de Tabacos	305\$00	300\$00	305\$00
Gás Elect. 3 3/4 %	—	945\$00	948\$00	Tabacos de Portugal	—	760\$00	770\$00
Gás Elect. 4 %	967\$00	—	967\$00	Sacor	—	3.350\$00	3.370\$00
Gás Elect. 4 1/2 %	999\$00	998\$00	1.000\$00	Agua Electricidade e Gás	—	—	—
Gás Elect. 5 %	—	1.018\$00	1.022\$00	Agua Lisboa 1934	—	290\$00	298\$00
U. E. P. 3 3/4 %	—	—	90\$00	Agua Lisboa 1936	—	286\$00	290\$00
U. E. P. 4 % 1945	—	—	—	Elect. das Beiras	1.295\$00	1.293\$00	1.300\$00
U. E. P. 4 % 1948	—	—	94\$00	Gás e Electricidade	295\$00	295\$00	295\$00
U. E. P. 4 1/2 %	—	—	—	H. Alto Alentejo	136\$50	136\$00	137\$00
U. E. P. 5 % 1951	—	100\$50	—	H. E. Cávado	—	1.217\$00	1.225\$00
U. E. P. 5 % 1952	—	100\$50	—	H. E. Zêzere	1.215\$00	1.213\$00	1.220\$00
Metropolitano	—	—	1.030\$00	Nac. de Electricidade	—	1.345\$00	1.345\$00
Accões	—	—	—	União Elect. Port	—	188\$00	190\$00
Bancos	—	—	—				
Alentejo	—	—	—				
Angola	710\$00	700\$00	—				
Espirito Santo	—	—	—				
Lisboa & Açores	—	—	—				
Portugal	—	2.025\$00	2.035\$00				
Ultramarino	1.648\$00	1.646\$00	1.650\$00				
Seguros	—	—	—				
Mundial	460\$00	460\$00	470\$00				
Nacional	—	—	—				
Sagres	—	—	—				
Tagus	—	—	—				
C.º Ultramarinas	—	—	—				
Ag. Casseque	1.435\$00	1.435\$00	1.440\$00				
Ag. das Neves	—	650\$00	690\$00				
Agric. Colonial	650\$00	630\$00	655\$00				
Açúcar de Angola	1.950\$00	1.930\$00	1.980\$00				
Boror	273\$00	271\$00	274\$00				
Cabinda	—	—	—				
Cadã	—	—	—				
Colonial do Buzi	226\$00	225\$00	227\$00				

PINTO de MAGALHÃES, LDA.

BANQUEIROS

Capital e reservas: 60.000 contos

Depósitos á ordem e a prazo. Descontos de letras s/o País e estrangeiro. Aberturas de créditos. Notas estrangeiras, moedas e metais preciosos. Títulos e cupões

TODAS AS OPERAÇÕES BANCARIAS

LISBOA: R. do Ouro, 95/99—Tel. PPC 366056 (5 linhas)

PORTO: Rua Sá da Bandeira, 53—Tel. 20133—PPC—

BURNAY, LDA.

RUA DO OURO, 72

Notas estrangeiras

TELEF. 21273

Papeis de crédito

PAISES	COMPRA	VENDA
Africa do Sul	78\$75	80\$25
Alemanha	6\$80	6\$95
América:		
Dólares de 1 a 2	28\$30	28\$60
Dólares de 5 a 1000	28\$50	28\$80
Argentina	\$40	\$44
Austria	\$110	\$115
Bélgica	\$55,5	\$57,5
Brasil	\$19	\$21
Canadá	29\$00	29\$50
Congo Belga	\$55	\$57
Dinamarca	3\$95	4\$25
Espanha	\$47,8	\$49,3
França	\$05,65	\$05,85
Holanda	7\$45	7\$75
Inglaterra	79\$75	81\$25
Itália	\$04,5	\$04,7
Marrocos	\$05,7	\$06,2
Noruega	3\$85	4\$15
Suécia	5\$40	5\$70
Suíça	6\$58	6\$70
Ouro:		
Inglaterra (Libra)	273\$00	283\$00
Portugal — Barra	32\$55	32\$95
Portugal — Barra Fino	32\$85	33\$35